

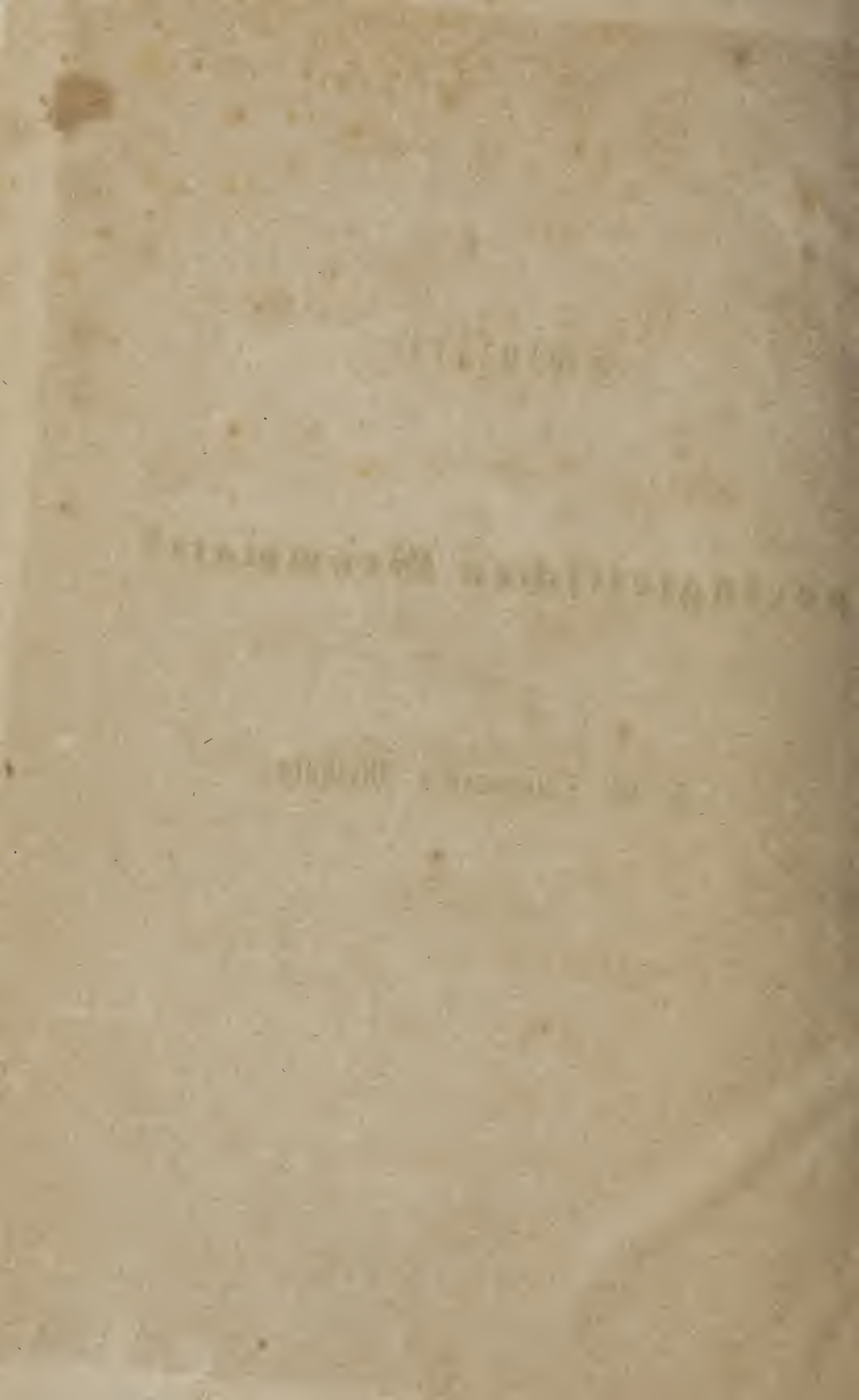
Schlüssel

zur

portugiesischen Grammatik

nach

H. G. Ollendorff's Methode.



Schlüssel

zu der nach

Ollendorff's neuer Methode

bearbeiteten

portugiesischen Sprachlehre

von

Ph. Anstett.

Die Uebersetzung

der in der Grammatik vorkommenden Aufgaben
enthaltend.

Für Lehrer und zum Selbstunterricht

eingerichtet.

Frankfurt a. M.
Carl Jügel's Verlag.
1863.

Schlüssel zu den Uebungen.

Exercicios.

1. Primeiro.

Vmcê. tem o chapéo?—Sim, tenho o chapéo.—Tem o seu chapéo?—Sim, senhor, tenho o meu chapéo.—Tem o meu chapéo?—Não, senhor, tenho o meu chapéo.—Que chapéo tem?—Tenho o seu chapéo.—Vmcê. tem o pão?—Tenho o pão.—Vmcê. tem o meu pão?—Não, senhor, tenho o meu pão.—Tem o seu pão?—Não, senhor, tenho o pão de vmcê.—Que pão tem vmcê.?—Tenho o meu pão.—Que bengala tem vmcê.?—Tenho a minha bengala.—Tem a sua bengala?—Sim, senhor, tenho a minha bengala.—Tem o açucar?—Sim, tenho o açucar.—Tem o meu açucar?—Não, tenho o meu açucar.—Tem o meu papel?—Sim, tenho o seu papel.—O senhor tem o meu pão?—Sim, senhor, tenho o seu pão.—Que sabão tem vmcê.?—O sabão de vmcê.—Tem o seu canivete?—Sim, tenho o meu canivete.—Que canivete tem?—Tenho o meu canivete.—Que annel tem?—Tenho o meu annel.

2. Segundo.

Tem o meu bonito cavallo?—Não, senhor, não o tenho.—Quer o seu velho çapato?—Sim, senhor, quero o meu velho çapato.—Tem o seu bonito çapato de couro?—Tenho-o.—Que cavallo tem vmcê.?—Tenho o meu bom

cavallo. — Que çapato quer vmcê.? — Quero o seu velho çapato de couro. — Tem a sua camisa? — Não a tenho. — Tem a sua bonita camisa? — Sim, tenho-a. — Tem a minha camisa de algodão? — Não, senhor, não a tenho. — Que camisa quer? — Quero a minha camisa. — Tem o bom panno? — Não, tenho o panno feio. — Tem o meu lindo panno? — Não, senhor, não o tenho. — Que panno tem vmcê.? — Tenho o seu velho panno. — Tem o seu velho sabão? — Não o tenho. — Tem o meu bom sabão? — Não, senhor, não tenho o seu sabão. — Que velho canivete quer vmcê.? — Tem a sua boa espingarda? — Tenho a minha velha espingarda. — Tem a sua bonita espingarda? — Sim, senhor, tenho a bonita espingarda. — O senhor tem a minha camisa? — Sim, senhor, tenho a sua bonita camisa de algodão. — Quer o meu bonito çapato de couro? — Não, não o quero. — Que annel de ferro tem vmcê.? — Tenho o seu annel de ferro. — Quer o meu lindo annel? — Não, senhor, não o quero. — O senhor tem a minha bonita camisa de seda? — Não, senhor, tenho a sua velha camisa. — Que cão quer? — Quero o cão do meu amigo. — Quer o meu bonito cavallo? — Sim, senhor, quero o seu bom cavallo.

3. Terceiro.

Quer o bom café? — Não, senhor, quero chá. — Tem queijo? — Sim, senhor, tenho queijo. — Quer o meu dinheiro? — Não quero o seu dinheiro. — Tem alguma cousa linda? — Sim, senhor, tenho o candieiro de prata do visinho. — Tem o lindo cavallo? — Não tenho o lindo cavallo. — Quer-o? — Não o quero; quero a bengala de ferro. — Tem somno? — Não tenho somno nenhum. — Que candieiro quer vmcê.? — Quero o candieiro de prata. — Que tem vmcê.? — Não tenho nada. — Não tem vergonha? — Não, senhor, não tenho vergonha. — Tem o panno de seda? — Não tenho panno de seda. — Quer o annel de prata? — Não quero annel de prata. — Tem fome? — Não, tenho sede. — Tem somno? — Não tenho somno. — Que tem? — Tenho o botão de ouro. — Que quer? — Quero a bengala

do visinho. — Quer dinheiro? — Não quero dinheiro.— Quer vinho? — Não quero nada de vm^{cê}. — Que tem? — Tenho o cão do visinho.—Quer pão?—Não quero pão; tenho bom pão.—Quer o meu cão?—Não quero o seu cão; quero o cão do seu visinho. — Que tem o visinho?— O visinho tem o bonito çapato de seda da senhora. — A senhora não tem vergonha. — Tem fome?— Não quero a sua bengala. Quero o seu candieiro de ouro.

4. Quarto.

Quer aquelle cavallo?—Não, quero este cavallo.—Tem o livro do meu visinho?— Não o tenho. — Tem medo do calor? — Não, tenho medo do frio. — Tem calor? — Não, não tenho calor. — Tem frio? — Sim, tenho frio. — Tem medo do meu amigo? — Não tenho medo d'elle. — Tem carvão? — Não, meu senhor. — Quer o meu cavallo? — Não, meu senhor, não quero o seu cavallo.—Quer pão de padeiro? — Não, senhor, não tenho fome. — Quer o meu vestido de seda ou o meu vestido de algodão? — Tenho o seu vestido de algodão, mas quero tambem o seu vestido de seda. — Quer pão de casa ou pão de padeiro? — Quero pão de casa. — Quer carvão? — Não, meu senhor, ainda tenho carvão. — Quer vinho velho e bom pão de casa?—Não quero nem vinho, nem pão, porque não tenho nem fome, nem sede.—Quer chá ou café, pão ou queijo?— Não quero nada, meu senhor, não tenho nem fome, nem sede. — Tem o meu vestido de seda? — Não, senhor, não tenho. — Quer o cavallo do meu amigo ou o seu? — Quero o meu. — Tem medo do cavallo do visinho? — Não, meu senhor, não tenho medo do cavallo do visinho.— Tem medo do cão do padeiro? — Não, senhor, não tenho medo do cão do padeiro, mas tenho medo do cão do visinho.—Quer o bonito botão de ouro da senhora do padeiro? — Não o tenho; quero-o. —

5. Quinto.

Tem o meu annel de ferro ou quer o seu chapéo de seda? — Não tenho chapéo. Não quero o chapéo do

senhor. — Quer o meu canivete ou o seu? — Tenho o seu; quero o meu. — Tem o sabão de sua senhora? — Não o tenho. — Que sabão tem? — Tenho o bonito sabão do meu visinho. — Quer o meu cão? — Não, senhor, não quero o seu velho cão. — Tem a minha camisa de seda ou a do meu visinho? — Tenho a de vmcê.; não quero a do visinho. — Tem medo. Quer a minha velha espingarda de ferro? — Não tenho medo; não quero a sua espingarda. Não tem vergonha? — Não, senhor, não tenho vergonha. Tem a sua bengala? — Sim, senhor, a de ferro. — Quer alguma cousa linda? — Quero o panno de seda ou o botão de prata. — Tem alguma cousa boa? — Sim; senhor, tenho alguma cousa boa. — Que cousa boa tem? — Tenho a bonita bengala do meu amigo. — Que quer? — Quero dinheiro. — Quer este livro ou aquelle? — Quero aquelle livro. — Tem medo d'aquelle homem? — Não, senhor, não tenho medo d'aquelle homem. — Tem o carvão do padeiro? — Sim, senhor, tenho-o. — Quer o meu cavallo? — Não, não o quero. Tenho o cavallo do amigo de vmcê. — Quer vinho? — Não, não tenho sede. — Quer pão? — Sim, tenho fome. — Tem o meu cavallo ou o seu cavallo? — Tenho o meu cavallo. — Que quer este homem? — Quer pão e vinho, tem fome e sede.

6. Sexto.

De que vinho gosta, do meu ou do vinho do visnho? — Não gosto nem do vinho de vmcê., nem do vinho do visinho. — Vmcê. dá ouro ou prata ao commerciante? — Não tenho nem ouro, nem prata. — Tem o lapis do seu amigo ou o do seu visinho? — Não tenho nem o do amigo, nem o do visinho. — Quer o chapéo ou a bengala? — Não quero nem o chapéo, nem a bengala. — O carpinteiro quer o seu martello. Tem o? — Não o tenho. — Tem o martello ou o lapis do carpinteiro? — Não tenho nem o martello, nem o lapis do carpinteiro. — De que lingua gosta mais, da allemã ou da portugueza? — Não gosto nem da allemã, nem da portugueza. — Quer o meu chapéo de chuva, ou o de minha mulher [senhora]? — Não quero nem o seu guarda-

chuva [o seu chapéo de chuva], nem a de sua senhora.— Quer vinho portuguez? — Não, não gosto do vinho portuguez. — Quer o burro ou o cavallo de meu tio? — Não quero nem o burro, nem o cavallo de seu tio. — Quer o meu martello de ferro?— Não, quero o martello de ferro de seu pai.— Quer o meu guarda-chuva de seda ou o de algodão? — Não quero nem o seu guarda-chuva de seda, nem o de algodão. — Gosta mais do calor ou do frio?— Não gosto nem do calor, nem do frio. —

7. Septimo.

Quer o meu annel ou o seu? — Quero o seu. — Que annel quer?—Quero o annel de ouro.—Quer chá e café?— Sim, quero chá e café.—Quer vinho e pão?—Não quero nem vinho, nem pão. — Quer o livro allemão ou o francez?— Não quero nem o livro allemão, nem o francez.— Quer o livro hespanhol?—Sim, quero o livro hespanhol.— O negociante tem o bonito cavallo do Francez, ou tem elle o do Inglez? — Tem o do Francez. — Tem o bonito burro do visinho?—Não, tenho o meu burro.—Os rapazes de vmcê. tem medo dos meus?—Não, não tem medo delles. —Esta senhora tem dinheiro? — Não, não tem dinheiro. —

8. Octavo.

Gosta de vinho?—Não, gosto mais de cerveja.—Quer vinho?—Não, não quero vinho.—Quer carneiro ou gallinha? — Não, não quero nem carneiro, nem gallinha. — Tem o seu chapéo, senhor capitão?—Sim, senhor, tenho o meu chapéo. — Quer do meu vinho ou do vinho do meu visinho? — Não quero nem do seu, nem do vinho do seu visinho.—Quer chá?—Não, quero café.—O rapaz do capitão tem medo de vmcê.? — Não tem medo de mim. — O capitão tem a minha navalha? — Tem a navalha de vmcê. —Quer carneiro ou presunto?—Não quero nem carneiro, nem presunto.—Quer a minha faca ou a de minha mulher?—Não quero nem a de sua senhora, nem a sua.— Quer o annel de prata do pai ou do tio? — Não quero

nem o de meu pai, nem o de meu tio, quero o meu.— Qual é o seu?—O meu nem é de ouro, nem é de prata, é de ferro.—Tem dinheiro?—Não, meu senhor, não tenho dinheiro.—Tem medo ou tem vergonha?—Não tenho medo, nem tenho vergonha.—Tenho eu razão ou não?—Vm^{cê}. não tem razão; eu tenho razão.—

9. Nono.

É a minha culpa ou a sua?—Não é a minha culpa é a sua.—Seu tio tem uma bonita casa?—Tem uma bonita casa.—Seu pai tem um bonito jardim?—Sim, meu pai tem um bonito jardim.—Tem uma bonita navalha?— Sim, meu senhor, tenho uma bonita navalha.—Meu amigo tem medo de vm^{cê}.?—Não, não tem medo de mim.—Tem medo de seu tio?—Não, não tenho medo delle.— Quer uma faca?—Não, não quero faca.—O capitão tem dinheiro? —Sim, tem dinheiro.—Quer um lapis?—Não, não quero lapis.—Quer carneiro ou presunto, carne ou gallinha?— Não quero nem carneiro, nem presunto, nem carne, nem gallinha.—Aquelle capitão tem razão ou não?—Não tem razão.—Gosta de vinho?—Gosta de vinho francez?— Gosta de carneiro?—Não, gosto de presunto.—Quer desta gallinha?—Não quero d'aquelle presunto.—Quer deste vinho?—Não, meu senhor.—Este capitão é seu amigo ou aquelle?—Este capitão não é meu amigo.—Tem razão ou não?—Não tenho razão.—Tem a minha navalha ou a do meu amigo?—Não tenho nem a do amigo de vm^{cê}., nem a sua.—

10. Decimo.

Quem gosta de vinho francez?—O Inglez gosta de vinho francez.—Quem tem a minha mala de couro?— A criada do visinho a tem.—Quem quer a bonita espingarda do meu velho amigo, o capitão francez?—O criado do camponez a quer.—Tenho eu o seu passaro ou o do commerciante?—O passaro é meu.—Quer-o?—Não o quero. Ninguem o quer.—Este homem é feio. Ninguem

gosta deste homem. — Gosta de arroz? — Sim, senhor, gosto de arroz.—Tem um criado?—Sim.—Quem é o seu criado? — O meu criado é o menino de um camponez hespanhol.—Que quer o bonito rapaz do alfaiate?—Quer o seu velho vestido de seda e a sua casaca de algodão.—Tem frio? Quer a minha casaca de algodão?—Não tenho frio, meu senhor. — Alguem quer a espingarda do meu amigo?— Ninguem a quer. — Alguem tem algodão inglez ou seda franceza?—Ninguem tem seda franceza. O commerciante, meu visinho, tem algodão inglez.—Senhor capitão, qual é o seu cavallo, este ou aquelle?—Senhor este cavallo é meu, aquelle é o do meu visinho.

11. Undecimo.

Alguem quer queijo e pão?—Ninguem quer pão, nem queijo.— Alguem quer vinho?—Ninguem quer vinho. — Alguem tem a minha navalha?—Ninguem tem a navalha de vmcê. — Alguem tem a minha mala? — Ninguem tem a mala de vmcê.—Que quer, meu senhor?—Não quero o seu vestido de seda, quero o seu vestido de algodão. — Não tem razão, meu senhor. Um vestido de seda é alguma cousa bonita.—Quem tem o meu annel de ouro?— Este saloio o tem. É o rapaz do criado do meu visinho.— Que tem o amigo do meu visinho? — Tem uma velha casaca. — Quem [é que] tem o meu vestido de seda? — O criado de seu pai o tem.—Quer o seu vestido?—Não, senhor, quero o de algodão.—A senhora do alfaiate inglez tem o panno de seda ou o de algodão?—Tem o de seda.— Quer carvão inglez ou francez? — Não quero nem inglez, nem francez. — O commerciante hespanhol tem o meu dinheiro e o do meu amigo. — Quer a minha mala ou a sua? — Não quero nem a de vmcê., nem a sua. Quero a minha mala de couro. — Que tem o criado do meu amigo?—Tem um cavallo e um burro.— Alguem tem o meu chapéo? — Ninguem tem o chapéo de vmcê. —

12. Duodecimo.

Quem [é que] tem o meu botão de ouro?—Ninguem o tem.—Qual é o cavallo que o senhor capitão quer, o hespanhol ou o inglez?—Quero o inglez.—Que livro quer vmcê., o meu ou o de minha mulher?—Quero o de vmcê..—Quer a minha mala ou a de minha mulher?—Quero a de sua senhora.—Quer deste vinho ou daquelle?—Quero deste. Aquelle não e bom.—Tem razão, meu senhor, aquelle é mão.—O seu cuzinheiro tem bom carneiro?—Não, senhor, a carne que tem é má.—Alguem tem a navalha do meu cuzinheiro?—Senhor, eu não a tenho. Quer-a?—Não, senhor, não a quero.—Ninguem gosta de meu velho amigo. Gosta delle?—Não, senhor, não gosto delle.—O alfaiate quer o meu vestido de seda e o seu. Tem o?—Não, a senhora do alfaiate o tem.—O saloio tem sede?—Sim, senhor, tem sede.—Tem dinheiro?—Não tem nem dinheiro, nem vinho.—Quer a minha casa ou a de meu tio?—Não quero nem o de seu tio, nem a de vmcê.—Tem o meu martello?—Não, senhor, tenho o meu martello.—

13. Decimo-terceiro.

Que feno quer o capitão?—Quer o do saloio.—O estrangeiro tem o meu espelho?—Não tem espelho.—Quem quer dinheiro?—Eu quero dinheiro.—Quem quer o cavallo inglez, que o meu amigo, o capitão inglez tem tido?—Eu não o quero, mas o pai do meu amigo o quer.—Quer a mala de couro, que o marujo tem tido?—Não, senhor, não a quero.—O Inglez gosta do Francez?—Não, o Inglez não gosta do Francez, nem o Francez do Inglez.—Quer a minha espingarda ou a do meu amigo?—Quero a do seu amigo.—Quer o meu espelho ou o de minha mulher?—Não quero nem o de vmcê., nem o de sua senhora, mas quero o meu.—O estrangeiro quer desta fazenda ou daquella?—Não quer nem desta fazenda, nem daquella.—Quem quer a minha casaca?—O alfaiate a quer.—Que cavallo tem tido?—Tenho tido um cavallo

inglez. — Que burro quer, o meu ou o de meu tio? — Quero o de vm^{cê}·—Que quer, meu senhor.—Meu senhor, quero panno.—Quer panno inglez ou francez?—Não quero nem panno inglez, nem panno francez, mas quero panno portuguez.—A arvore é bonita?—Sim, não é feia.—Este burro tem feno? — Não, senhor, tem cevada, o feno é máo.—Quer feno ou cevada? — O meu cavallo tem pão, não quer nem feno, nem cevada. — Este jardim é o do meu visinho, aquelle o do meu amigo. Que jardim quer?—Não quero nem este, nem aquelle. Tenho o jardim, que o commerciante tem tido.—De quem tem este panno de seda?—Tenho o de um commerciante hespanhol. — Quer-o? — Não, senhor, não quero o seu panno de seda. — Tem o feno deste jardim ou de aquelle? — Nem deste, nem de aquelle, meu senhor. Tenho o feno do bosque do meu visinho.—O marujo tem sede?—O marujo inglez tem sede, o francez fome, o allemão somno. Dou um colchão a este, gallinha e arroz a aquelle, mas ao Inglez dou vinho.—Quer o meu boi ou o meu burro?—Meu senhor, eu tenho este, mas quero aquelle.

14. Decimo quarto.

O seu criado quer este sacco ou aquelle?—Não quer este sacco, mas aquelle. — Quem quer a minha casa? — Quero aquella ou esta. Qual é a sua?—Aquella bonita casa é a minha.—Quem tem razão e quem não?—O criado do Inglez tem razão. O meu criado não tem razão. — Quer este çapato de seda ou aquelle de couro? — Não quero nem o seu çapato de seda, nem o seu çapato de couro. — Tem um amigo? — Sim, meu senhor, o tio de vm^{cê}· é o meu amigo.—Ainda tem outros amigos?—Não, não tenho outros.— O negociante tem um bonito genero. Quer-o?—Não, meu senhor, não quero genero deste negociante.— Que quer?— Quero dinheiro.— Quer dinheiro hespanhol, meu senhor, ou dinheiro inglez?— Não gosto nem do ouro inglez, nem do ouro hespanhol.—Quem quer o bilhete inglez, seu pai ou seu tio? — Nem meu pai o quer, nem meu tio. — Quer o trigo do meu visinho, ou

o de meu pai?—Não quero nem o do pai de vmcê., nem o do seu visinho.—

15. Decimo quinto.

Que candieiro quer a senhora do visinho de vmcê. ?—Quer o candieiro de prata.—Quer da minha cevada?—Não, quero da cevada do pai de vmcê.—Que navio tem o capitão, o que tenho tido ou o que vmcê. tem tido?—Não tem o que eu tenho tido, nem o que vmcê. tem tido.—Senhor, tem a minha mala de couro?—Quem? Eu? Não tem vergonha, meu senhor? A mala, que eu tenho é minha.—Não, meu senhor, não é sua, mas é minha. É a que eu tenho tido.—Tem tido gallinha e arroz?—Sim, minha senhora, tenho tido gallinha e arroz.—Quer chá e carneiro, meu senhor?—Não, minha senhora, não quero carneiro: mas quero chá, tenho sede.—Alguem quer chocolate?—Ninguem quer chocolate, alguem quer café, queijo e pão.—Quem é seu pai?—É o seu visinho, o commerciante inglez.—Que rapaz é o seu amigo, o do Francez ou o do Allemão?—Não tenho amigo.—Quem quer o meu chapéo de chuva?—Eu quero o seu chapéo de chuva.—Que chapéo de chuva quer, o de seda ou o de algodão?—Não quero nem o de seda, nem o de algodão.—O rapaz tem o passaro?—Não, senhor, não o tem.

16. Decimo sexto.

Qual é o seu cuzinheiro?—O gordo é o meu.—Os ourives tem as cruzes de prata de vmcê.?—Não, meu senhor, tem os de ouro.—Tem javalis?—Não, meu senhor, não temos.—Qual é a sege, que vmcê. quer?—Quero a sege do capitão.—Tem as pequenas colheres de prata ou as grandes?—Tenho as pequenas, mas quero as grandes.—Tem algumas cousas bonitas. Dá estas bonitas cousas aos meninos do visinho?—Não, minha senhora, não dou nada aos meninos.—Qual destes commerciantes é o Inglez abastado?—Aquelle é abastado, mas este é rico.—Este homem alto é allemão?—Não, meu senhor.—Qual

é o preço deste vinho?—O preço deste vinho é muito alto.—Quer estas colheres de prata?—Não, quero aquellas colheres de ouro.—Que querem as mulheres?—Querem as minhas rosas.—Quer chapéos de seda?—Sim, meu senhor. Tem chapéos de seda?—Não, não tenho.—Quer destes vinhos ou daquelles vinhos?—Não quero vinhos.—Quer os burros ou os cavallos?—Não quero burros, nem cavallos.—Quer a minha carruagem ou a de meu pai?—Gosto mais da carruagem de seu pai.—Tem cavallos?—Não.—Quer os meus cavallos ou os de meu tio?—Gosto mais dos cavallos de seu tio.—Que tem os ourives?—Tem bonitas cruzes de prata e de ouro.—Que tem o negociante e o seu visinho?—O visinho do negociante tem luvas. O negociante tem arroz, café, chá e chocolate.—Quer as casas de saloio?—Não, senhor, não quero casas de saloio.—Quer luvas de seda ou de couro?—Não quero nem de seda, nem de couro. Tem luvas de algodão?—Sim, senhor, tenho estas. O visinho tem luvas, que tem um valor muito grande.—Quem quer as arvores do jardim do seu visinho?—O Inglez não as quer, mas o Francez quer algumas destas arvores.—Que tem o capitão?—Tem bonitos navios.

17. Decimo septimo.

Que tem o seu menino?—Tem bonitos passaros.—As mulheres tem pannos de seda?—Não, meu senhor, não querem,—Seu tio tem os vinhos, que eu tenho tido, ou os que vmcê. tem tido?—Não tem estes, tem aquelles.—Que colchão tem o marujo portuguez?—Tem um colchão de algodão.—Quer algumas bonitas cousas?—Sim, senhor, que tem?—Tenho pannos de seda, candieiros de prata, cousas de ouro.—Não quero os seus generos, meu senhor. Não tenho dinheiro.—Quem tem o meu chapéo de chuva?—A mulher do Francez o tem.—O estrangeiro tem as nossas boas espingardas?—Não as tem, mas tem os nossos vestidos.—Tem os seus çapatos?—O çapateiro não os tem, o alfaiate os tem.—Meu senhor, o presunto que tem é excellente. Quer carneiro?—Não, meu senhor, quero

presunto.—Quem quer bonitos çapatos?—Eu, meu senhor. —Quer estes çapatos ou aquelles? — Quero aquelles. O meu criado quer estes.—A lingua portugueza é bonita?— Sim, meu senhor. A lingua portugueza é muito bonita e muito rica.—Os cavallos tem a sua cevada?—Tem tido feno, meu senhor.—O carpinteiro quer os meus martellos de ferro?—Não, não os quer, tem-os.—Gosta das bonitas rosas do meu jardim?—Sim, senhor.—Seu pai tem um burro ou um cavallo?—Não tem nem burros, nem cavallos. Tem uma bonita sege.

18. Decimo octavo.

Tem os generos dos meus armazens? — Não, minha senhora, tenho os dos armazens do Americano.—Gosta dos sons da minha rebeca?—Sim, senhor, os sons da sua rebeca são muito altos. — O ourives tem os seus anneis de prata, ou os meus de ouro?—Tem os seus de ouro, meu senhor.—De que pasteis gosta, de pasteis de carne ou dos do padeiro? — Não gosto nem destes, nem de aquelles. — Seus irmãos tem as rebecas? — Sim, senhor, tem as suas rebecas. — São bonitos os botões da minha camisa?—São de ouro, quer botões de prata?—Não, meu senhor, gosto de botões de ouro.—Os cães tem pão e carne? — Tem tido pão.—Gosta de vestidos azues?—Meu irmão gosta muito de vestidos azues. Não gosto do vestido azul do irmão.—O Hespanhol tem os punhaes do Americano ou os do Russo?—Tem os do Russo. Os do Americano são de ferro. — Suas irmãs tem os meus lençoes? — Tem os.—Sua filhinha tem vestidos de seda azul?—Sim, meu senhor.—Seus filhinhos são doceis?—Não são indoceis.— Sua filhinha é alta? — Não, meu senhor, é pequenina.— O padeiro tem pasteis muito grandes?— Não, tem pastelinhos muito pequeninos.

19. Decimo nono.

Os preços dos seus generos são muito altos, meu senhor? — Não, meu senhor, são muito baixos.— O seus visinhos

tem atuns?—Sim, senhor, tem os.—Tem bonitas florzinhas? —Tenho lindas rosas.—Os seus amigos tem luvas de pelle e çapatos de couro? — Tem luvas de seda e çapatos de panno.—Os capitães tem bons vinhos portuguezes?—Tem vinhos francezes. Os marujos tem vinhos portuguezes.— O seu alfaiate tem generos inglezes?—Tem panno francez.—O meu visinho tem pannos inglezes.—Quer as espingardas dos marujos?—Não, quero os seus punhaes.—São ageis os marujos inglezes? — Sim, senhor, são muito ageis.—Quer esta florzinha azul, meu senhor?—Quero-a.— Tem os generos do meu alfaiate?—Não gosto dos generos, que tenho. O seu alfaiate não tem bonitos pannos.— Quer as navalhas de ferro?—Não, senhor, quero punhaes.— Quem quer pastelinhos?—Eu, meu senhor.—As mulheres tem pão e queijo?—Não, tem atuns.—Quer os meus funis de ferro?—Sim, quero os.—Tem livros francezes ou inglezes?—Os meus amigos tem livros portuguezes, eu tenho inglezes.—Quem são os seus amigos?—Os filhos do capitão francez são os meus amigos.—Quer chapéos de chuva de seda?—Quero chapéos de chuva de algodão.—Os seus amigos tem espingardas francezas ou inglezas? — Tem espingardas francezas.—Tem colheres de prata ou de ouro? Tenho de ouro. O ourives tem as de prata.—Quer estas flores ou aquellas rosas?—Quero aquellas rosas.—O commerciante tem armazens ou não?—Não tem.

20. Vigesimo.

Seu irmão tem muito dinheiro? — Não, não tem muito dinheiro.—Gosta da vista deste jardim?—Não, não gosto muito della.—Quer um vestido de seda azul?—Não, gosto mais d'um vestido de algodão. — Gosta da minha carruagem?—Não, meu senhor. — Gosta das filhinhas do commerciante allemão?—É verdade são muito cortezes, mas são muito debeis. — O Americano tem pouco dinheiro. É capaz de uma acção má? — Não é capaz de uma acção má. — Que bulha! Os meninos não tem pão? — Não, meu senhor, querem pão. Tem fome. — Quer as florzinhas azues do jardim do visinho? É um homem

muito cortez.—Tem as flores americanas?—Não, meu senhor, tenho flores francezas.—O alfaiate quer os vestidos azues de vmcê. ou os de sua mulher?—Quer os de sua mulher.—Os saloios são capazes destas acções?—São capazes de acções traidoras.—A vista da sua casa é bonita?—Tenho uma vista muito pequena, a dos jardins dos meus visinhos.—Quer uma navalha americana ou um punhal hespanhol?—Quero punhaes hespanhoes.—Seu filhinho tem um vestido azul. É verdade?—Não, meu senhor, minha filhinha tem um vestido azul.—As suas irmãs são bonitas?—São muito bonitas.—Que tem os Allemães?—Tem mulheres cortezes.—Que tem os Hespanhoes?—Tem bons vinhos.—Que tem os Francezes?—Tem lindos pannos de seda.—Que tem os Russos?—Tem bom sabão.—Que tem os Americanos?—Tem navios e marujos.—Que querem os Portuguezes?—Querem navios inglezes.

21. Vigesimo primeiro.

Que acções são desagradaveis?—As acções muito más não são agradaveis.—Quer as minhas luvas ou as de minha mulher?—Quero as luvas de vmcê.—Quer carneiro ou presunto cru?—Quero carneiro e chá.—O carvão inglez é bom?—Não tenho carvão inglez, mas tenho carvão francez.—Que cães são os seus?—Estes cães muito grandes são os meus, aquellos pequeninos são os seus.—O Allemão tem bonitos chapéos de chuva?—Não.—Esta verdade é agradavel aos homens?—Não, meu senhor, ella é desagradavel a muitos.—Quer um pouco deste pastelinho?—Sim, meu senhor, quero um pastelinho.—Seu filho tem um bonito cão. É verdade?—Sim, meu senhor, é verdade.—Tem fome?—Tenho pouca fome.—Quer carne crua?—Não, meu senhor, não quero carne crua.—O seu filhinho tem dinheiro ou tem vestidos azues?—Não tem nem dinheiro, nem vestidos azues.—Quem é o seu visinho?—O Russo é o meu visinho.—Quem [é que] tem a minha navalha hespanhola?—Eu a tenho, meu rico senhor.

22. Vigesimo segundo.

Os cavallos inglezes são bons?—São muito doceis, meu senhor.—Os cavallos hespanhoes são bons?—Alguns são muito debeis, alguns muito indoceis.—O carpinteiro tem o seu sacco ou o de seu irmão?—Tem o sacco de seu irmão.—Quer um pouco de vinho hespanhol?—Quero algum vinho hespanhol.—Sua irmã tem o meu livro azul?—Não, senhor, minha filha o tem.—Seu filho é alto?—Não, é muito baixo.—Que quer, panno de seda ou panno de algodão?—Estes pannos são inglezes, aquelles são francezes.—Quero panno inglez. Não gosto destes pannos inglezes.—Gosta da lingua russa?—Não, meu senhor, gosto da lingua allemã.—Quer as lindas flores de meu irmão?—Não, quero as bonitas flores de sua irmã.

23. Vigesimo terceiro.

Quer mandar estes chapéos para a França?—Não os mando nem para a França, nem para a Inglaterra, mas para Portugal.—Tem mandado as minhas malas para o Norte ou para o Sul?—Tenho mandado a sua mala para Castella.—Tem mandado as flores para a Inglaterra?—Não, não tenho mandado flores para a Inglaterra.—Quem é seu irmão?—Aquelle senhor alto é meu irmão.—Tem um pente?—Tenho tres.—Tem os meus quadros?—Tenho tres delles.—Tem quadros grandes ou pequenos?—Tenho cinco grandes e sete pequenos.—Os seus vestidos são bonitos ou feios?—Não são nem bonitos, nem feios.—Tem mandado os pannos azues ao Turco ou ao Italiano?—Quero mandar pannos de seda ao Italiano e pannos de algodão ao Turco.—Tem um lapis?—Tenho um.—Seu menino tem um bom livro?—Tem um bom.—O Allemão tem um bom navio?—Não tem.—O commerciante tem muitos navios?—Tem tres grandes e dous pequenos.—Os seus chapéos são do armazem do commerciante americano ou do francez?—São do armazem do Inglez.—Gosta deste vinho?—Sim, é delicioso.

24. Vigesimo quarto.

Quer mandar a suas irmãs estes chapéos de chuva de seda? — Não, minhas irmãs não querem chapéos de chuva.—Quer mandar um pouco de vinho ao marujo?— Não. Elle não tem dinheiro.—Quer mandar os seus navios para o Norte ou para o Sul, para a Inglaterra ou para Portugal? — Mando os pequenos para a Inglaterra, os grandes para Portugal. — Quer duas espingardas e um punhal?—Não quero espingarda, nem punhal, mas quero seis navalhas inglezas. — Quer um copinho de vinho?— Quero dous ou tres. — Tem as minhas duas malas de couro?—Eu tenho uma, meu senhor, e o seu criado tem outra.—Quer mandar os meninos para o meu jardim ou para o seu? — Mando meus meninos para o seu jardim, e seus meninos para o meu —Gosta desta vista deliciosa do [sobre o] mar.—Gosto da vista dos jardins.—São doceis seus meninos e cortezes suas meninas?—Estas não o são, aquelles o são. — Quem é o irmão de seu pai? — Aquelle senhor alto é meu tio. — Tem muitos irmãos e irmãs? — Tenho quatro irmãos e tres irmãs. — Quer mandar um pastelinho a meu menino?—Não tenho.

25. Vigesimo quinto.

Quer a minha bonita navalha?—Sim, senhor, quero-a. — Quer alguns dos quadros do pintor? — Quero tres delles.—Que tem o meu visinho?—Tem chapéos velhos e novos.—De que vinho gosta?—Gosto de vinho do Sul da França. — Que quer o Italiano? — Quer os seus generos.—Que quer o saloio?—Quer o seu dinheiro.—O saloio tem muitos bois?—Não, tem poucos bois, mas tem muitos cavallos.—Quer mandar seu menino para a Inglaterra ou para a França?—Eu o mando para Portugal.— Seu pai tem muitos jardins?—Tem muitas casas, mas tem poucos jardins.—Quer chá ou vinho?—Quero pouco chá e não quero vinho.—Quem é o amigo de vmcê.?—O meu visinho.—Quem é o çapateiro de vmcê.?—Não tenho çapateiro.—Tem fome ou sede?—Não, tenho somno.—Quer

este quadro? — Não, não o quero. — Quem tem o meu pente?—Eu o tenho.—Seu irmão tem uma carruagem?—Sim, tem uma carruagem e seis cavallos.—Tem um bonito jardim? — Tenho dous. — Quer deste presunto? — Não, não quero presunto.—Quer mandar [alguns] destes bonitos generos para Portugal?—Não, senhor, mando-os para a França.—Quer esta mala de couro ou aquella?—Não quero nem esta, nem aquella. — Quem tem o meu lençol? — Sua mulher o tem. — Tem muitos lençoes? — Tenho sete lençoes.—Qual é o navio, que quer mandar para a Inglaterra?—Aquelle grande. Mando este pequeno para o Sul.

26. Vigesima sexta.

Quantas navalhas tem?—Tenho duas boas navalhas. — Tem uma boa mala? — Tenho tres boas malas. — Quantos navios tem o negociante?—Tem dez.—Que idade tem este cavallo?—Tem seis annos.—[Que idade] Quantos annos tem seu rapaz?—Tem cinco annos.—Quantos annos tem sua senhora?—Tem quarenta annos.—Quantas filhas tem o seu amigo?—Tem quatro filhas.—Quantos quartos tem? — Tenho doze bonitos quartos. — Quantos minutos tem o dia? — Dous dias tem mil oitocentos e oitenta minutos. — Quantos jardins tem este commerciante? — Tem muitos jardins, mas tem somente três bonitos. — Quer algum dinheiro?—Sim, senhor, quero dez mil reis. — Tem muito dinheiro? — Não, tenho sómente algumas libras.—Quantas filhas e quantos filhos tem?—Tenho sete filhos e tres filhas.—Quantos tios tem?—Tenho tres tios. — Quer ouro ou prata? — Quero dez libras e trinta e dous pintos.—Quem quer muito dinheiro?—O çapateiro quer quatro cruzados, o alfaiate quer tres libras, o saloio quer dez libras, e o criado sete libras.—Quantos cavallos quer?—Quero dez ou doze cavallos e oito ou nove burros.

27. Vigesima septima.

Quantos visinhos tem?—Tenho sómente um visinho. —Quer pouco pão ou muito?—Quero muito presunto e

pouco pão.—Que tem mais sede, o saloio ou seu filho? —O saloio tem mais sede do que seu filho.—Quem tem mais fome, vmcê. ou seu amigo?—Meu amigo tem mais sede do que eu.—Não tem fome?—Não, meu senhor.— Quer muito chá ou pouco?—Quero um pouco de chá e muito pão.—O chapéo de sua senhora é mais bonito do que o de minha senhora?—O chapéo de minha senhora é tão bonito, como o de sua senhora. — De que vinho gosta mais, do hespanhol ou do francez? — Gosto mais de vinho hespanhol. — Qual é o preço deste vestido?— O preço não é muito alto.—Qual é o preço deste chapéo de seda?—O preço é muito alto.—Qual é o preço deste annel? — O preço deste annel é alto. — Que vestido é mais bonito, o do seu visinho ou o de seu tio?—Nenhum delles é bonito. Os Turcos tem generos de algodão mais bonitos que os Italianos? — Sim, mas os trabalhos dos Turcos tem o seu preço. — Qual é o preço destes botões de ouro?—É muito alto.—Que vista é mais linda, a do seu jardim ou a do mar?—A do mar é mais linda que a do jardim.

28. Vigesimo oitavo.

O rapaz tem alguns bonitos passaros?—Tem quinze. —Quantas gallinhas tem o cuzinheiro?—Tem doze, meu senhor.—Isto não [é] basta[nte]. Quantas tem vmcê.?— Tenho seis.—Quero mandar as suas ao cuzinheiro. Mas não tem bastantes gallinhas. — Qual é o preço deste colchão?—Uma libra, meu senhor.—O preço do colchão é alto demais. Não o quero. — Que colchão quer? — Não quero este, quero aquelle.—Temos bastante dinheiro? — Não temos bastante [dinheiro]. — Quer mandar para Inglaterra os colchões, que eu tenho tido? — Não, meu senhor, mando somente arroz para Inglaterra. — O cuzinheiro tem bastante açucar?—Sim, mas quer chocolate, chá e arroz.—Qual é o preço destas luvas de pelle? —O preço destas luvas não é alto.—Quantos annos tem o pai de vmcê.? — Tem quarenta e cinco annos. — Quantos annos tem a mãe de vmcê.? — Minha mãe tem

trinta e seis annos. — Quantos annos tem o irmão de vmcê. ?—Meu irmão tem quinze annos.

29. Vigesimo nono.

Quantos livros tem?—Tenho alguns poucos. — Quer alguns livros hespanhoes?—Tenho alguns.—O preço do seu espelho é alto?—Não é muito alto.—O seu criado tem muitos anneis? — Tem alguns de ouro, outros de prata e muitos de ferro.—O alfaiate tem muitos botões? —Tem muitos, alguns de prata, outros de ouro.—Quem é que tem razão e quem não? — Nos temos razão, os nossos amigos não tem razão. — Quem tem a minha carruagem e os meus cavallos?—Meu pai tem a carruagem de vmcê.—Quem é que tem a culpa, vmcê. ou seu irmão? — Ambos temos a culpa, meu senhor. — Quer mandar dinheiro a seu pai ou a seu tio? — Quero mandar dez libras a meu pai e dez a meu tio.—Qual é o preço deste boi?—Quarenta mil reis, moeda portugueza, meu senhor. — Qual é o preço deste vinho? — Quatro libras, meu senhor, ou dezoito mil reis. — Qual é o valor de uma libra ingleza?—Quatro mil e quinhentos reis, meu senhor.

30. Trigesimo.

A nona parte de uma moeda portugueza é pouco mais ou menos quinhentos reis. Quantos reis tem a moeda?—Tem quatro mil e oitocentos reis.—A quantos estámos?—Estámos a trinta é um de Março. — Quer mandar os seus navios para o Norte? — Quero mandar os meus navios para a Madeira.—Tem bons marujos?— Não, mas tenho um bom capitão. — Que quer, meu senhor? — Quero uma oitava de chá e tres oitavas de café. — Tem tido pão é presunto? — Tenho tido pão e carneiro. — Que horas são? — É meio dia. — A quantos estámos?—Hoje é o dia vinte e seis de Março.—Quantos irmãos tem? — Tenho dous irmãos e duas irmãs. — Os çapateiros tem muitos outros çapatos? — Não, senhor, mas não quer estes? — Não, quero çapatos de couro. —

Quem tem a mala de couro, que quero mandar para a Inglaterra?—Meu irmão a tem.—Quanto dinheiro quer mandar ao seu irmão?—Quarenta mil reis.

31. Trigesimo primeiro.

O quanto mez do anno é o mez de Junho?—O mez de Junho é o sexto, o mez de Julho o septimo e o mez de Março o terceiro. — Que tomo quer a mulher do alfaiate? — Quer o septimo tomo do livro hespanhol. — Que tomo tem?—Tenho o primeiro tomo do livro francez, o terceiro do inglez, o quinto do allemão. — A quantos estámos hoje? — É o primeiro de Março. — Quer este annel, meu senhor? — Não, quero outro. — Qual destes dous candieiros é o de prata?—Um é de prata, o outro de ouro. — Meu senhor, quantos botões quer o seu alfaiate?—Quer doze ou quinze.—Não quer outra cousa? —Não, só quero botões de prata e de ouro.—Tem trigo? — Tenho muito trigo. — Quantos annos tem o tio de vmcê.? — Tem sessenta annos. É muito mais velho do que o irmão de vmcê. — Quantos annos tem a irmã de vmcê.?—Tem vinte annos.

32. Trigesimo segundo.

Quer chá quente ou frio? — Quero chá frio e agua quente.—Seu filhinho quer agua fria ou quente?—Quer agua quente. Tem medo da agua fria.—Tenho eu botões redondos?—Sim, tem alguns.—Quem é que tem o meu capote verde? — Eu não o tenho, o alfaiate o tem. — Quer esta mesa redonda ou aquella triangular? — Não quero nem uma, nem outra.—Que vinho quer?—Quero vinho tinto.—Ainda quer vinho tinto?—Já não quero.— Quantas malas quer mandar a seu tio? — Dez, pouco mais ou menos. — Quantos dias ainda tem este mez? — Ainda tem sete. — Não mais? — Não, não tem mais. — Ainda quer alguma cousa? — Não, já não quero mais nada. — Ainda quer alguns bons quadros? — Não, não quero mais outros. Não gosto muito dos quadros deste

pintor. Os de seu irmão são muito mais bonitos. — Quem é que tem mais navios o commerciante inglez ou o hollandez?—Este não tem muito mais que aquelle.

33. Trigesimo terceiro.

Ainda temos muitos outros espelhos? — Não, não temos mais outros que estes poucos. — Tem mais outro jardim, os nossos visinhos?—Não tem, senão este, mais outro não tem. — O alfaiate ainda tem mais alguns botões?—Ainda tem cinco ou seis.—Tem muito presunto, o nosso cuzinheiro? — Já não tem muito. — Ainda tem carneiro?—Tem muito mais do que presunto.—O saloio ainda tem muito feno? — Já não tem muito vinho, mas ainda tem muito feno e ainda muito mais trigo. — Este saloio é muito rico é abastado.—Quantos marujos ainda tem este capitão hollandez?—Ainda tem muito mais do que vinte, mas querem o dinheiro delles e elle não o tem. — Quantos filhos tem? — Tenho sómente um, mas meu irmão tem mais que eu, tem cinco. — Ainda temos feno? Os nossos cinco cavallos ainda tem fome e sede? —Não temos mais feno. Mas ainda temos um pouco de cevada e muita agua.—O seu amigo ainda tem açucar e vinho?—Ainda tem, mas não tem mais pão.—O saloio ainda tem alguns bois?—Ainda tem sete ou oito. Mas seu irmão tem muito mais, cento e cincoenta pouco mais ou menos.

34. Trigesimo quarto.

O carpinteiro tem bastantes cravos?—Tem mais que dous mil.—Quantas luvas ainda quer?—Não quero mais outras.—A quantos estámos?—A sete de Julho.—Que horas são? — São seis horas menos um quarto pouco mais ou menos. — Ainda tem alguns livros do commerciante americano?—Não, não tenho outros.—Quer estas colheres de prata e estes botões de ouro? — Não gosto muito das colheres, mas dos botões.—Tem razão, mas o valor das colheres e muito maior do que o dos botões.—

Que vista tem do seu jardim? — Tenho a vista sobre o mar e os navios.—Quer estes dous cavallos?—Qual é o preço delles?—Quatrozentas libras!—Quer mandar o seu criado para a Hollanda? — Sim, ainda hoje, não quero mais nada delle.—Não temos mais outros bons criados? — Sim, ainda temos muitos. Quero mandar a vmcê., ainda hoje, dez ou doze.

35. Trigesimo quinto.

Tem um vestido?—Tenho muitos.—Tem um espelho? — Tem muitos. — Que espelhos tem? — Tem bonitos espelhos. — Quer deste bolo? — Não, não gosto de bolo. — Seu irmão tem meninos? — Tem cinco. — Vmcê. tem queijo? — Não tenho. — Tem mais chá do que café?— Tenho tanto chá como café. — Este homem tem tantos amigos, como inimigos? — Tem tantos destes como de aquelles. —Tem tantas camisas como çapatos, o filho do seu amigo? — Tem tantos destes como de aquelles. — Quanto dinheiro tem na sua mala?—Exactamente tanto, como vmcê. na sua. Ao mais cinco reis. — Isto não é muito. — Não é nem mais, nem menos que vmcê.. —Tem as minhas dez libras ou não as tem?—Não tenho o seu dinheiro, nem o quero.

36. Trigesimo sexto.

A sua casa é tão bonita como a minha? — Não, é mais bonita.—O jardim de seu tio é mais bonito que o de seu pai? — Este é tão bonito, como aquelle. — Tem bonitas filhas ou feias?—Tenho sómente bonitas filhas.— Quer algodão ou seda? — Não só quero algodão, mas tambem seda. — Quem quer agua quente? — Não quero agua quente, quero agua fria. — Quer mandar o seu capote ao alfaiate?—Sim, quero lho mandar ainda hoje.— Temos muitos amigos, mas mais inimigos ainda.—Quem é que tem mais do que nos? — Ninguem tem tantos inimigos como vmcês., mas tambem ninguem tem tantos inimigos. — Quem é o seu amigo? — Um homem muito

divertido. Sua mulher ainda é mais divertida que elle. — Quer muito vinho ou pouco? — Quero ao mais um copinho de vinho tinto.—Tem muito vinho. Quer mandar alguns copos para o jardim?—Sim, minha senhora, [tantos] quantos quizer.

37. Trigesimo septimo.

Quantos cães tem o seu visinho, o commerciante escocez? — Tem tres grandes e cinco pequenos. — Os pequenos cães são muito mais pequenos que os meus?— São tão altos como os meus, pouco mais ou menos. — Tem bonitos cavallos, o capitão francez?—Sim, tem uma parelha de cavallos que são muito bonitos. —Que horas são?—São duas e meia, pouco mais ou menos.—Quantos pares de botas tem? — Tenho tres pares de botas e quatro pares de çapatos.—O preço d'um par de botas é alto?—Uma libra e meia.—Quantas camisas tem nesta mala?—Tenho mais que trinta e seis camisas.—Quantos criados tem no seu armazem? — Tenho sómente cinco e dous rapazes.—Quem quer mandar para a Inglaterra?— O meu criado mais velho.

38. Trigesimo oitavo.

Tem muitas fazendas de ferro da Hollanda? — Não tenho fazendas da Hollanda, mas muitas da Escocia. — Quantos filhos ainda tem o saloio? — Ainda tem quatro. —As botas de vmcê. são tão bonitas como as minhas?— As de vmcê. não são tão bonitas como as minhas. — O irmão do negociante é seu inimigo?—Não, é meu amigo. — Que horas são? — Ao mais seis e meia. — Tem um bonito panno. Quer mandar a metade a minha mulher? — Quero mandar uma terceira parte a sua mulher. — Que quer?—Quero tres oitavas de açucar e duas oitavas de café.—O seu cavallo é tão bonito como o do Italiano? —É muito mais bonito.—Quem quer o quarto de vmcê.? — Ninguem o quer. — Quer o seu café já? — Não, não quero café, quero vinho, pão e presunto. — Ainda tem

algum dinheiro? — Sim, tenho ainda vinte libras pouco mais ou menos. — Qual é o tomo que tem? — Tenho o septimo tomo da primeira parte, e ainda quero o oitavo e o nono.—Não tenho estes tomos.

39. Trigesimo nono.

Tem muita vontade de comer e de beber? — Não tenho vontade nenhuma.—Que razões tem para trabalhar? —Quero trabalhar para fazer alguma cousa.—Que razões tem para mandar tres navios para a Inglaterra e dous para a Hespanha? — Quero mandar vir algodão da Inglaterra e fazendas de seda da Hespanha.—Gosta mais de fallar portuguez do que de fallar castelhano?—Gosto mais de fallar portuguez do que de fallar castelhano.—Tem tempo de comprar botões para os seus vestidos?—Não, não tenho tempo de fazê-lo.—Quer comprar panno para camisas?—Não, não tenho tempo para comprar panno.—Tem vontade de beber vinho?—Tenho mais vontade de comer alguma cousa.—Tem tempo de vender o couro ao çapateiro?—Tenho pouco tempo.—Quer dividir este bolo em duas partes?—Uma metade é para seu filho, a outra para sua filhinha.—Quer abrir esta mala para não rompê-la? —Tenho mais vontade de rompê-la.

40. Quadragesimo.

Tem vergonha de trabalhar? — Não, não tenho vergonha de remendar velhos çapatos.—Quer comprar este martello?—Não tenho vontade nenhuma de compra-lo.—Tem tempo de cortar este couro?—Não, não tenho nem tempo, nem vontade.—Quer comprar alguns cavallos?—Não, tenho vontade de comprar burros. — Quer buscar vinho ao marujo?—Não tenho tempo hoje.—Quer vender os seus cavallos e os seus burros ainda este mez? — Não, já não quero vendê-los.—Que quer fazer dos seus velhos çapatos? — Quero manda-los para o çapateiro.—Tem tempo de remenda-los?—Tem tempo, mas não tem muita vontade.—Quer mandar este navio para Portugal

ainda hoje? Tenho vontade de fazê-lo; mas meu irmão não o quer.—Quer mandar os seus velhos vestidos para o alfaiate? — Sim. Quer elle compô-los? — Quer, hoje não tem outro trabalho.

41. Quadragesimo primeiro.

Quem tem vontade de beber o meu vinho? — O marujo inglez quer fazê-lo. — Quem quer levantar do chão o meu çapato? — O meu criado quer fazê-lo. — Alguem quer comprar uma parelha de cavallos inglezes? —Ninguem quer comprar cavallos.—Quem quer buscar a minha mala?—Eu quero fazê-lo.—Que razões tem para mandar seu filho para Portugal? — Não o mando para Portugal, mas para a Hespanha.—O Inglez tem bonitas fazendas?—Ainda não tem, mas quer comprar fazendas de seda.—Quantos cavallos quer mandar para a França? — Vinte e seis, pouco mais ou menos. — Quer comprar mais outro vestido a sua mulher? oder Ainda quer comprar um vestido a sua mulher?—Não, quero comprar um á irmã della.

42. Quadragesimo segundo.

Quem tem vontade de comprar um bonito cão da Escocia?—Ninguem tem vontade de compra-lo.—Quem tem vontade de comer do meu carneiro, e de beber do meu vinho tinto?—Muitos marujos tem vontade disso.— Tenho eu razão ou não de cortar as arvores do meu jardim?—Não tem razão.—Quantas camisas quer comprar? — Vinte e seis. — Tem vontade, o saloio, de vender os seus dous bois?—Sim, quer vender ambos.—Tem vontade de comprar os quadros do pintor? — Sim, para vendê-los.—O cuzinheiro não tem vontade de comprar carneiro? — Não, elle não gosta desta carne. — Tem tempo de comprar um canivete a meu filho?—Não, hoje não tenho tempo.—Quer fallar?—Não, não tenho vontade nenhuma.

43. Quadragesimo terceiro.

Quer jogar?—Quero jogar, mas não muito tempo.— A quem quer dar o meu punhal?—Ao irmão de seu tio. — A quem quer mandar estas dezoito espingardas? — Ao capitão, que as quer.—Gosta de jogar?—Não, gosto mais de trabalhar. — Tenho eu o gosto de fallar com o amigo do pai de minha mulher?—Sim, sou o amigo do pai de sua mulher. — Como está? — Muito bom. E o senhor?—Menos mal. Como está sua senhora?—Muito boa e tambem meus meninos.—Sua mulher está doente? —Sim, senhor, muito doente.—Não quer mandar a sua mulher deste bom caldo de gallinha? — Quero mandar tambem um pouco de vinho. — Que tem ella? — Já está doente alguns dias. — Quer rasgar ainda mais o meu vestido?—Não, não quero rasgar mais o seu velho vestido.

44. Quadragesimo quarto.

Tem vontade de ficar com o meu chapéo? — Tenho bastante vontade de ficar com elle. — Tenho eu razão de guardar o seu dinheiro? Tenho-o em casa. — Tem razão, meu senhor. — Quer a minha carruagem? — Não, não quero senão os cavallos de vm^{cê}. — Quer mandar concertar os nossos vestidos pelo alfaiate do nosso amigo? — Não, não tem tempo. — Que quer mandar a sette de Maio com o navio de vm^{cê} ou com o do irmão de vm^{cê} para a Inglaterra?—Quer mandar dinheiro para comprar novos chapéos. — O marceneiro de meu irmão tem um bonito trabalho? — Sim, tem duas mesas redondas, que não são feias. — O çapateiro quer concertar os çapatos de minha mulher? — Não, não tem tempo. — Onde está a minha casaca nova? — Está na mala com os seus çapatos e as suas botas. — Quer mandar seu filho para França?—Com o navio do capitão hollandez.

45. Quadragesimo quinto.

Quer comprar alguma cousa? — Sim, quero comprar alguma cousa. — Que quer comprar? — Um chapéo para

minha filha, uma casaca para meu filho e um par de botas. — O Russo está no quarto? — Ainda ha de estar no quarto. — De quem quer comprar o relogio? — Do meu visinho.—Que mesa quer comprar, esta ou aquella? —Não quero comprar nem esta, nem aquella. A mesa redonda é muito alta, a triangular é muito baixa. — Como está seu filho? — Está menos mal. — Que quer fazer?—Quero aquecer o café.—Quer o seu chá quente ou frio?—Está frio, quero o quente.—Portugal está em guerra com a Hespanha? — Não, Portugal está em paz com os seus visinhos. — Onde está o irmão de vmcê.? — Não está em casa, mas está em casa de sua irmã. — Aonde quer ir?—Vou á casa ainda hoje.

46. Quadragesimo sexto.

Quer accender o fogo?—Não tenho tempo.—Tenho eu o gosto de jogar com vmcê.?—Não, senhor, estou muito cansado, e estou farto de jogar.—Onde fica seu irmão? —Hoje fica em casa.—Donde vem seu irmão?—Vem da casa delle.—Onde manda o seu criado?—Quero manda-lo á casa de meu pai para buscar minha irmã. — Qual é a casa que o seu amigo quer comprar?—Quer comprar a casa do irmão de vmcê.. — Seu pai quer comprar estes bois ou estes carneiros? — Não quer comprar nem uns, nem outros.—Quer comprar o meu chapéo de chuva ou o meu chapéo?—Quero comprar um e outro.—Seu filho quer trabalhar?—Não, tem pouca vontade de trabalhar. —Quer comprar livros?—Sim, quero comprar livros.

47. Quadragesimo septimo.

Quantos bois quer comprar? — Quero comprar cincoenta. — Tem vontade de comer ou de beber? — Não, já não tenho vontade de comer. — O estrangeiro quer comprar muitas fazendas do Hespanhol? — Tem vontade de comprar muitas fazendas. — Tem vontade de fallar com meu irmão? — Já tenho tido o gosto de fallar com elle, e quero fallar com vmcê. Quer?—Com muito gosto,

meu senhor.—Seu filho está doente?—Não, está bom.—Tenho eu o gosto de ir á casa com a irmã do seu amigo? — Não, quer ficar em casa. — Alguem está em casa de vmcê·?—Não, hoje ninguem está em casa.—Fica hoje em casa?—Não, temos vontade de ir ao jardim.—Está muito cansado hoje? — Sim, estou cansado. Não quero trabalhar mais.—Onde está o Hespanhol?—Não está em casa. Mas seu irmão está em casa. Quer fallar com elle?—Não, só quero fallar com o Hespanhol.

48. Quadragesimo oitavo.

Para onde quer ir?—Quero ir á casa.—Para onde quer ir seu pai?—Quer ir á casa de vmcê·—Aonde quer levar esta carta? — Quero leva-la ao meu visinho. — Para onde o çapateiro quer levar as minhas botas? — Quer leva-las á casa de vmcê·—Quer elle leva-las á casa? — Quer leva-las á casa. — Quer mandar açucar a meu irmão?—Não tenho.—O padeiro quer mandar bom pão para casa?—Quer mandar.—Quer vir á minha casa?—Quero.—Para onde quer ir seu pai?—Quer ir á casa de meu irmão mais velho.—Os meninos do nosso visinho não querem vir para nossa casa? — Uns querem vir, outros não.—Quer mandar seu filho para minha casa?—Não, quero mandar minha filha para casa de vmcê· — Quer mandar o seu diccionario francez-portuguez a meu filho? — Não tenho senão um diccionario allemão-portuguez. Vou lho mandar á casa [delle] ainda hoje.

49. Quadragesimo nono.

A quem quer dar a minha navalha?—Quero da-la ao irmão de vmcê·—Quer manda-la a mim?—Não, não lha dou.—A quem quer levar esta casaca?—Quero levar esta casaca ao alfaiate, que quer concerta-la. — Quantos livros quer levar ao seu amigo?—Quero levar a seu pai os seis francezes, que o meu amigo quer. — Quer levar meus meninos á casa do medico? — Sim quero ir com elles á casa do medico ás seis e meia.—Quer mandar o

seu criado á casa do medico ainda hoje? — Sim, o meu criado está muito doente. O medico quer vir á casa de vmᶜᵉ· amanhã? — Não, ainda hoje. Minha mulher está doente. — Para onde quer conduzir seu irmão hoje? — Quero leva-lo á casa de minha irmã. — E amanhã? — Amanhã quero deixa-lo em casa.

50. Quinquagesimo.

Quando quer levar meu filho á casa do pintor, hoje ou amanhã? — Nem hoje, nem amanhã. Mas depois de amanhã. — O saloio não quer levar estes passaros? — Quer leva-los. — Quando quer escrever a sua carta? — Quero escrevê-la ainda hoje. — Com que navio quer manda-la para Inglaterra, com o francez ou com o hollandez? — Com este, não com aquelle. — Quer vir á nossa casa amanhã? — Quero vir já esta tarde. — Quando quer vir? — Hoje ás sette e meia da noite. — Quer escrever um bilhete francez? — Não, quero mandar uma carta ingleza a seu irmão. — Tem vontade de escrever muitas cartas e muitos bilhetes? — Não, quero escrever alguns somente. — Quem quer leva-los? — O criado quer leva-los, já não está doente.

51. Quinquagesimo primeiro.

Para onde quer ir o commerciante? — Quer ir para Inglaterra. — Quer voltar este mez ainda? — Não, quer voltar no mez de Julho. — Aonde quer ir amanhã? — Amanhã não quero ir á parte alguma. Mas quero vir á casa de vmᶜᵉ· Quer? — Com muito gosto. Tenho vontade de jogar com vmᶜᵉ·, não com meu tio. — Quer vir á minha casa hoje? — Sim, meu irmão e eu queremos vir á sua casa. — A que horas quer voltar para casa? — Quero voltar para casa ás onze horas da noite, mas meu irmão quer ficar com vmᶜᵉ· — Aonde está o medico, o doente manda busca-lo? — Não está em casa hoje, mas volta amanhã ás tres horas.

52. Quinquagesimo segundo.

O carpinteiro tem dinheiro para comprar um martello? —Tem para comprar um.—O capitão tem dinheiro para comprar um navio?—Tem para comprar um.—Seu filho tem papel para escrever uma carta?—Tem para escrever uma carta. — Tem tempo de vir ver meu pai? — Não tenho tempo. — Seu pai quer vir ver-me? — Ainda hoje quer vir vê-lo.—O criado tem uma vassoura para varrer o chão?—Tem uma para varrê-lo.—Quer varrê-lo?— Elle quer fazê-lo.—Tenho eu bastante sal para salgar a carne? — Não tem bastante para salga-la. — Seu amigo quer vir [para minha casa para] ver-me? — Não tem tempo [para vir á casa de vm$^{cê.}$] para vê-lo. — O seu visinho tem vontade de matar o seu cavallo?—Não tem vontade de mata-lo. — Quer matar os seus amigos? — Não, só quero matar os meus inimigos. — O cuzinheiro tem dinheiro para comprar gallinhas?—Tem para comprar algumas.

53. Quinquagesimo terceiro.

Pode cortar pão para mim? — Não posso cortar o pão; não tenho faca.—Quer uma faca para corta-lo? — Sim, quero uma.—Quer rasgar as minhas luvas?—Posso fazê-lo. Mas não tenho vontade de fazê-lo. — O alfaiate pode me fazer um vestido? — Pode lho fazer. — Quer fallar ao medico?—Quero lhe fallar.—Quem quer matar o nosso gato?—Eu quero fazê-lo. —Seu filho quer vir á minha casa para ver-me? — Quer vir á sua casa para vê-lo.—Quanto dinheiro pode me mandar?—Posso lhe mandar vinte mil reis. — A que horas pode me manda-los?—Ás seis e meia da tarde hoje.—Pode me emprestar um tapete?—Com muito gosto.—Posso lho mandar?— Sim, senhor, estou em casa hoje. — Quer me dar este cesto?—Não, não é meu.

54. Quinquagesimo quarto.

Quer um copo para beber seu vinho? — Tenho um. Mas não tenho vinho, só tenho agua.—Quer me emprestar uma vassoura? — Meu senhor, não quero lha emprestar, mas lha dar.—Aonde está seu filho? Pode lhe entregar este trabalho? — Quero lho entregar. — O seu çapateiro está em casa? Posso lhe mandar as minhas botas? — Pode lhas mandar, hoje elle está em casa. — Quer ver o meu gato? — Não, não quero vê-lo. — Tem a minha carta? Quer ma mandar? — Sim, meu senhor, ainda hoje.—Quer mandar alguma cousa ao alfaiate?—Quero mandar-lhe os meus velhos vestidos.—Seus filhos sabem escrever cartas? — Meu filho o sabe, minha filha ainda não o sabe. — Podés-tu mandar vir um tapete da Inglaterra?—Este mez, não; mas posso fazê-lo ainda este anno.

55. Quinquagesimo quinto.

Quer fallar aos meninos do Hollandez?—Quero fallar ao pai delles. — Que quer lhes dar? — Quero lhes dar bolos. — Quer lhes emprestar dinheiro? — Sim, quero; mas não posso: não tenho.—Tem muitos negocios hoje? —Não, não quero fazer nada hoje.—Gosta de seu irmão? —Elle tem os seus negocios, eu tenho os meus. Não tem vontade de ver-me, e eu não tenho vontade de vê-lo. Porêm elle é o meu amigo, e eu o seu. — Quer ir commigo para Inglaterra?—Não, quer ficar em Portugal.—Pode vir comnosco?—Hoje não, amanhã.

56. Quinquagesimo sexto.

Com quem está seu irmão? — Está com meu pai. — Tem alguma cousa que dizer? — Não tenho nada que dizer.—Tem alguma cousa que entregar-me?—Não tenho nada que entregar-lhe. — Queres-tu voltar comnosco á casa?—Não quero voltar comvosco.—Posso-eu ir comtigo para Inglaterra? — Não, meu irmão quer ir commigo. — Quem está hoje á noite em casa de vm^{cê}? — Ninguem.

Queremos ficar sós.—Quer me emprestar o seu espelho? —Quero lho mandar.—Que negocios ainda tem hoje?— Já não tenho mais negocios hoje.— Quem quer levar o meu cesto para casa? — Eu quero lho levar á casa.— Quer emprestar o seu colchão ao visinho? — Não quero lho emprestar.—Podes-tu escrever-mo?—Posso to escrever, mas não quero.

57. Quinquagesimo septimo.

Quer me escrever a mim ou a meu irmão?—Quero escrever a vmcê.—Quer responder ao seu amigo?—Quero responder-lhe.—Mas a quem quer responder?—A minha mulher e a meus meninos. — Não quer responder aos seus bons amigos?—Quero responder-lhes.—Quem quer dizer-me, aonde está minha mulher? — O commerciante pode lho dizer. — O irmão do visinho quer escrever-me algumas cartas?—Está disposto a escrever-lhe algumas. —Sabe vmcê., se o negociante pode responder-me ainda hoje? — Hoje já não pode escrever. Mas amanhã pela tarde elle quer escrever-lhe as cartas, que vmcê. quer ter. — Que negocios tem o Inglez? — Tem muitos negocios. Hoje tem dez cartas que escrever pouco mais ou menos. — Isto é muito. Não posso escrever tantas cartas como elle.

58. Quinquagesimo oitavo.

Que negocios tem?—Tenho que escrever.—Que tem que escrever?—Um bilhete.—A quem?—Ao carpinteiro. —Que tem para beber, seu pai? — Tem bom vinho. — Que negocios tem o çapateiro?—Tem que remendar os meus çapatos.—Tem os meus çapatos para remenda-los. —A quem tem que fallar?—Tenho que fallar ao capitão. —A que horas quer lhe fallar?—Hoje, ás sette horas.— Onde quer lhe fallar? — Em casa de seu pai. — A que bilhete tem que responder, seu irmão?—Ao do filho de vmcê.—O commerciante quer responder a esta carta ingleza ou a aquella hespanhola? — Não quer responder nem a

esta, nem a aquella. — Mas a que cartas quer elle responder? — Não quer responder senão ás dos seus bons amigos.—Podes-tu escrever-me amanhã?—Não posso escrever-te amanhã; mas depois de amanhã com muito gosto.

59. Quinquagesimo nono.

Seu pai quer ir a alguma parte? — Não quer ir a parte alguma.—Onde está seu irmão?—Está no jardim. —Quer ir commigo ao theatro?—Hoje não. Não tenho tempo. Mas amanhã quero ir com vmcê. ao theatro. — Tem vontade de ir ao baile?—Tenho pouca vontade.— Quando quer ir? — Hoje. — A que horas? — Ás nove horas menos um quarto. — Onde está seu filho?—Está no theatro.—Quando pode elle voltar?—Ás dez e meia pouco mais ou menos.—Quando quer ir ao baile de sua irmã? — Ás nove horas. — Posso ir com vmcê.? — Sim. Quer vir á minha casa?—Sim, quero vir á sua casa.— Quer ir commigo á praça?—Sim. Que quer comprar? — Arroz e sal. — Pode ter isto em casa do visinho, o commerciante.—Sim, mas as suas fazendas são más.

60. Sexagesimo.

Quer vir á minha casa para ir ao jardim commigo? — Não tenho vontade nenhuma de ir ao jardim, gosto muito mais de ficar em casa. — A que theatro quer ir commigo hoje, ao italiano ou ao francez? — Tenho bastante vontade de ir com vmcê. ao theatro italiano. Mas gosto do theatro francez. Não podemos ir lá ambos?— Podemos fazê-lo. — Quer ir ao meu jardim ou ao do Hollandez? — Não quero ir nem ao seu, nem ao do Hollandez. — Para onde quer levar este sacco? — Quero leva-lo ao armazem do commerciante. — Quando quer leva-lo?—Ainda hoje. Posso-eu buscar-lhe alguma cousa? —Não, pode ficar em casa. — Tem muito feno? — Não, tenho pouco somente. Mas tenho muito trigo no meu navio.—Quer me mandar alguns saccos?—Com muito gosto.

61. Sexagesimo primeiro.

Quantos tapetes quer comprar? — Quero comprar dous, um para o grande quarto, outro para o pequeno.— Quem quer busca-los?—O meu criado. Quero manda-lo ainda hoje. — Quem quer varrer o chão hoje, o rapaz ou o criado? — O rapaz não tem tempo, o criado não tem vontade, eu quero varrê-lo hoje.—Quantas espingardas tem nos seus armazens? — Dous mil e quinhentas pouco mais ou menos.—Quer comprar alguma cousa?— Quero comprar alguma cousa. — Que quer comprar? — Um espelho, um cesto e uma vassoura. — Em casa de quem quer comprar estas tres cousas? — O espelho em casa do commerciante, o cesto e a vassoura na praça.— Onde quer comprar sua mala?—Não quero mala, quero um cesto. Já tenho uma mala.

62. Sexagesimo segundo.

As senhoras querem pão ou bolos?—Uns poucos de bolos, meu senhor, e um copinho de vinho. — Quer dar algum dinheiro a este homem? — Não quero lhe dar dinheiro, gosta muito de beber. — Que quer me mandar amanhã, um livro francez ou um inglez? — Quero mandar-lhe ambos. Pode mandar busca-los. — Quando quer responder á carta? — Hoje já não tenho tempo. Mas amanhã quero escrever uma carta. — A que horas? — Ao meio dia.—A quem quer emprestar este vestido de seda? — Á mulher do meu visinho. Quero lho mandar ás cinco e meia.—Para onde quer ir o menino?—Quer ir commigo ao theatro. Não é verdade, rapaz? — Sim, senhor, quer conduzir-me ao theatro e eu tenho muita vontade de ir com vm^cê^. — De quem tem este bonito chapéo?—De um dos meus amigos.

63. Sexagesimo terceiro.

Quer mandar buscar açucar? — Sim, quero mandar buscar. — Aonde posso eu pôr este sacco? — Pode pô-lo

no chão. — Que está no fundo deste sacco? — No fundo do sacco [está] ha arroz, açucar e café.—Aquella janella é o fim do caminho? — Sim. A casa do meu amigo é á esquina do caminho. — Pode vêr aquella cova? —Sim. O meu gato não está nesta cova?—Não posso lho dizer. Não podemos vê-lo. — Onde está o cão do marujo? — Está [em um] num canto do navio? — Onde está o marujo?—Está na esquina da casa. Quer vir commigo? Queremos ir á esquina da casa e dizer alguma cousa ao marujo. — Não, eu não posso ir com vm^cê., estou muito cansado. — Tem um buraco na sua casaca. Não quer manda-la para a casa do alfaiate? — A minha casaca é muito velha. Já não quero manda-la concertar.

64. Sexagesimo quarto.

Não tenho vontade de entregar este espelho ao meu criado. — Pode entrega-lo ao meu criado. Elle não o deixa cahir.—Quer me dar os seus cavallos?—Quer os meus cavallos? Não, meu senhor, não lhe quero dar os meus cavallos. — Já quer ir-se? — Sim, é tempo de ir-se. Hoje quero vir mais cedo do que hontem. — Quer jantar hoje em casa d'um amigo? — Não, quero jantar em casa do pai.—Queres me deixar este cavallo? —Deixo-te este cavallo. — Deixas o teu capote em casa hoje?—Sim, deixo-o em casa. Meu irmão tambem deixa o seu. — Quer fallar a este senhor? — Não. — Para onde queres mandar teu rapaz? — Deixo-o ir para o jardim. Queres-tu lho dizer? — Sim, elle pode voltar á esquina de aquella casa. — Onde está o meu copo? — Está quebrado. O criado deixa cahir os copos no chão. — Para onde queres-tu ir?—Quero ir a Lisboa para comprar vestidos.

65. Sexagesimo quinto.

Vais-tu a Lisboa hoje?—Sim, meu senhor.—Queres-tu levar-me estes çapatos e trazer-me as botas do çapateiro?—Sim, quero fazê-lo.—Tens-tu dinheiro ou queres-

tu algum para comprar as botas? — Não, senhor, não tenho. Aonde é o armazem do çapateiro? — Á esquina da praça, a primeira casa.—Quando quer vir?—Amanhã ao romper do dia.—Quando quer voltar?—Hoje ás dez horas da noite.—Quando pode vir o medico?—Hoje ao nascer do sol. — Quando manda o seu criado para o porto?—Amanhã, ao pôr do sol.—Quer jantar commigo hoje? — Não posso. Quero vir depois de jantar e ceiar com vm^{cê}.—Quer vir ver-me amanhã pela manhã? Tenho um bom almoço? — A que horas quer almoçar? — Ás cinco e meia da manhã.—Isto é muito cedo. Não pode almoçar mais tarde?—Não, mais tarde seria muito fóra de tempo para mim.—Pode me dar esta carta, mas agora mesmo?—Não, agora é muito cedo ainda.

66. Sexagesimo sexto.

Quer ler o livro do meu amigo?—Estou para lê-lo. — Quer entrar no meu quarto? — Não, quero ficar no jardim.—Já tem um navio?—Não, estou para comprar um. — Quer me fazer um favor? — Com muito gosto. Que posso lhe fazer?—Pode me mandar o seu criado.— A que horas quer ceiar hoje?—Tenho o gosto de ceiar hoje com vm^{cê}. — Quantos marujos podem jantar hoje em casa do capitão?—Vinte ou trinta. Quer vê-los?— Não, fico em casa hoje, não posso vir.—Quer me fazer o favor de me mandar concertar os meus vestidos? — Pode entregar este trabalho ao seu alfaiate. — Vais-tu sahir hoje ou ficar em casa?—Hoje pela manhã fico em casa, mas de noite vou sahir. — Para onde queres-tu ir com elle?—Para o jardim.—Que vista tens-tu?—A vista daqui é muito bonita. Posso vêr o mar e uma parte do porto; hoje muitos navios podem chegar da Inglaterra, da França, da Hollanda e da Italia.

67. Sexagesimo septimo.

Quem está cá? — Cá está meu irmão. Quer lhe fallar? — Sim, quero lhe fallar. Pode lhe fallar agora

ou mais tarde.—Tem um bom jantar hoje?—Sim, meu senhor. Quer jantar commigo?—Com muito gosto. Já é tarde e já não posso voltar á casa para jantar em casa. — Quem quer jantar hoje commigo, vmcê. ou seu amigo? — Hoje o meu amigo quer jantar com vmcê. — Quando é que seu filho volta de Lisboa? — Pode vir todos os dias. — Tem bonitos cavallos? — Sim, tenho cavallos muito bonitos. — Estás-tu para ir commigo ao porto? — Sim, ainda hoje. — Onde fica sua senhora? — Fica cá.—Quando quer ir commigo ao jardim?—Daqui a vinte minutos posso sahir, mas não mais cedo. O capitão não está em casa hoje.—Onde está elle?—Volta daqui a um quarto de hora.—Queres ir hoje ao theatro? — Não, não posso ir ao theatro todos os dias. Não tenho bastante dinheiro. — A que theatro quer ir hoje, ao theatro francez ou ao theatro italiano?—Hoje minha irmã e eu queremos ficar em casa.

68. Sexagesimo oitavo.

Queres emprestar-me a tua espingarda e o teu cavallo? — Não, não posso emprestar-te nem a minha espingarda, nem o meu cavallo. — Quando queres-tu ir ao escriptorio? — Amanhã ás seis horas da manhã. — Tens-tu negocios tão cedo? — Sim, amanhã tres navios com fazendas podem chegar.—Quando vais-tu á casa?— Á manhã e á noite. — Queres-tu emprestar-me o teu chapéo de seda? — Sim, mando o meu criado para casa para mandar buscar ambos os meus chapéos. — Tens-tu todos os saccos? — Tenho sette saccos. Mas preciso de treze. — Aqui estão seis outros ainda. — Quantos navios tem? — Todos os navios, que vmcê. pode ver daqui, são meus. — Tem boas fazendas de seda? — Sim, senhor. Quer gastar muito dinheiro? — Seis libras pouco mais ou menos. — Queres-tu ir á casa do alfaiate e lhe dizer alguma cousa?—Sim, quero lhe levar a minha casaca.— Quer escrever um bilhete ao meu çapateiro? — Não é preciso. Elle não sabe ler. — Queres-tu fazer os teus exercicios portuguezes hoje ainda? — Sim, ainda esta

tarde. Ainda tenho tempo. — Queres-tu ler e escrever um pouco? — Não. Já é muito tarde. Quero fazê-lo amanhã.

69. Sexagesimo nono.

É possivel escrever uma carta agora ainda? — Não sómente é possivel, mas tambem é necessario. — É facil escrever cartas? — Para uns é facil, para outros não. — É facil fallar portuguez?—Para uns é facil, para outros não.—É facil escrever a lingua portugueza?—É preciso trabalhar seis horas todos os dias, então é facil escrever e ler em pouco tempo cada lingua estrangeira. — Mas é possivel trabalhar seis horas todos os dias? — Nada é impossivel.—Para quem é este annel?—É para meu pai. —Quer mandar vir o carpinteiro?—A sua casa está para cahir.—Sim. Vou mandar busca-lo hoje ainda. É preciso sahir da casa.—Meu senhor, quer mandar os seus çapatos ao çapateiro? — Não. Já não é possivel concerta-los. Já são velhos. — Quanto dinheiro podes tu gastar todos os dias? — Mil reis pouco mais ou menos. — Eu não gasto tanto dinheiro como tu. — Isto não é impossivel. Tu podes ficar em casa todo o dia, eu não o posso. — Tu podes, mas tu não queres.

70. Septuagesimo.

Falla commigo ou com meu irmão? — Fallo com vmcê. — Pode me dizer que horas são? — São cinco e meia. — Que vendes-tu? — Eu vendo o meu cavallo e o meu burro.—Que podemos fazer hoje?—Podemos sahir ou ficar em casa. — Gostas-tu de ficar em casa? — Eu? Não. Eu gosto muito mais de sahir. — Que faz o alfaiate? — Elle me faz uma casaca. — Que fazes-tu? — Eu applaudo. — Que dizes-tu? — Eu não digo nada. — Que faz o soldado? — Varre o quarto. — Queres-tu lhe dizer de não varrê-lo?—Sim, vou lho dizer.—Ouves-tu alguma cousa?—Não ouço nada.—Vês-tu alguma cousa? —Ainda não, mas agora vejo alguma cousa.—Que é?—

É o filho do meu amigo que sahe agora mesmo. — Que pedes-tu? — Seis libras para o çapateiro. — Podes-tu trazer-lhe o dinheiro? — Ainda hoje. — Repetes tu o teu exercicio? — Vou o repetir esta noite. — Os seus filhos lhe obedecem? — Uns sim, outros não. — Quem é que tosse? — Minha filha. — Está doente? — Não, não está doente. — Sahes-tu commigo? — Não, não saio hoje. — Que me traz o alfaiate? — Elle lhe traz o capote. — Bem. Está muito frio hoje. — De que comida gosta? — De presunto. — Gostas-tu de dormir? — Não, gosto de comer e de beber. — Para onde vais-tu hoje? — Para o porto. Teu irmão quer vir commigo? — Não, está estudando agora mesmo. — Que dizem seus irmãos? — Não dizem nada.

71. Septuagesimo primeiro.

Não quebras-tu o meu copo? — Não, não o quebro. — Não quebrão os meus copos os meninos do visinho? — Não, não os quebrão. — Seu irmão vem? — Hoje não pode vir. Vai á casa de meu pai. — Compras alguma cousa? — Sim, compro sette carneiros. — Que queres-tu fazer com tantos carneiros? — Tenho muitos criados; gostão de comer e de beber bem. — Gostas mais de teus irmãos do que de tuas irmãs? — Não posso dizê-lo. Gosto de uns e de outros. — Quem me dá quinze reis? — Eu lhos dou. — Que gosta de comer? — Gosto de [comer] sopa com arroz. — Que gosta de beber? — Gosto de [beber] vinho com agua. — Que é que não devemos ver? — Não devemos ver os desfeitos dos outros, mas reparar nos nossos. — Vê o nosso grande navio? — Não posso vê-lo, mas vmcê. pode vê-lo. — Quantos navios estão hoje no porto? — Não posso lho dizer exactamente. — Seu pai lhe dá muito dinheiro? — Vinte mil reis todos os mezes. — Isto não é muito. — Vês-tu muitos marujos? — Vejo mais soldados que marujos. — Os commerciantes tem muitos armazens? — Uns tem muitos, outros tem poucos. — Me dás-tu tanta agua como vinho? — Dou-te mais agua que vinho.

72. Septuagesimo segundo.

Que gastas-tu todos os mezes? — Dez libras, pouco mais ou menos.—Quem gasta mais teu irmão ou tu?— Gastamos duas libras todos os mezes. — Gastão tanto dinheiro seus criados como os nossos? — Sim, gastão muito dinheiro.—Para onde vão os nossos amigos hoje? — Uns vão ao porto, outros ao jardim, outros vem á nossa casa.—Que pode lhe fazer gosto?—Faz-me gosto de estudar.—Quantos cavallos compra?—Compro [tantos] quantos o negociante me quizer vender.—Aonde é que o criado leva a minha mala? — Leva-a á casa ou ao armazem. — Que me trazes-tu? — Eu lhe trago o seu almoço: chá, café e presunto. — Me trazes-tu tambem pão?—Sim, pão inglez.—Bem. Não podes-tu agora ir á casa do visinho para lhe levar o seu chapéo? — Não, senhor, agora não tenho tempo. Já está tarde e ainda quero varrer os seus quartos. — Que mata o seu cuzinheiro? — Mata gallinhas. — A que horas jantamos hoje?—Ás duas e meia.

73. Septuagesimo terceiro.

Para onde leva meu menino? — Levo-o á casa do pintor. — Quando está em casa, o pintor? — Janta ás quatro horas. — Que horas são agora? — Ainda não são seis horas. — Sahe pela tarde? — Eu? Não. Meu pai quer sahir commigo. — Tem medo de sahir de noite? — Não tenho medo de sahir de noite, mas não tenho tempo. — Quem é que trabalha mais, seu filho ou vmcê.? — Eu não trabalho muito, mas meus filhos e minhas filhas trabalhão todo o dia.—Que fazem os meninos de vmcê.? — Escrevem e leem. — Compra muitas luvas? — Sim. Levo tres pares a minha mulher, dous pares a minha filha e compro dous pares para mim. — Quem quebra esta faca? — Ninguem pode quebra-la. — Me mandas-tu um livro ainda hoje? — Sim, mando-te o livro allemão ainda hoje. — A que horas vais-tu ao theatro? — Nos vamos ás oito horas. — Quanto tempo ficas no theatro?

— Acaba ás onze horas. Volto á casa á meia noite. — Que queres-tu comer, presunto ou carneiro?—Gosto de comer carneiro, mas gosto mais de comer presunto. Tens-tu tambem um copo de vinho?—Sim.—Um jantar como o seu não se acha em toda a cidade. — Quando vens-tu á minha casa? — Amanhã, pela manhã. Vou almoçar comtigo. — Bem. Fico em casa. — Quantas camisas temos ainda?—Temos muitas ainda.

74. Septuagesimo quarto.

Tenho-eu um direito de fallar, ou não? — Tem o direito de fallar, mas não tem razão.—Que procura?— Não procuro nada. — Todavia procura alguma cousa? — Procuro o meu canivete, mas não o acho.—Que estás-tu fazendo? — Escrevo uma carta. — A quem escreves-tu esta carta?—Não posso, nem quero dizê-lo.—Para onde a mandas-tu? — Mando-a a Lisboa. — Agora posso te dizer para quem é esta carta. — Para quem? — Para teu pai. Não é verdade?—Tu dizes a verdade.—Quem diz a verdade? — Os meninos dizem a verdade. — Sim, mas não a dizem sempre. — Que queres-tu beber ainda? — Mais nada. Estou bebendo vinho com agua. — Que estás-tu fazendo?—Leio as minhas cartas portuguezas e escrevo outras. — Que está fazendo seu pai? — Está almoçando.—Que está fazendo sua irmã?—Está jantando. — Quando ceia? — Ás nove horas menos um quarto. — Que me traz o meu amigo? — Uma carta de seu pai.— Queres me fazer o favor de ir á casa? — Com muito gosto. Quem está em casa?—Meu tio e seus dous filhos. Querem jogar e ninguem quer jogar com elles. — Não pode ficar em casa uma noite? — Não, tenho os meus negocios.

75. Septuagesimo quinto.

Escreve os seus exercicios hoje ainda?—Não, escrevo-os amanhã pela manhã. — Queres escrever-me? — Não, não lhe quero escrever.—Que tem sua senhora?—Tem

dôres de cabeça. — Que tem vmᶜᵉ·? — Doe-me o pé. — Posso mandar buscar o medico? — Não, gosto mais de estar doente.—Que escreve a seu tio?—Não lhe escrevo nada. Meus meninos lhe escrevem uma carta. — Tem muitos filhos? — Tenho tres. Um está na Inglaterra, o outro na França, o terceiro na Hollanda.—Seus filhos lhe escrevem muitas cartas?—Sim, mas não tenho muito tempo para lhes responder. — Que tem o soldado? — Doem-lhe os olhos.—Tem dôres de cabeça?—Não, não estou doente.—Doe-lhe o cotovelo?—Hoje não. Mas o joelho doe-me muito.—Doe-lhe o joelho?—Sim, porêm não tenho muitas dôres.— Quem é aquelle homem com as bonitas barbas?—É meu irmão, o negociante allemão.

76. Septuagesimo sexto.

Que quer o seu amigo? — Quer mandar nos para o porto para ver os novos navios.—Que faz o medico? — Quer vêr-o seu doente.—Quando volta?—Daqui a duas horas. — Não fico cá tanto tempo. Vou á casa e volto daqui a tres horas. — Onde está o dedal do alfaiate? — Está na mala.—Que dedal quer elle?—Quer o dedal de prata. — Não o posso dar. O, que tenho, é de ferro.— Que náo vem hoje? — Hoje vem duas náos inglezas, tres francezas e uma hollandeza.— Que faz seu filho?— Escreve cartas.—Em que lingua?—Escreve cartas allemãs. — Que está fazendo? — Estou cortando pão. — A quem doem os olhos?—Ao marujo. Os olhos lhe doem muito. — Qual é o caminho para Lisboa, este ou aquelle? — Este vai a Lisboa, aquelle vai ao Porto.—Quer ler este livro?—Sim, mas não hoje. Os olhos doem me muito. —Que vende o commerciante?—Vende livros.—Em que armazem compra os seus livros? — No armazem, á esquina da praça.—Quem vai commigo á praça hoje?— Não posso sahir hoje. Doe-me o pé.—Procura alguem? —Sim, procuro meu irmão.—Não está cá, está em casa de seu pai.—Quem procura o criado?—Procura o meu amigo, mas não pode acha-lo.—Isto não é possivel. O seu amigo está cá, vou conduzir o criado de vmᶜᵉ· para elle.

77. Septuagesimo septimo.

Estuda elle ou não?—Joga em vez de estudar.—Já não quero jogar. Quer jogar em vez de mim (no meu logar)?—Sim, vou fazê-lo.—Quem procura o meu amigo? — O pai de vmcê. o procura. — Onde procura-o? — No jardim. — Não está no jardim, está na casa. — O capitão acha o que procura? — Acha o que procura; mas os marujos não achão o que procurão. — Para onde queres-tu ir commigo?—Quero te levar ao theatro.—Aonde me leva hoje?—Á praça.—Procura o seu chapéo de chuva? Tenho-o.—Não, não procuro o meu chapéo de chuva.— O alfaiate acha o seu dedal? — Não o acha. — Os commerciantes achão o panno, que estão procurando? — Achão-no. — Que quer, meu senhor? — Quero o meu dinheiro e o dinheiro de meu irmão. — Que quer o seu cuzinheiro?—Quer as gallinhas, que vmcê. me tem mandado. — Que faz elle? — Faz o que vmcê. faz. — Que faz elle no seu quarto? — Está lendo. — Qual é o livro que elle está lendo?—Está lendo o livro que lhe tenho dado. — Quem procura o Inglez? — Está procurando o seu amigo para o levar comsigo ao jardim.—Que está fazendo o Allemão no seu quarto?—Aprende a ler.—Não aprende a escrever?—Não o aprende.—Seu filho ensina a grammatica allemã?—Ensina a grammatica allemã e aprende a ingleza.

78. Septuagesimo oitavo.

O Allemão falla em vez de ouvir? — Falla em vez de ouvir. — Sahe em vez de ficar em casa? — Saio em vez de ficar em casa.—Joga seu filho, em vez de estudar? — Estuda em vez de jogar. — A que horas estuda elle? — Estuda todos os dias pela manhã e de noite. — Que dá a beber aos seus criados? — Dou-lhes a beber vinho. — Que principia a aprender o rapaz? — Principia a escrever e a fallar. — Que faz o pintor? — Parece dormir. — Que faz seu filho? — Parece escrever, mas não escreve.—Que diz o commerciante?—Parece fallar,

mas não diz nada.—Ouves alguem que falla?—Não.—Quer mais dinheiro ainda? —Não, basta-me o dinheiro, que tenho.—Quer me dizer alguma cousa ainda?—Não, não fallo mais uma palavra com vm$^{cê.}$ Isto basta. — Procura alguma cousa ainda? — Basta-me ter o que já não procuro. — De quem é esta carta? —De seu irmão. Quer [lhe] responder a elle ainda hoje? — Não, já não tenho papel em casa.

79. Septuagesimo nono.

Que linguas falla seu amigo?—Falla quatro linguas, allemão, francez, inglez e portuguez. — Que gosta mais de fallar, allemão ou francez? — Gosto mais de fallar francez do que inglez.—Que lingua fallão seus meninos? — Fallão allemão com a mãi e francez com o pai. — Que carta escreve seu irmão? — Escreve uma carta ingleza.—Já aprende o latim seu filho?—Sim, já ha dous annos. Este anno vai começar o grego.—Que lingua é mais bonita a grega ou a arabica? —Eu gosto mais da arabica. — Que lingua falla o criado de vm$^{cê.}$? — Falla allemão, mas falla tambem francez. — Que diz o negociante? — Não diz nada. Escreve uma carta franceza e uma ingleza. — Que estuda seu filho? — Lê um livro francez e escreve um thema latim.—Falla tambem latim? — Não. Só o escreve. — Quantas linguas fallão os Hespanhoes? — Uns fallão hespanhol, outros castelhano, outros portuguez.

80. Octogesimo.

Falla muitas vezes francez?—Todos os dias. Minha mulher não falla outra lingua. — Gosta de o fallar? — Isto não; gosto mais de fallar allemão. Mas com quem posso eu fallar allemão?—Com quem? Commigo. Gosto muito de fallar esta lingua. — Quantas vezes vem elle á vossa casa? — Tres vezes todos os dias. Gosto muito de vê-lo em minha casa.—Tem razão, falla muitas linguas. Os meninos gostão muito delle.—Meus meninos tambem.

Muitas vezes elle lhes leva bolos e açucar, e isto é do que gostão os meninos. — Que quer emprestar do seu amigo? — Um diccionario latim-allemão. — Que quer emprestar ao seu amigo?—Um diccionario grego-allemão. —O seu amigo falla allemão, grego e latim?—Isto não, mas está estudando estas linguas. — Vmcê. é amigo de linguas estrangeiras?—(Vmcê. gosta de linguas estrangeiras?—) Sim, gosto do estudio das linguas.—Isto tambem é o meu caso. — Quantas linguas aprendem seus filhos e as suas filhas?—Meus filhos aprendem quatro linguas e minhas filhas sómente uma.—Tem vontade de começar commigo o estudio da lingua portugueza? — Sim, ainda hoje.—Tem vontade de fallar castelhano todos os dias? — Sim. Com quem? — Com o irmão do commerciante hespanhol. Elle falla muito bem esta lingua. — É elle Castelhano? — Não, mas sua irmã é Castelhana e elle gosta de fallar com ella. — Quando começa vmcê. a escrever a sua carta portugueza? — Vou começar esta tarde.

81. Octagesimo primeiro.

O filho do pintor estuda a lingua ingleza? — Não estuda a lingua ingleza. Em vez de estudar esta lingua, elle escreve cartas e lê livros. — Vmcê. é Russo? — Não, não sou Russo, sou Irlandez. — Que é seu irmão? — É commerciante. — O seu criado tem os meus copos? — Não, não os tem.—Que quer de mim, o criado de vmcê.? —Quer a sua casaca e as suas botas. — Quantos carpinteiros estão na sua casa?—Vinte, pouco mais ou menos. — Que é que o seu criado quer buscar á casa do padeiro? — Quer buscar pão. — Seu pai é negociante? — Não, é professor. — Que é este homem? — É medico. — Que diz vmcê.? — Digo-lhe bons dias. — Tem os olhos pretos, o Allemão?—Não, tem os olhos azues.—Tem as barbas pretas?—Não, meu senhor.—Tem um bonito pé, esta senhora?—Seu pé é muito pequeno e muito bonito. —Seu filho tem os dentes bonitos?—Sim, tem os dentes bonitos. — Quem é este homem? — Tem a testa muito

alta? — É commerciante. Seu pai é muito rico e lhe manda todos os mezes muito dinheiro.—Está frio hoje? — Hoje está muito frio Doem-me os beiços. — Está doente? A sua pelle me parece tão amarella?—Isto só lhe parece: eu estou bem.—Quem vai cá?—É o Grão-Duque, que vem agora mesmo da Grão-Bretanha. É um homem alto, mas não é grande homem. Elle gosta mais de comer e de beber do que de trabalhar.

82. Octagesimo segundo.

Gosta de comer presunto?—Não faço muito caso da carne. Estou doente. — Quer escrever esta tarde o seu exercicio grego? — Vou escrevê-lo a uma hora e meia da tarde. — Quer vêr o meu exercicio latim? — Sim, e vou tambem emendar os muitos erros. — Tira o seu chapéo?—Não, tenho medo do frio.—Toma chá?—Sim, minha senhora, tomo uma chicara de chá com uma pinga de agua-ardente.—Quando almoça?—Ás oito horas tomo o meu café, ás dez horas uma chicara de chocolate com bolos. Ás onze horas bebo um copo de vinho e ao meio-dia janto. — Ainda tem vontade de jantar ao meio dia?—Sim, tenho muita vontade de jantar.—A que horas levanta-se? — Ás seis horas da manhã. — A que horas deita-se?—Á meia-noite.—Quantas horas dorme?—Durmo seis horas. Isto basta.—Isto lhe basta? A mim não.—A que horas levantão-se seus meninos?—Ás oito horas da manhã. — A que horas deitão-se? — Ás seis horas da tarde.—Dormem tambem uma hora ao meio-dia? — Não. O medico não o quer.—Como está sua senhora hoje?—Está doente.—Está de cama?—Isto não, mas não pode sahir. — Posso ir vê-la? — Sim, ella está na casa. Não dorme. — Senhor medico, como está o doente? — Menos mal, mas ainda está de cama. — Pode elle beber um pouco de vinho?—Sim, uma pinga.—Não pode levantar-se?—Sim, um quarto de hora. O criado pode lhe fazer a cama. — Que pode elle almoçar? — Pode tomar uma chicara de chá. — Que pode elle jantar? — Gallinha e arroz.—Que pode elle ceiar?—Só uma sopa de arroz.—

Como está o seu jardineiro?—Menos mal. Não está tão doente como hontem.—Já pode sahir?—Sim pode ir ao jardim, mas só ao meio-dia.—Que tem o seu criado?—Tem um copo de agua-ardente da Hollanda. Quer uma pinga? — Não, não bebo agua-ardente, bebo sómente vinho. — Onde estão as suas luvas? — Estão na mala. Quer-as?—Sim, tenho muito frio hoje.

83. Octogesimo terceiro.

Que quer seu pai?—Quer tabaco.—Quer buscar um pouco?—Sim, senhor.—Que tabaco quer, rapé ou tabaco de cachimbar?—Elle quer charutos.—Quer tabaco para cachimbar? — Não quero; não fumo. — Que lhe mostra seu pai? —Mostra-nos passaros de paizes estrangeiros.—Deixa-nos vê-los?—Paréce me que sim.—Fuma, o seu cuzinheiro?—Não, um bom cuzinheiro não fuma.—Mas conheço muitos cuzinheiros, que fumão.—Isto é novo para mim.—Quantos annos já fuma?—Já ha mais de dez annos. —Que gosta mais de fumar tabaco ou charutos?—Com o café gosto de fumar um bom charuto, no jardim cachimbo.—O doente já tem licença de [pode] fumar?—Não, nem tem vontade. Ainda está muito doente. —Quem é aquelle rapaz, que fuma no jardim? — É meu irmãosinho. — Como? seu irmãosinho já fuma? — Meu senhor, somos Hollandezes, e estes começão muito cedo a fumar.—Toma tambem rapé, seu irmãosinho? — Isto não: tambem não fuma muitas vezes. — Sua mãe toma rapé? — Não, nunca toma rapé. — Quer alguns destes charutos?—São muito bons.—Não, nunca fumo.—Quem me dá uma pitada?—Eu, meu senhor, com muito gosto.

84. Octogesimo quarto.

Tem tenção de ir ao theatro? — Sim, tenho tenção de ir esta tarde.—Em que pensa?—Conto o meu dinheiro e penso nos meus negocios. — Que tem tenção de fazer esta tarde? — Tenho tenção de sahir. — Para onde tem tenção de ir?—Ainda não o sei.—Sabe que horas são?—

São tres horas menos um quarto.—Sabe quantos meninos tem o seu visinho? — Não posso sabê-lo, não vou vê-lo [a elle] muitas vezes.—Sabes-tu remendar çapatos?—Eu não o sei, não sou çapateiro.—Queres concertar a minha casaca? — Nem o posso, nem o quero.— Que queres-tu dar ao menino? — Vou lhe dar um chapéo. — Sabes tu ler e escrever? — Sei ambas as cousas. — Podes-tu me buscar as minhas botas? — Posso, mas não quero. — Sabes-tu contar? — Não, eu não o sei. — Podes-tu vir á minha casa amanhã?—Não, não sei o caminho.—Não é difficil acha-lo. Vou to mostrar. — Podes me buscar tabaco na tenda? — O tendeiro não tem tabaco. Não sabe isto?—Não. Um estrangeiro não pode sabê-lo. — Tem tenção de aprender a lingua portugueza? — Sim, tenho tenção de aprendê-la.

85. Octogesimo quinto.

Quantas vezes é que o doente tem licença de tomar chá? — Seis vezes por dia. — Tem a minha colher de chá?—Não, tenho a minha.—Escreve muitas vezes para a Inglaterra? — Mando cartas para a Inglaterra com todos os navios, que vão daqui para a Grão-Bretanha.— Gosta de chá? — Sim, gosto de toma-lo. — Pode vir á casa commigo? — Hoje não. Vmcê. não vem muitas vezes á minha casa? — Eu não tenho tempo. — Podes tu me trazer de vez em quando um copo de agua? — Sim, senhor, com muito gosto.—Que quer teu irmãosinho?— Quer lhe mostrar alguma cousa. — Que queres-tu? — Posso-eu vêr os seus bonitos livros? — Sim, vou tos mostrar. — Quando? — Esta noite. — Quantas vezes ainda vem no quarto, o seu criado? O pateta vem e vai, e volta. Em que pensa? — Não pensa em nada. Posso lhe dizer dez vezes uma cousa e elle não a sabe.

86. Octogesimo sexto.

Apaga o fogo? — Não o apago. — Quem lhe apaga o fogo? — O meu criado apaga o fogo e o accende. —

Quantas vezes vai ao seu jardim?—Todos os dias. Pela manhã vou ao jardim para fumar um charuto. Minha mulher não gosta dos charutos. Pela tarde cachimbo no jardim. — Manda o seu cuzinheiro muitas vezes á praça?—Não, ainda não sabe o caminho.—Quantas vezes vem o navio? — Tres vezes todos os dias. — Podes-tu contar o dinheiro, que te mando?—Sim, posso conta-lo. —Quando levanta-se vmcê.? — Umas vezes cedo, outras vezes tarde. Ás vezes não fico duas horas na cama. — Quantas vezes ainda cahes-tu no chão? — Não tantas vezes, como tu.—Em que pode pensar, o rapaz?—Não pensa em nada. — Já principia a fallar seu menino? — Sim, ja sabe dizer: Agua, vinho, pão, chá, café. Tambem gosta de dizer: Eu quero — como todos os meninos fazem.

87. Octogesimo septimo.

A quem dá a preferencia, a mim ou a meu irmão? —Dou a preferencia a seu irmão.—Quer ter a bondade de me dizer que horas são?—São seis e meia.—Ainda vem á nossa casa antes de ir para Inglaterra? — Sim, venho antes de me ir embora. — Quer beber antes de jantar?—Não, não bebo antes do jantar.—Vai ao jardim antes de ceiar? — Não, ceio antes de ir ao jardim. — Mandas-tu buscar o medico ainda hoje?—Não, antes de mandar o criado á casa do medico, mando-o para tua casa.—Que querem os meninos?—Antes de voltar para casa, querem beber ainda.—Não quer ir vêr o tio, antes de vir á nossa casa? — Não, queremos vir ver vmcê. antes de ir á casa do tio.—Em que pensa este homem? — Não falla muito. Antes de fallar elle pensa no que vai dizer.—Quanto tempo ha que seu irmão já está em França?—Ha já dez annos que elle está em França.— Quantos annos tem agora? — Tem quarenta annos. — Quanto tempo ha que a irmã de vmcê. está na Inglaterra? — Ha já mais de tres annos que ella está na Inglaterra.—Ella de certo já falla muito bem inglez?— Sim. Tem tido o tempo de aprender a lingua.

88. Octogesimo octavo.

Onde está o seu amigo? — Está no jardim. — Não quer jantar? — Não, não tem fome. — Está doente? — Isto não, mas o calor não o deixa comer. — Como está sua senhora? — Menos mal. Já não está doente. — Que tem seu rapaz? — Está doente, vou buscar o medico. — Quem está diante de vmcê.? Meu irmão está diante de mim. —Quer vinho ou cerveja?—Ante todas as cousas quero um copo de agua; tenho muita sede. — Quando vai-se embora o commerciante, hoje ou amanhã? — Elle vai-se ainda hoje.—Gostas desta vista?—Não, não gosto della. Vou-me embora.—Para onde vão estes senhores?—Vão á casa. — Janta hoje comnosco? — Não, não posso ficar cá, vou-me embora.—Ainda ficão os soldados ou vão-se? —Já não ficão, amanhã vão-se.—Que fazes-tu, ficas-tu cá ou vais-te embora? — Não sei o que vou fazer. — Este senhor vem muitas vezes á sua casa?—Sim, muitas vezes fica muito tempo, algumas vezes vai-se e volta, outras vezes não vem. — Tem tempo para vir á minha casa ver-me? — Hoje não, mas amanhã com muito gosto. — Queres ter a bondade de me dar o meu chapéo?—Qual é o seu chapéo, este ou aquelle?—Este é o meu.—A que horas vens hoje?—Ás nove horas ou ás nove e meia.

89. Octogesimo nono.

Com que navio vai-se o seu amigo? — Com o navio de meu tio, o negociante. — Já tem os seus cavallos?— Sim, e vou lhos mostrar. — Está contente do rapaz do visinho? — Sim, estou contente delle. — Tem vinho? — Sim, tenho e bebo delle. — Quer um pouco deste bolo? — Sim, quero. — Quando vai elle partir? — Não o sei. Todos fallão disso e ninguem pode me dizer, quando elle se vai [embora].— Que tem na mão o rapaz?—Tem na mão uma navalha e quer matar com ella a gallinha. —Que tem o soldado?—Tem uma espingarda, com que quer matar os seus inimigos. — Quando quer partir, seu filho?—Tem tenção de ir-se amanhã.—Quando volta?—

Isto ninguem pode sabê-lo. — Este vinho é seu? Que faz com elle?—Mando-o ao soldado doente.—Tem razão; elle está muito doente. — Que sabe o criado? — Sabe muito, varrer os quartos, ler, escrever, contar e muitas outras cousas ainda. — Teu pai está em casa? — Como posso-eu sabê-lo? Muitas vezes sahe, muitas vezes fica em casa e ninguem o sabe. Quer voltar daqui a uma hora?—Não, vou-me e não volto.—Que queres começar ainda?—Já está tarde, não começo mais nada.

90. Nonagesimo.

Que idade tem seu pai? — Já tem sessenta annos.— Que idade tem sua mãe?—Ainda não tem trinta e cinco annos.—Que ha de novo na sua casa?—Nada.—Quantas leguas ha daqui para o seu jardim? — Duas pequenas leguas. Quer vir commigo? — Não, não posso. — Que ha para comer hoje? — Hoje ha carneiro, presunto e sopa.—E que ha para beber?—Cerveja e vinho.—Quer ter a bondade de me trazer sopa, presunto e um copo de vinho?—Sim, meu senhor.—Tem outro criado?—O que tinha hontem, fugiu. O novo criado sabe ler, escrever, contar e falla duas linguas. — Queres seda ou algodão? — Não quero nem seda, nem algodão. — Que lingua gostas mais de fallar, a russa ou a turca? — Não gosto de fallar nem uma, nem outra. — Quantos annos tens? — Ainda não tenho vinte e seis annos. — Que está fazendo teu irmão no jardim?—Fuma e lê as cartas que chegarão hoje.—De que tabaco cachimba, do meu ou do seu?—Nem do de vm^{cê}, nem do seu. Fuma charutos.

91. Nonagesimo primeiro.

De quem é este livro? — É meu. — De quem é este chapéo?—É de meu irmão.—É mais alto do que eu?— Sou mais alto. — Quem é o mais alto dos dous irmãos? — Um é tão alto, como o outro. — Teu chapéo é tão bonito, como o de meu pai?—Não, é muito mais bonito. Mas o de meu irmão é o mais bonito.—Os vestidos dos

Italianos são tão bonitos, como os dos Hespanhoes? — Não. Os dos Hespanhoes são muito mais bonitos. Mas os dos Castelhanos são os mais bonitos. — Os Inglezes tem lindos cavallos?—Sim, mas os dos Portuguezes são tão lindos, como os dos Inglezes. Porem os dos Arabes são os mais lindos de todos. — O negociante grego faz bons negocios este anno?—Sim faz bons negocios. Mas o Allemão faz melhores. Mas o negociante inglez faz os melhores negocios. Todos os dias os seus navios vão e vem. Faz gosto! — Quem tem a casa mais bonita?— Meu pai tem uma bonita casa, eu tenho uma melhor, mas minha irmã é a que tem a melhor de todas.

92. Nonagesimo segundo.

Tem tantos cavallos, como eu?—Tenho tantos como vmcê. — Tens-tu muitos criados? — Tenho tantos criados, quantos (que) quero. Os criados de meu pai tambem são os meus.—De que gosta mais, do calor ou do frio? — O calor é intoleravel para mim, mas o frio mais intoleravel ainda. — Quem tem a minha faca e o meu pente? — Vmcê. é intoleravel. Ninguem os tem. — Seu tio não é um homem extraordinario? — Sim, mas o pai de meu tio é mais extraordinario ainda. O mais extraordinario de todos é o commerciante russo. — Quem lê mais livros, vmcê. ou sua irmã? — Eu leio muitos livros, minha irmã lê mais, mas meu pai é aquelle que lê mais. —Quem tem o mais bonito jardim, tu ou o nosso medico? — Eu tenho um jardim mais bonito do que elle. — Que fazem os carpinteiros?—Uns não trabalhão, outros bebem vinho, é uma vergonha! — Quem tem o melhor chá? — O Inglez tem bom chá, o Hollandez tem melhor, o Castelhano é o que tem o melhor de todos.—Tem bom açucar? — Sim o negociante tem bom açucar. Todavia é peior do que o meu.

93. Nonagesimo terceiro.

Seus meninos estão doentes? — Sim. Minha filhinha está doente, meu menino está mais doente e a mãe

tambem está muito doente.—Quem tem mais livros, nos ou os Francezes?—Os Francezes tem mais do que nos. —Tem uma nova espingarda?—Sim, mas não é tão boa, como a velha. — Quem [é que] tem as melhores espingardas?—As espingardas do capitão, as nossas e as do tio de certo são as melhores. — Sabe, meu senhor, que horas são?—Não, meu senhor, não o sei.—O seu criado varre os quartos tantas vezes, como o meu? — Varre-os duas vezes todos os dias.—Isto é muito. O meu criado não os varre tantas vezes. — Como posso-eu aprender bem a lingua portugueza? — Isto é facil. É preciso estudar muito.—Quanto mais estuda, tanto mais aprende, quanto menos estuda, tanto mais intoleravel é o estudo desta lingua. —É rico, este homem? —Sim, mas quanto mais dinheiro tem, tanto mais quer. Que quer dizer o adagio: A agua o dá, a agua o leva?—Quer dizer: A fortuna é inconstante. — Está doente, sua senhora? — Não. Ella está em casa. Quanto menos sahe, tanto mais trabalha. Não gosta de deixar sós os meninos. — Ella tem razão.

94. Nonagesimo quarto.

Vm^cê. põe outra casaca para ir ao theatro? — Sim ponho outra. — Calça as suas luvas, antes de calçar os seus çapatos? — Calço os meus çapatos, antes de calçar as minhas luvas. — Seu irmão põe o seu chapéo, antes de pôr a sua casaca? — Põe a sua casaca, antes de pôr o seu chapéo.—Que poem nossos meninos para ir á casa dos seus amigos? — Poem os seus vestidos novos e os seus chapéos. — Que poem nossos meninos? — Poem as suas casacas e calção as suas luvas.—Já falla hespanhol? — Não o fallo, mas começo a aprendê-lo. — Seu pai já se vai? — Ainda não se vai. — A que horas vai-se? — Vai-se ás dez horas.—Almoça, antes de partir?—Almoça e escreve as suas cartas, antes de sahir.—Sahe antes de vm^cê. ? — Saio antes delle. — Vai tantas vezes ao theatro, como eu? — Vou tantas vezes, como vm^cê. — Começa [a aprender] a conhecer a este homem? — Começo a

conhecê-lo. — Almoça cedo? — Não almoçamos tarde. — O Inglez vai ao concerto mais cedo do que vmcê.? — Vai mais tarde do que eu. — A que horas vai elle? — Vai ás dez e meia.

95. Nonagesimo quinto.

Não vai ao theatro cedo demais?—Ainda não vou.— Escrevo-eu demais? — Não escreve demais, mas falla demais. — Fallo-eu mais do que vmcê.? — Falla mais do que eu e meus irmãos.—Quer a minha carruagem ou a do meu amigo? Gosto mais da carruagem de vmcê., porque [presta mais] é melhor do que a do seu amigo. —Seus amigos comprão trigo demais?—Comprão pouco sómente. — Tem bastante pão? — Tenho pouco sómente, mas bastante.—Já é tarde?—Ainda não é tarde.—Que horas são? — É uma hora. — É tarde demais para ir á casa de seu pai? — Não é tarde demais para ir. — Quer ir commigo? — Vou com vmcê. — Onde está seu pai? — No seu escriptorio.—O Hespanhol compra um cavallo? —Não pode comprar um cavallo.—Não é rico?—É mais rico do que vmcê.—Quantas linguas falla seu irmão? — Falla seis ou sette.

96. Nonagesimo sexto.

Que dizem do meu novo navio?—Não fallão delle.— Vai hoje á casa de seu tio? — Não, não gostão de mim naquella casa. — Vai hoje ao theatro francez? — Não, fallão esta lingua no theatro tão mal, que não quero ouvi-la. — Que se dá ao criado? — Muitas vezes não lhe dão mais do que uma libra todos os mezes. — Que se bebe para matar a sede? — Bebe-se vinho com agua. — Que se come para matar a fome? — Come-se carne, presunto, pão e tudo o que pode matar a fome. — Que me traz o alfaiate? — Traz-lhe as meias de seda. — Que se dá ao mendigo? — Uma esmola. — Que fazem os saloios?—Pedem esmola.—Que fazem com o dinheiro? — Poem-o na algibeira. — Quer ter a bondade de me

mandar o meu dinheiro ainda hoje?—Isto não é possivel. Tenho só um criado e este não está em casa hoje. Não posso mandar a vm^{cê} o seu dinheiro. Mas amanhã ás seis horas o meu criado volta. Não é muito cedo? Não está ainda na cama a estas horas?—Não. Levanto-me ás seis horas. — Bem. Mando-lhe o seu dinheiro ás sette.

97. Nonagesimo septimo.

Que tens-tu bebido? — Tenho bebido um copo de cerveja. — Em casa de quem tens-tu jantado? — Tenho jantado em casa do meu amigo. — Onde tens-tu estado? —Tenho estado na praça. — Que tens comprado alli? — Não tenho comprado nada. — Seu irmão tem ido para o porto?—Não, tem ido para a praça.—Que tem dito?— Tudo, o que temos dito, já o temos dito uma vez a seu irmão. — Não tem vergonha de o ter dito? — Não temos vergonha de o ter dito. — Tem tido razão ou não? — Tenho tido razão. Mas não gostão daquelle que tem razão. — Tem estado nos meus quartos? — Não tenho estado nos seus quartos, mas no quarto de seu irmão.— Que tem dito a meu irmão?—Não tenho fallado com o seu irmão, mas com a sua irmã? — Meu irmão não tem estado em casa? — Não posso dizê-lo, mas não tenho fallado com elle. — Tem comprado um cavallo? — Tenho tido vontade de comprar dous cavallos. Mas os saloios não tem tido um só bom cavallo.—A quem tem vendido a sua casa?—Não a tenho vendido. Quer a comprar?— Eu? Posso-eu comprar uma casa?—Não tenho bastante dinheiro para comprar uma casa. — Tens estado no theatro?—Sim.—Tens applaudido?—Não.—Tens estado no jardim? — Sim. Depois do jantar tenho fumado um charuto e tomado o meu café.

98. Nonagesimo oitavo.

Está em casa hoje? — Não, saio. — Tenho-eu estado no seu quarto ou no do seu amigo?—Não o sei.—Tem

recebido a minha carta?—Não a tenho recebido. Tem me mandado uma carta?—Sim, tenho lhe mandado tres cartas, mas nunca me tem respondido. — Onde tem estado? — Tenho estado no concerto. — Os saloios tem vendido o trigo delles? — Ainda não tem vendido tudo. Quer comprar alguns saccos?—Não; já tenho comprado seis saccos. — Como tem dormido? — Tenho dormido menos mal, e vm$^{cê.}$?—Não posso dormir bem, senão na minha cama.—Onde tem jantado hoje?—Tenho jantado hoje com meu irmão. Hontem tenho ceiado com meu pai.—Quer almoçar commigo?—Não, já tenho almoçado. — Para onde tem ido, seu pai?—Tem ido para o armazem. — O medico, que tenho mandado chamar, já tem voltado? — Não. Volta sómente daqui a uma hora. — Onde tem estado, no meu jardim ou no de meu pai?— No de vm$^{cê.}$—Para onde tem ido, seu irmão?—Tem ido ao theatro italiano. Quer ir tambem? — Não posso ir, não tenho tempo.

99. Nonagesimo nono.

Nunca queres aprender a tua lição? Nunca queres, como outros meninos, aprender a fallar bem uma lingua? Nunca queres aprender a escrever uma carta? — Sim, quero tudo isto. Mas como posso eu fazê-lo?—Meu pai não me dá dinheiro para comprar livros. — Já tens ido á casa de teu irmão? — Ainda não. Mas vou daqui a um quarto de hora.—Já tem tomado o seu chá?—Ainda não; é muito cedo ainda. — Não, já não é cedo. Sabe que horas são? — Podem ser dez horas pouco mais ou menos. — Não, é muito mais tarde. São dez horas e meia. — O criado já tem voltado? — Sim. Já está em casa mais de uma hora.—Que tem comprado na praça? — Tem comprado muitas cousas, gallinhas, pão, vinho, cerveja, chá e açucar. — Quantas vezes já te tenho dito de não fazer tantas palavras? — Fallo mui pouco. Mas vm$^{cê.}$ parece estar doente. Doe lhe a cabeça?—Não me doe, mas tu fallas demais. Ouves?—Vou fallar menos.— Jamais tens estado no meu jardim?—Nunca tenho estado

nelle. — Jamais tens fallado com minha irmã? — Nunca tenho fallado com ella. — O commerciante jamais tem dito a verdade? — É verdade, nunca a tem dito. — Quem chama? — É o criado, que tem chamado. — Tens voltado á casa hoje, cedo ou tarde? — Tenho voltado muito cedo. — Tenho sido chamado. — Quer me vender o seu cavallo? — Isto já não é possivel. Tem sido matado ante hontem. — Posso-eu vêr a sua bonita espingarda? — Já não a tenho. Tem sido vendida hontem.

100. Centesimo.

Que tens-tu tido na mão? — Meu lapiz. — Tem tido a minha pasta? — Não a tenho tido. — Tens-tu tido o meu chapéo de chuva? — Não o tenho tido. — Tenho-eu tido a minha espingarda ou a de seu irmão? — Tem tido a minha espingarda. — Pode haver cousa mais linda do que a que vê alli? — O que vejo alli com effeito é muito bonito. Mas ha cousas que são muito mais lindas ainda. — Que ha de novo na sua casa? — Minha mulher está melhor e meus meninos tambem. — Tem estado doentes? — Sim, o medico me tem dito de não ter medo. Mas todavia tinha medo. — Que medico tem tido? — O de meu irmão. — É bom medico? — Sim. — Tenho vontade de o mandar chamar tambem; minha irmã não está bem. — Teu irmão tem tido o meu martello de ferro? — Não, tem tido o do visinho. — Quem tem tido a minha casaca nova? — O criado a tem levado ao alfaiate. — O çapateiro já tem remendado as minhas botas? — Ainda não. Não sei, se elle ainda pode remenda-las. Já são muito velhas. — Já tem tido uma vez este livro francez? — Nunca o tenho tido. — Já tem tido uma vez um colchão de algodão? — Não. Mas tenho comprado hoje um colchão. — Quer mo mostrar? — Com muito gosto. Quer vir commigo? — Sim, quero ir com vm^{cê}.

101. Centesimo primeiro.

Que tem tido o pintor? — Tem tido lindos quadros. — Já não os tem? — Os tem vendido. — Quem os tem

comprado? — O commerciante inglez. — Posso vê-los na casa delle? — Não. Já tem sido mandados com o navio para Inglaterra.—Quem lho tem dito?—O commerciante. Hontem tenho fallado com elle na praça.—O negociante já tem mandado tabaco e charutos?—Não. Vou mandar o criado á loja do negociante para comprar tabaco. — Ainda tem rapé?—Não. O criado o tem deixado cahir no chão. — Quem tem tido mais dinheiro, vmcê. ou seu tio?—Meu tio tem tido mais dinheiro, que eu. Mas eu tenho tido tanto dinheiro, como seu irmão. — Que tem bebido este marujo? — Tem bebido vinho, cerveja e agua ardente.—Tem tido do pão, que tenho mandado ao meu jardineiro? — Sim, elle mo tem mandado. — Ainda quer mais?—Não, não gosto muito delle. Minha mulher tem gostado muito delle.—Já tens mandado o tabaco ao pintor?—Não. Elle não cachimba.—Queres mandar-me do teu tabaco turco?—Com muito gosto.—Que lhe tem dito o medico?—Nada de novo me tem dito.—O negociante tem tido um bonito jardim noutro tempo? — Noutro tempo, sim. Mas hoje já não está rico. Tem bebido demais e tem gastado dinheiro demais.

102. Centesimo segundo.

Ha muita gente no theatro? — Não posso dizê-lo, tenho estado no theatro hoje pela primeira vez.—Quanta gente ha no seu jardim?—Não mais que dez pessoas.— Quantas pessoas tem jantado em casa de seu pai? — Vinte e cinco. — Quantas pessoas ceião hoje com vmcê.? — Meu pai, meu irmão, sua mulher, seus tres meninos, minha mulher e eu, fazem oito pessoas. — A quantos estámos?—Estámos a sette de Março.—Seu irmão ainda está no theatro? — Não, o theatro já está acabado. — Quando volta seu filho da Inglaterra? — Volta daqui a pouco.—Quando tem sido celebrado o seu dia de annos? —Tem sido celebrado o outro dia. — Quantas vezes por anno vem o navio? — Vem duas vezes por mez. — Quantas vezes janta seu pai em casa de vmcê.?—De vez em quando, mas nunca mais que tres ou quatro vezes

por mez. — Quando escreve a sua carta? — Hoje não, doe-me o dedo.—Já tem mandado chamar o medico?—Não, não quero mandar chama-lo.—Tem comprado muitos cavallos? — Não, só tenho comprado tres. Os outros ainda não estão vendidos. Quer compra-los? — Não, hontem tenho comprado quinze; não quero comprar mais.

103. Centesimo terceiro.

Quem tem estado em casa, seu irmão ou minha irmã? —Ambos tem estado em casa.—Quantas vezes a minha casaca já tem sido remendada? — É uma vergonha, já tem sido remendada vinte e seis vezes.—Que diz vmcê.? É uma vergonha? E os seus çapatos? Elles tem sido remendados tantas vezes como a minha casaca. O çapateiro já não quer remenda-los. — Quantas gallinhas tem sido matadas hoje? — O cuzinheiro tem matado dez e tem tenção de matar mais cinco outras. — Que se diz do lindo cavallo, que tenho comprado? — Achão-no muito lindo. — Quem gasta mais dinheiro, vmcê. ou seu irmão? — Não sei quanto dinheiro gasta meu irmão. — Que me tem dito hontem? — Hontem, não tenho dito palavra nenhuma.—Que se diz do baile, que minha irmã dá?—Ha baile hoje? — Sim, vmcê. vem tambem? — Não, não estou bem, fico em casa.—Tem mandado um bilhete ao medico? — Nunca mando bilhete ao meu medico. — Quem tem tido o meu candieiro de ouro? — Ninguem o tem tido. — A quem tem mandado os seus botões de ouro?—Os tenho mandado a meu irmão. Vai ao baile hoje.—Vai vmcê. com elle?—Não, tenho os meus negocios.—Tem tido fome algumas vezes?—Fome, não, mas muitas vezes tenho sede. — Tenho eu ido tão cedo ao baile como vmcê.?—Não, tenho ido mais cedo que vmcê.

104. Centesimo quarto.

Que lhe tem dito seu pai?—Elle me tem fallado de meu irmão.—Quem lhe tem fallado de mim?—A senhora de seu irmão. Tenho estado em casa della.—Tens algum

negocio? — Não tenho negocio hoje. — Já tem escrito as suas cartas? — Não. Vou escrevê-las agora mesmo. — Que tem feito todo o dia? — Tenho escrito cartas. — O alfaiate já tem feito a minha casaca? — Não, ainda não a tem feito. — O çapateiro já tem remendado os meus çapatos? — Já tem remendado os çapatos, mas não as botas. — Já tem vestido as suas calças? — Não, ainda não tenho tido tempo. — Tem tirado as suas luvas? — Sim, as tenho deitado. — Quem tem feito o seu chapéo? — O chapeleiro o tem feito. — Seu pai tem vestido a sua casaca? — Elle a tem vestido. — O criado tem levado as espingardas ao jardim? — Não. Eu as tenho levado ao jardim. O criado não está em casa. A carta, que vmcê. quer mandar á casa do negociante irlandez, já está escrita? — Não, ainda não está escrita. Não tenho tido tempo para isso. — Já tem visto minha irmã? — Hoje não. Hontem tenho fallado com ella. — Seu irmão já está cá? — Sim, cá vem elle. — Bons dias, meu senhor, como está vmcê.? — Ha já muito não o tenho visto? Muitos parabens da sua chegada.

105. Centesimo quinto.

Que remenda o çapateiro? — Tem remendado os velhos çapatos e as velhas botas de vmcê. — Quantas casacas [é que] o meu alfaiate tem concertado este anno? — Não o sei exactamente, mas tem concertado muitas. — Já tens pagado ao alfaiate o seu trabalho? — Ainda não está pago: não posso lhe dar dinheiro, não tenho. — Meu amigo, não te tenho dado ante hontem vinte libras? — É verdade. Vmcê. me tem dado vinte libras. Mas como posso-eu pagar tudo com este dinheiro? Tenho dado seis libras ao negociante, oito libras ao çapateiro, tres libras ao padeiro, e dez libras ao cuzinheiro. — Tu não dizes a verdade. Só te tenho dado vinte libras e tu tens gastado vinte e sette? — Sim, mas tenho dado sette libras do meu dinheiro. — Donde tens-tu sette libras? — Meu irmão mas tem dado. Tem vendido um boi hontem. — É vmcê. irmão deste menino? — Sim, senhor.

— Ha theatro hoje? — Não, hoje ha baile. — Não está muito cansado?—Não, não tenho andado muito hoje.— Não? Não tem ido duas vezes para o jardim?—Sim, e tenho tambem voltado duas vezes á casa, mas isto não é muito. — No seu logar, meu senhor, meu pai tem ido ao escriptorio hoje. — No meu logar? — Não lhe tenho dito de ir. Ainda está no escriptorio? — Não, já tem voltado.

106. Centesimo sexto.

Onde tens tu posto a carta, que quero mandar embora hoje? — Eu a tenho posto na pasta. — E onde está a pasta?—No escriptorio. Vou lhe buscar a carta. — Não, ainda não preciso della. Vou antes escrever outra. Onde está o meu papel e o meu canivete? — Tudo está no escriptorio. — Podes me dizer ainda o adagio, que te tenho dito hontem? — Sim, ainda o sei: A agua o traz, a agua o leva. — Seu irmão tem lido o livro, que lhe tenho mandado ante-hontem.—Não, ainda não o tem começado. — Tem os livros que lhe tenho mandado?—Não. O seu criado não mos tem entregado. —Onde está o criado?—Cá está elle.—Não tens levado os livros á casa deste senhor? — Não. Nada me tem dito. — Es um pateta. Eu to tenho dito hontem. Mas não sei onde tu tens a tua cabeça. Podes ir-te embora. —A espingarda tem sido entregue?—Fica entregue.— A quem a tens-tu dado? — Ao senhor com as barbas pretas, como vm^cê. mo tem dito.—Bem. Cá tens algum dinheiro. — Minha casaca já está paga? — Sim, a tenho pagado hontem. Mas o çapateiro quer dinheiro, as botas ainda não estão pagas. — Não posso pagar-lhe agora. Já não tenho dinheiro. — Está cansado? — Não, estou distrahido. Tenho recebido hoje cartas, que não me dizem nada de bom.—Podes me mandar ainda hoje um diccionario portuguez-francez?—Sim, posso to mandar.— Quer ir á casa commigo, faz-se tarde?—Ainda não vou.

107. Centesimo septimo.

O criado tem aberto as portas e as janellas para varrer os quartos? — Não o tem feito. — Mas vou lhe dizer de fazê-lo. — Quando é que os diccionarios portuguezes-allemães tem sido levados? — Ainda estão em casa.—Aonde estão elles?—O criado os tem posto todos em cima da mesa.—Quer vê-los?—Sim. Quero mandar a metade sómente a meu irmão, minha irmã quer a outra metade. — Quem tem abrido [aberto] a janella? — Eu a tenho aberto, afim de poder ver o que se faz no jardim. — Não gosto de ter a janella aberta hoje, está muito frio.—Quando tem vindo á casa dos seus meninos, os do alfaiate? — Não tem vindo. — Mas quem está com os meninos de vm^cê.?—São os meninos do meu visinho. —Sua irmã tem chegado?—Sim, ella está no jardim.— Os amigos de vm^cê. tem chegado? — Tambem elles tem chegado. Todos estão no jardim, e comem e bebem.

108. Centesimo oitavo.

O criado tem levado o chapéo ao jardim? — Ainda não, ainda não tem jantado.—O alfaiate tem concertado a casaca de meu pai ou não? — Não a tem concertado, elle não quer. Quem tem bem aprendido a sua profissão, diz elle, não remenda vestidos. — O çapateiro já tem remendado as botas de meu irmão? — Ainda não, tambem elle não quer remenda-las. Um bom official, diz elle, não remenda nem çapatos, nem botas. — Que está lá em cima do banco? — É o meu livro francez. — Sim, mas dous livros estão em cima do banco? — O outro é o meu diccionario allemão.—Já tem visto o meu retrato? — Sim, já o tenho visto. — É muito parecido. De quem é?—Do pintor allemão, elle é muito entendido. — O commerciante lhe tem dito a verdade ou não? — Não sei: estou desconfiado. Pessoas, como este negociante, muitas vezes não dizem a verdade.—Não é uma vergonha?—Tenho comprado em casa do mesmo negociante um chapéo e o negociante tem vendido o mesmo

chapéo a minha irmã. — Como? elle tem vendido um chapéo duas vezes?—Isto de certo é uma vergonha!— Tem estado no theatro hontem? — Não, tenho ficado em casa hontem.

109. Centesimo nono.

O alfaiate tem bons officiaes? — Tem tido bons officiaes. Mas elle não paga bem, por isso elles nunca querem ficar.—Onde é a sua janella?—Aquella janella, que dá sobre o jardim, é a minha. A outra é a de meu irmão. — Vejo duas janellas; uma está aberta, a outra não; qual é a sua? — A que está fechada é a minha. — Tem uma linda vista da sua janella? — Vejo o jardim e uma parte do porto.—Quem está no seu quarto? —Meu pai está nelle.—Que cão é este?—É o cão, que o meu amigo, o capitão polaco me tem dado. — Minhas camisas estão lavadas?—Sim. Quer pôr uma?—Agora não, mas esta noite. — Meu charuto está apagado; tem outro? — Sim. Quer este? Parece-me muito bom. — Tomo-o com muito gosto. — Gosta de fumar? — Sim, gosto de fumar de vez em quando um charuto.

110. Centesimo decimo.

Que tens-tu visto hoje?—Tenho visto o navio de seu tio.—Como? já tem vindo?—Sim, hoje ás dez horas da manhã. O capitão me parece um homem muito atrevido. É Hollandez, mas falla muito bem portuguez. Conhece-o? — Sim. Ha muitos annos que o conheço. — Tem mandado varrer o seu quarto? — Não, não o tenho feito. Meu criado nunca o faz.—O fogo está apagado?—Sim. Os homens tem trabalhado muito tempo. Mas agora [são] ficão senhores do fogo. — Ha baile esta noite em casa de sua mãe? — Sim. Muitas pessoas vem. — Quem abre a porta aos que vem? — Tenho mandado a minha mãe os criados da tia. Ella não tem senão poucos e estes não sabem como se recebe as pessoas. — Seu menino já aprende a ler?—Já sabe ler, escrever e contar.

Mas não gosta muito de trabalhar. — Tem procurado as minhas luvas? — Não, não as tenho procurado. — Quem tem achado o meu cão? — Não o tenho buscado. — A quem tem emprestado dinheiro? — Tenho emprestado dez libras a seu irmão.

111. Centesimo undecimo.

Que lhe tens promettido? — Tenho lhe promettido de escrever ao menos cinco cartas cada mez. — Tens promettido mais do que tens vontade de fazer. Não é assim? — É assim, mas cadaum promette mais do que pode fazer. — Podes tu recusar uma esmola ao mendigo? — Não, não o posso. — Conhece os sentimentos deste homem? — Conheço-os, mas não os comprehendo. Podes-tu recusar-me o teu cavallo e a tua carruagem? — Sim, recuso to. Ainda es moço e não precisas carruagem ainda. — A quem recusas a tua espingarda? — Recuso-a até ao meu melhor amigo; porque uma vez que está quebrada, já não a quero. — Está cansado? — Não, mas minha mulher está muito cansada. — Queres me fazer um favor? — Com muito gosto. — Queres-me dizer, quanto ha daqui ao porto? — [Uma] meia legua pouco mais ou menos. — Traz estas espingardas á casa de meu irmão, ou á minha? — Não as trago nem á sua casa, nem á de seu irmão. — A sua sobre-casaca já está muito usada? — Sim, vou da-la ao meu criado. — Ainda tem o seu criado? — Não, já não o tenho. Tem feito das suas, e vmcê. sabe, eu não gosto disto. — Como se faz o pão? — Da mesma maneira que os saloios o fazem. — O meu pão é bom, não é assim? — Sim, vmcê. tem bom pão. — Vmcê. está muito cansado, como me parece. Não é assim? — Está enganado. Não estou cansado, mas estou doente e por isso lhe parece assim.

112. Centesimo duodecimo.

Que largura tem o seu jardim? — Não é muito largo. O do meu visinho é muito mais largo. — Que idade tem

seu filho mais moço?—Hoje elle faz dez annos. Não é elle muito alto? — Não o acho. Meu filho tambem tem dez annos e é muito mais alto que o seu.—Que comprimento tem a sua espingarda? — É muito comprida, em todo caso mais comprida que a sua. — Já tem lido os livros, que lhe tenho mandado? — Tenho começado. Quasi tenho acabado o primeiro. — Já tens acabado o teu thema portuguèz? — Ainda não. Apenas o tenho começado. — Quantas arvores estão no seu jardim? — Quarenta, pouco mais ou menos. Nunca as tenho contado, mas não podem ser mais.—Como tens tu aprendido a lingua ingleza?—Da maneira como o senhor Ollendorff a ensina. — A tens tu aprendido em pouco tempo? — Sim, mas tenho trabalhado muito. — Que é mais facil, falla-la ou escrevê-la?—Acho, é muito mais facil escrever uma lingua, do que a fallar. Porem outros não o achão. Cada qual pensa da sua maneira.—Quantos criados tem? — Tenho cinco. Mas não estou contente delles. Comem e bebem bem, mas se devem trabalhar, falta-lhes isto e aquillo; um está doente, o outro não quer trabalhar. Numa palavra são preguiçosos.

113. Centesimo decimo terceiro.

Queres jogar commigo?—Não, não tenho vontade de perder o meu dinheiro. — Já tens perdido muito? — Já tenho perdido tres libras esta noite. — Com quem tens jogado? — Com teu irmão. Joga muito bem. — Estás á espera de alguem? — Estou á espera de meu irmão. — Que sentes-tu? — Sinto um terremoto. — Isto não é um terremoto, é o vento. Um terremoto tem muito mais força.—Já tens sentido um terremoto?—Já duas vezes.— Tambem tens tido muito medo? — A primeira vez, sim, a outra vez não. — Aonde tens ficado tanto tempo? — Tenho estado em casa de meu tio.—Entende o Inglez? —Eu não o entendo. E vmcê. ?—Apenas entendo algumas palavras. Elle não falla bem. — Isto só lhe parece assim. Vmcê. não sabe bem a lingua ingleza, por isso não o entende. Não é assim? — Tem razão. Não é

facil entender uma lingua que não se sabe bem. — Quanto dinheiro tens tu perdido? — Não tenho perdido dinheiro, nunca jogo.—Nunca jamais?—Ha tempo, tenho jogado, mas agora já não o faço.—O fidalgo, que muitas vezes vem á sua casa, joga algumas vezes com o pai de vmcê.? — Não gosta de fazê-lo, mas algumas vezes o faz para fazer um obsequio a meu pai. — Espera uma mercê de mim? — Sim, espero poder vêr com vmcê. o bonito jardim de seu tio? — Que bulha é esta? Ouço muitas pessoas que fallão ao mesmo tempo. — Não é nada. O seu visinho tem deitado pela porta fóra o criado delle. Por isso ha alli tanta gente.

114. Centesimo decimo quarto.

Porque não bebe? — Não bebo, porque não tenho sede. — Porque não me tem mandado o meu capote?— Porque o alfaite não mo tem mandado. — Porque seu irmão se tem ido mais cedo hoje que hontem?—Porque ainda ha de acabar algumas cartas começadas.—Porque é que o meu criado não tem posto charutos em cima da mesa? — Porque já não tem achado charutos. As lojas já estão fechadas.—Porque é que seu amigo falla tão pouco hoje?—Porque tem fallado muito hontem. Está cansado hoje. — Porque abre a janella? — Porque está bastante calor no quarto. — Porque é que o saloio bate o seu cavallo? — Porque o cavallo o tem deitado no chão. — Porque não quer tomar chá esta noite? — Porque já o tenho tomado em casa.—Porque não fuma?—Porque não tenho charutos. — Porque não paga as suas dividas? — Porque não quero, nem posso. Quem não tem dinheiro, não pode pagar as suas dividas. — Isto é verdade, mas quem não tem dinheiro, tambem não deve fazer dividas.

115. Centesimo decimo quinto.

Vem logo?—Venho jã. Quer esperar um pouco?— Já espero muito tempo e vmcê. não vem.—Está á espera de meu irmão?—Estou á sua espera ha já muito tempo.

Mas agora vou-me. — Não faz bem. Deve vir logo. — Não, vou-me. Bons dias, até á vista. — Quer dar uma volta commigo?—Porque não. Para onde vai?—Vou á cidade, mas não fico muito tempo.—Quando é que seu irmão tem voltado do theatro? — Esta manhã ás tres horas. — Seu primo está no theatro ou não?—Não está.—Está no theatro. Aposto que sim? — Aposto que não. Vamos vêr, quem tem razão. — Eu digo: sim, vmcê. diz: não. Um de nos deve ter razão.—Sua prima é bonita?—Não é feia. Mas sabe muito bem, como se ha de haver. — Outras tambem o sabem, isto é facil. — Gosta deste rapaz? — Sim, elle sabe, como se ha de haver. — Como se acha sua senhora? — Assim assim. Hoje ella está mais doente que hontem. O medico já tem chegado duas vezes.—Mora na cidade?—Durante o hinverno, sim. Mas durante o verão não. Não gosto do calor na cidade. — Onde mora durante o hinverno? — Na rua direita, numero vinte tres.

116. Centesimo decimo sexto.

Aonde vai seu irmão? — Vai á ilha da Madeira. — Porque? Está doente?—Já está doente muito tempo.—Onde mora seu pai?—Mora na rua de S. Antonio, numero trinta e quatro. — Como vai sua senhora? — Tem estado doente durante o hinverno, mas durante a primavera ella vai melhor.—Sua prima está em casa?—Parece-me que sim.—Falla de veras ou está zombando?—Nem um, nem outro. Digo a verdade. Não lhe basta isto? — Sim, basta-me.—Onde mora o pintor italiano?—Mora na rua direita, na casa do alfaiate.—Não é verdade. Mora na rua do correio, em casa de seu irmão. — Não quer apostar?—Sim, aposto que sim.—E eu aposto que não. — Ainda sabe, quem tem perdido hontem a aposta? — Sim, ainda o sei, eu a tenho perdido. Mas hoje não a posso perder.—Quanto ha do reino de Portugal á India? —Não o sei exactamente.—Onde está situada Lisboa?—Sobre o rio Tejo, no reino de Portugal.

117. Centesimo decimo septimo.

Quando tem escrito, seu irmão?—Elle me tem escrito a semana passada.—Quanto tempo fica em Grão-Bretanha, o Grão-Duque?—Fica ainda até terça feira; então parte. —Pode-se perguntar para onde?—Parece-me para o reino de Portugal. — Ainda tens de escrever muito tempo?— Tenho de escrever ainda até ás dez horas. — Quanto tempo já não tens jogado commigo? — Tenho jogado hontem comtigo. Isto não é muito tempo. — Quanto tempo já mora na rua do correio?—Tenho tomado uma casa nesta rua o anno passado.—Seu pai ainda mora na rua de S. João?—Não, tem deixado [abandonado] a sua casa a semana passada e mora agora na minha casa. É muito melhor assim. Muitas vezes elle está doente e na minha casa ha alguem, que elle pode mandar á casa do medico.—Quanto tempo devemos trabalhar?—Até as sette horas da noite. Então podeis dar uma volta, e voltar ao trabalho as oito e meia. — Porque é que meu irmão tem ficado hoje até á meia-noite ao theatro? — O theatro não tem acabado mais cedo.—Quanto tempo fica no seu jardim?—Até esta noite, então volto.—O criado tem escovado as minhas casacas? — Não. Ainda não tem voltado á casa.—Quanto tempo tem ficado cá o meu amigo?—Até as sette horas.—Para onde tem ido depois? —Não o sei.

118. Centesimo decimo oitavo.

Tem fallado muito? — Não tem fallado muito, mas tem gritado.—Porque grita, seu rapaz?—Grita, porque está doente.—Até quando quer esperar?—Até que venha [até ao chegar] o correio. Devo receber hoje algumas cartas, por isso espero.—Até quando é que o navio sahe do porto? — Até ao pôr do sol, porque então o vento é favoravel. — Quando vem o correio de Lisboa? — Tres vezes cada semana e muitas vezes tambem quatro vezes. — Que dia é hoje? — Hoje é quarta feira. — Até que horas é que o seu amigo tem ficado no concerto? —

Até ás seis horas.—Quer esperar aqui?—Quanto tempo devo esperar? — Até a volta de meu pai. — Tem estado muito tempo á minha espera?—Tenho estado duas horas á sua espera. — Sabe ler as cartas, que lhe mando? — Sim, sei ler muito bem as suas cartas. — O seu criado se tem ferido hoje? — Sim, tem matado uma gallinha e se tem ferido com a navalha. — Porque gritas assim? Tens sido ferido? — Não, o rapaz do visinho me tem [espancado] dado pancadas. — Isto é bem feito. Porque tens ido com este rapaz ao jardim. — As minhas botas tem sido levadas ao çapateiro? — Parece-me que sim. Tenho visto o seu criado: elle tem ido á casa do çapateiro. — Onde mora o meu çapateiro? — Mora na praça de S. Antonio.

119. Centesimo decimo nono.

Porque tem dado pancadas a seu rapaz?—Porque elle me tem dito uma mentira. — Lhe dá pancadas todas as vezes, quando elle diz uma mentira?—Quantas vezes o sei. — Já conhece muitas [modos de dizer] phrases portuguezas? — Sim, já conheço muitas. Mas o numero daquellas, que ainda não conheço, deve ser maior, que o numero daquellas que conheço.—Que diz destes modos de dizer? — Alguns delles podem dizer-se, mas muitos outros não. — Já se tem visto tantos saloios na praça, como hoje?—Não, raras vezes se vêm tantos.—Que se deve fazer par aprender uma lingua em pouco tempo? — Quanto mais exercicios se aprendem, tanto mais depressa a lingua se aprende. Mas sempre gasta-se um anno. — Este menino ainda tem os seus pais? — Não, elle os tem perdido o anno passado.—Esta mulher ainda tem meninos?—Não, ella os tem perdido todos.— Que te tem mandado hoje teu irmão? — Elle me tem mandado o laço, que tenho deixado no seu jardim. — Não te tem tambem mandado um bilhete para mim? — Sim. O meu criado não to tem trazido?—Não o tenho recebido. — Assim vai. Tenho dado o bilhete ao pateta

hontem e hoje ainda o tem na algibeira. Não se pode dar nada a esta gente.

120. Centesimo vigesimo.

Até onde tem viajado?—Tenho ido até á Allemanha. — Tem ido até á Italia? — Tem ido até á America. — Até onde tem ido os Hespanhões? — Tem ido até Londres. — Até onde tem vindo, este pobre marujo? — Tem vindo até aqui.—Tem vindo até á casa de vmcê.?—Tem vindo até á casa de meu pai.—Que se lhe tem furtado? —Me tem furtado todos os meus vestidos.—Que se tem furtado ao pai de vmcê.?—Lhe tem furtado todas as suas botas e çapatos. — Furtas tu dinheiro a teu irmão? — Nunca furto, nem roubo.—Jamais tens furtado dinheiro? —Nunca tenho furtado.—Lhe tem furtado os seus bons vestidos?—Mos tem furtado. — Que se tem furtado hontem desta mala? — Uma duzia de camisas e uma meia duzia de lenços.—Até onde quer ir?—Vou até ao rio.— Até onde queres vir commigo? — Vou com vmcê. até ao theatro, mas depois volto. — Até onde tens ido hontem? — Tenho ido até ao porto; mas depois tenho voltado para casa.—Tem ido até alli?—Não tenho ido até alli.— Onde vais tu?—Tenho tenção de ir á praça.

121. Centesimo vigesimo primeiro.

Seu irmão está á minha espera? — Sim, está em baixo á sua espera.—Onde está o meu amigo? Vou-me. —Está em cima, no quarto de meu irmão. Vou chama-lo.—Tens visto o meu chapéo?—Sim, esta cá. Vou to deitar para baixo.—Não queres vir para baixo? Tenho tenção de ir á cidade comtigo.—Não, não vou para baixo. Ainda não tenho escrito todos os meus exercicios. — Onde está o livro?—Está debaixo da mesa.—Onde está o cão?—Está debaixo da arvore. — Onde está situada a cidade? — Está sobre o rio. — Tens tu visto o que tem feito o marujo? — Tem deitado uma pedra por cima do navio; do outro lado do navio esta pedra tem cahido na

agua. — Onde está situada a casa que tem comprado. Está deste lado do rio ou do outro lado?—Está situada deste lado, uma legua mais para baixo que a sua. — Onde está o jardim? — Está ao lado da casa. — De que lado da casa?—Deste lado, porque do outro está a casa do visinho.—Tem um bonito jardim?—Sim. Tem duas portas.—Que está no meio do seu jardim?—No meio do jardim está uma pequena casa, com janellas verdes.

122. Centesimo vigesimo segundo.

Seu irmão já tem ido á Hespanha?—Ainda não tem ido. — Quando acha, que vai a Paris? — No meio de Maio.—Tem viajado na Hespanha?—Nunca tenho estado na Hespanha. — Quando parte? — Ás cinco horas da manhã.—Tinge o seu vestido?—Não o tinjo; lavo-o.— Deixa tingir o seu chapéo? — Sim. Deixo-o tingir de preto.—Tem tingido o meu chapéo?—Ainda não. Ainda não tenho tido tempo.—Manda tingir a sua lã? — Sim, mando-a tingir.—Como a manda tingir?—Mando a tingir de verde, porque gosto desta côr.—Em que cidade mora seu irmão?—Mora em Lisboa.—Quem vai lá?—É um marujo; vai no meio da rua, e dous soldados o conduzem.—Agora sei quem é. É o marujo que tem furtado tanto dinheiro ao capitão o mez passado. — Até onde tem ido meu irmão com vmᶜᵉ·? — Até ao theatro; então me tem deixado só. — Que calças tem levado comsigo o alfaiate?—As calças de lã parda.—Que tem mandado a minha irmã? — Lhe tenho mandado o algodão em lã, que ella me tem pedido.—Já está tosquiado, o carneiro? — Ainda não; ainda não tem bastante lã. — De que côr o tinctureiro deve tingir o seu capote? — Já lho tenho dito.—Este homem tem muito dinheiro?—Assim, assim, tem pouca lã, porque nunca paga as suas dividas.

123. Centesimo vigesimo terceiro.

Que deve comprar? — Devo comprar carneiro. — Devo-eu buscar vinho?—Deve buscar vinho.—Hei de ir

ao baile?—Ha de ir.—Quando devo-eu ir?—Ha de ir esta noite.—Devo-eu buscar o carpinteiro?—Deve buscalo.—Que é preciso fazer para aprender a lingua russa? — É preciso estudar muito. — É preciso estudar muito para aprender a lingua allemã?—É preciso estudar muito. —Que devo-eu fazer?—Deve comprar um bom livro.— Que deve elle fazer?—Deve ficar quieto.—Que devemos fazer?—Devemos trabalhar.—Ha de trabalhar muito para aprender a lingua portugueza?—Hei de trabalhar muito para aprendê-la.—Porque devo eu ir á praça?—Deve ir para comprar carneiro e vinho. — Hei de ir a alguma parte?—Has de ir ao jardim.—Devo-eu mandar buscar vinho?—Deves mandar buscar agua.—Que devo-eu fazer? —Deve escrever um exercicio.—A quem devo-eu escrever uma carta?—Deve escrever uma ao seu amigo.—De que precisa, senhor? — Preciso de um lenço. — Quanto vale este chapéo?—Vale quatro pintos.—Precisa de meias?— Não preciso.—Quanto valem estas meias?—Valem dous cruzados. — Isto é tudo de que precisa? — É tudo. — Não precisa de çapatos? — Não preciso. — Precisas de muito dinheiro?—Preciso de muito.—De quantos lenços seu irmão precisa todas as semanas? — Não precisa de mais que de dous.

124. Centesimo vigesimo quarto.

O meu criado não está em casa? eu preciso de vinho. — Não tem mais que dizê-lo e eu vou buscar vinho. — Que ha de vêr?—Nada, um rapaz com um gato, brinca na rua. — Tens charutos? — Não, só tenho tabaco para cachimbar. — Queres mandar os teus meninos á escola allemã ou portugueza? — Mando-os á escola allemã. — Tens um copo de cerveja?—Não, tenho sómente agua.— Quem tem sêde, da necessidade faz virtude e bebe agua em vez de cerveja. Não gosto nada da agua. Não podes mandar o criado buscar cerveja?—Não, elle não pode sahir.—Isto não é uma razão! Hei de ter absolutamente cerveja. A necessidade mette a velha no caminho. Não sei, porque o criado não quer ir. — Tra-

balhas muito?—Faço quanto posso; mas duas mãos não podem fazer tudo. — Escreves muitas cartas? — Escrevo quantas posso; mas não posso escrever todas as cartas, que tenho de escrever. Falta-me para isso o tempo e algumas vezes tambem a vontade. Muitas vezes estou tão cansado, que deito o papel em vez de escrever. — Que póde valer esta casa? — Não vale mais que a sua; já está velha e pode cahir. — Que espingarda vale mais, esta ou aquella?—Uma vale tanto como a outra; e ambas não valem nada.

125. Centesimo vigesimo quinto.

Gosta do dinheiro? — Sim. — Porque gosta delle? — Porque valemos quanto temos. Isto é um adagio muito velho.—Porque não aprendes a escrever?—Faltão me os meios.—Não sabes o que diz o adagio?—A quem faltão os meios, aquelle pode valer-se da arte. Mas a ti não te faltão os meios, mas tambem a vontade. — Quem chama? — É o meu amigo, elle chama e chama outra vez.—Porque chama tantas vezes?—Elle me mostra um livro. Provavelmente é um livro que quer trazer a vmcê. — Que sabe de novo? — Não sei nada de novo. — Seu irmão tem muitas dividas? — Sim, tem muitas dividas.— Quanto tempo quer esperar ainda? — Ao menos até chegar o correio. — Espera cartas? — Sim, ha já muito que minha mulher não me tem escripto, e estou muito inquieto. — Quanto tempo ha que não recebe [tem recebido] cartas della? — Ha já mais do que seis semanas; tenho medo que esteja doente.—Donde vem?—Daquella casa? — Da qual? — Daquella com a porta verde. — Que tem elle?—Tem vestidos para vender.—Seu pai é mais velho?—É tal qual tem sido o anno passado. Ao menos eu o acho.—Que devo-eu fazer?—Deve escrever, e logo. Porque o correio vai-se, daqui a uma hora; e até ás seis horas a carta deve estar acabada.

126. Centesimo vigesimo sexto.

Trouxe-me uma resposta de meu mano?—Sim. Deume uma carta para vmcê.—Achou o senhor, que procurou? — Não o achei. Seu mano o mandou para a cidade para buscar uma carta no escriptorio. — Houve muita gente no baile, que sua mãe deu? — Houve alli muita gente. — Aonde estiveste hoje todo o dia? — Estive em casa e trabalhei.—Que fizeste depois de jantar?—Fui ao jardim, tomei uma chicara de café, fumei um charuto e li uma carta. — Que quizeste fazer com esta navalha? — Quiz matar uma gallinha. — Que tiveste neste sacco? — Não tive nada nelle. Furtarão-me todo o meu dinheiro. — Achaste a casa do meu amigo? — Não, não a achei. Um camponez ma mostrou.—Que disse a gente do campo? —Não disse nada. Mas fez uma bulha muito grande.— Que quiz de mim?—Não quiz nada de vmcê.—Já viu a minha nova casa?—Não, ainda não a vi.—Como se achou hontem á noite? — Nos nos achamos muito bem, e nos entretivemos muito bem. Houve muita gente, entre outros as duas irmãs do Grão-Duque.

127. Centesimo vigesimo septimo.

Entreteve-se muito? — Sim. Dancei como os outros. Mas todos queixarão-se do calor. Esteve muito calor no quarto. — Não abrirão as janellas? — Sim, mas não muito tempo. Não sei porque não as deixarão abertas toda a noite.—Porque não celebrou este anno o seu dia de annos?—Não tive tempo.—Que voz correu hoje entre a gente do campo?—A voz da morte do Grão-Duque.— Já viste a minha penna de prata? — Ainda não a vi. — Já sahe, a mulher do nosso alfaiate? — Sahiu hontem, mas succedeu-lhe mal. Hoje está outra vez mais doente do que antes.—Já tomou chá?—Não. Mas nunca tomo chá de noite. Porque me pergunta?—Porque não o sei. Como posso eu conhecer os seus costumes.—Que disse? —Não fallei. Seu irmão teve a palavra.—Viu a mulher, que esteve hoje pela manhã na minha casa?—Não a vi.

— Que garrafa quebrou, tua irmã? — Quebrou aquella que minha mãe comprou hontem. — Porque é que seu irmão não falla hoje?—Doem-lhe os dentes e a cabeça.— Porque não se deita na cama? — Não quer. Tambem eu lho disse.

128. Centesimo vigesimo oitavo.

De que se queixão os officiaes do alfaiate?—Queixão-se do máo vinho, que elle lhes dá a beber.—Porque se queixa o rapaz? — Tem sido batido de seu irmão, por isso elle se queixa.—Divertiu-se hoje?—Nos nos divertimos á custa de minha irmã. — Está doente? — Sim, doe-me a cabeça. — Não me disse um segredo? — Sim, mas fica entre nos. — Como se chama o rio que corre entre a França e a Allemanha?—Já não o sei.—Aonde está situada Lisboa, á direita ou á esquerda do Tejo?— A cidade está situada á direita do rio. — Quem me quebrou a espingarda? — O criado a deixou cahir no chão, depois quebrou. — Conhece esta Hespanhola? — Ella não é Hespanhola, é Ingleza. — Tem escrito uma carta á sua amiga? — A que amiga? Tenho muitas amigas.—A aquella, que lhe tem mandado tantas nozes o anno passado.—Não, nunca lhe escrevo.—Quanta gente houve alli? — Houve pouca gente, mas as senhoras mostrarão uma vaidade intoleravel.—Seu irmão é amavel? — Não o creio, porque a vaidade é a sua primeira virtude.—Como vai seu pai?—Assim assim, elle vai bem, mas os seus negocios não lhe succedem bem. Já perdeu muito dinheiro.—Que está nesta garrafa?—Vinho. Quer um copo? — Não, não gosto de vinho. — Quebraste a minha garrafa?—Eu não, foi o gato.—Sim, conheço este gato. Neste momento elle não diz a verdade.

129. Centesimo vigesimo nono.

Como é a comida nesta casa de pasto?—É má. Vou lhe mostrar uma casa de pasto melhor do que esta. Os meus amigos comem alli e estão muito contentes. —

Janto alli todos os dias. — Onde está o seu amigo? — Foi-se com um amigo seu a uma loja de bebidas.—Que fazes-tu depois de jantar? — Tomo café e fumo um charuto.—Que faz seu irmão depois de voltar para casa?— Escreve ainda algumas cartas, depois vai á loja de bebidas.—Pagou a espingarda, que vi em casa de vm^cê.? — Sim, já a paguei. — Quanto custou? — Uma moeda. Dei duzentos e quarenta reis ao menino, que ma trouxe. —Isto é bem pago; ao menos parece-me assim, porque a espingarda já não é nova.—Seu tio já pagou os livros, que recebeu? — Ainda não. Não é preciso pagar logo. Dinheiro pago, dinheiro perdido!—O negociante já pagou as fazendas, que lhe forão mandadas? — Não, um negociante não faz isto. Paga tres mezes depois de ter recebido as suas fazendas; muitas vezes já as tem vendido e ainda não as tem pagado. — Ainda não pagaste as tuas luvas?—Não. Não tenho dinheiro de contado.— Este não tem dinheiro de contado! Tens outro dinheiro? — Ainda menos do que de contado. — Como tens sido pago, em dinheiro de contado ou em fazendas? — Nem desta maneira, nem daquella. Pagarão-me com razões e boas palavras, e isto é uma moeda muito má.

130. Centesimo trigesimo.

Quer me emprestar o seu cavallo? — Vou lhe fazer todos os outros obsequios, mas não empresto o meu cavallo nem ao meu melhor amigo. — Bem. Então lhe pago na mesma moeda; já não lhe empresto dinheiro.— Seu irmão esteve hoje com vm^cê.? —Não, ainda não lhe paguei a sua ultima visita; por isso não veiu. — Seu irmão tambem comprou um cavallo? — Sim, mas custou o dobro do meu. Por isso tambem é muito mais bonito e mais novo. Tem ao mais sette annos. — Porque se queixão os camponezes? — Queixão-se dos impostos. — São tão altos este anno os impostos? — Mais altos do que jamais. A gente apenas pode paga-los. — Isto é máo; mas impostos hão de ser pagos. — Ouviu fallar o soldado?—Sim, fallou de muitas cousas, que não enten-

deu. O seu amigo fallou, como se deve.—Cumpre com a sua obrigação, este homem? — Sim, ao menos faz quanto pode para cumprir com ella. — Meus filhos já acabarão a sua tarefa? — Ainda não. Ainda escrevem alguns exercicios.—Como escreverão os seus exercicios? —Escreverão-nos, como se deve.—Pode me dizer quanto custa a duzia destes botões?—Sim, custa dous cruzados. —Porque custão tanto?—Porque são de prata.—Que me pede este rapaz? — Lhe pede dinheiro. — Que me pede vmcê.?—Não lhe peço nada.—Que pede ao seu criado? — Peço-lhe as luvas, que elle comprou para mim. — Já não as tem, perdeu-as. — Pagou ao negociante o vinho, depois de o ter bebido?—Sim, bebi-o e depois paguei-o.

131. Centesimo trigesimo primeiro.

Quem esteve hoje com vmcê.? — Um primo meu. Vmcê. o conhece. É o mesmo, que morou alguns dias na minha casa o anno passado.—Sim, conheço-o. É um homem amavel. — Quem trabalha com vmcê. no escriptorio? — Um filho meu. — Já tem filhos desta idade? — Com effeito ainda são muito novos, mas todavia elle já [pode] sabe trabalhar commigo. — A quem procuras? — Estou procurando a [um dos meus amigos] um amigo meu, que tem chegado commigo, mas não o acho. — Como se chama a sua cunhada? — Chama-se Maria. — É bonita? — Sim, meu senhor, é uma senhora muito bonita. — A quem procura o irmão de vmcê.?—Não sei a quem procura. — A quem procura sua irmã? — Procura um filho seu, o mais velho. — Quem é este rapaz? — É um afilhado meu. — Tem muitos afilhados? — Sim, fui padrinho já tantas vezes! Devo ter muitos afilhados. — Jamais tentou escrever uma carta portugueza? — Nunca o tentei. Deve ser muito difficil a primeira vez. — Que pensa meu pai dos meus trabalhos? — Não os julga máos, isto sei. — Não está alli um desgraçado? — Sim, já lhe dei um bocado de pão. Mas isto não lhe basta.—Não queres lhe dar tambem um bocado de carne? — Porque não? Dar esmolas é a obrigação de um

christão, e gosto de cumprir com este dever. — Quem quer segurar o meu cavallo? — Eu quero segura-lo até á volta de vmcê. — A quem mandou os livros, que lhe emprestei? — Mandei-os a uma tia minha. Ella gosta muito de ler, e os livros lhe faltão muitas vezes. Tive razão ou não?—Fez bem.—Quem está em casa de seu irmão? — Um amigo seu, um negociante. Elles tem os seus negocios. Vamos deixa-los sós.

132. Centesimo trigesimo segundo.

Repara no homem, que vem com o irmão de vmcê.? —Não reparei nelle até agora.—Reparou, como aquelle homem furtou ao saloio o lenço da algibeira? — Não reparei nisso.—Reparaste, como este cavallo deu com a cabeça pela parede? — Não reparei nisso. — Em que reparastes no jardim?—Não em muito. As rosas ainda não estão abertas. — Suas filhas já repararão nas rosas, que lhes tenho mandado? — Repararão nellas, logo que entrarão no quarto.—Seu filhinho já sabe fallar?—Não, ainda não sabe distinguir a mão esquerda da direita. — Descobrirão quem quebrou o copo? — Isto não é facil. Quem o quebrou, não diz nada. — Descobriste aquelle que te roubou as camisas? — Sim, o meu criado mas tem roubado. — Te tem descoberto, quando estiveste no jardim?—Não me descobriu.—Por quem foi descoberto o caminho, que vai agora á India?—Vasco da Gama o descobriu.—Que pensa do tempo?—O tempo está bonito e fica bom. Vmcê. pode contar com elle.—Como está o tempo hoje? [Que tempo faz hoje?] — Assim assim. Tem cara de chuva [Está chuvoso]. — Que diz deste homem? -- Tem mais dividas do que dinheiro; é uma cabeça de vento.—Que gosta de beber?—Gosto mais de agua do que de vinho. — Vmcê. contenta-se de pouco. Eu gosto mais de vinho do que de agua. — Já celebrou o seu dia de annos?—Sim. Tivemos um tempo magnifico. O sol resplandeceu, o dia esteve claro e tambem a tarde esteve serena. — A noite esteve de luar? — Não. Não vimos a lua. Esteve escuro.

133. Centesimo trigesimo terceiro.

Aprende de memoria? — Não gosto de aprender de memoria. — Quantos exercicios fazem por dia? — Não fazem senão dous, mas fazem-nos bem.—Vm^{cê} póde ler o bilhete, que lhe escrevi?—Pude le-lo.—Vm^{cê} o entendeu? — Entendi-o. — Entende o homem, com que está fallando? —Não o entendo.—Porque não o entende? — Porque falla muito mal. — Este homem falla a lingua franceza? — Elle a falla, mas eu não a fallo. — Porque não a aprende?—Porque não tenho tempo.—Tem tenção de ir ao theatro esta noite? — Tenho tenção de ir, se vm^{cê} vai.—Seu pai tem tenção de comprar esta casa?— Tem tenção de compra-la, se elle recebe o seu dinheiro. — O seu amigo tem tenção de ir para a Inglaterra? — Tem tenção de ir, se lhe pagão o que lhe devem. — Tem tenção de ir ao concerto? — Tenho tenção de ir, se o meu amigo vai.—Seu irmão tem tenção de estudar a lingua hespanhola?—Tem tenção de estuda-la, se acha um bom mestre.

134. Centesimo trigesimo quarto.

Que disse o medico ao doente? — O doente deve tomar o sol duas ou tres horas por dia.—Quando vai á cidade? — Hoje, ao sol posto. Então já não faz tanto calor como de dia.—É rico, o negociante?—Sim, mas o seu dinheiro é como um sol de hinverno. Nunca o tem muito tempo. — Quanto tempo [é que] o navio fica no porto?—De sol a sol.—Como é o seu quarto, claro ou escuro?—Não é nem claro, nem escuro. Mas é humido e não gosto disso. — Tem razão. Morar num quarto humido não é bom. — Sahes esta noite? — Sim, saio. Temos lua cheia. — Está enganado, meu senhor! Temos lua nova. — Isto pode ser, posso enganar-me. — Provou esta carne? — Sim, não tem máo gosto. — Que brilha lá no chão? — É o annel de ouro, que tenho perdido a semana passada.—Quer carne ou peixe?—Hoje é sexta-feira. Não como senão peixe.—Meu senhor, está enga-

nado, hoje é quinta feira. — Então vou comer peixe e carne.—Que faz o seu discipulo?—Aprende de memoria a sua lição. — Tem boa memoria? — Sim, aprende de memoria, menos mal. — Quanto dinheiro mandou o capitão? — Mandou trezentas moedas. — Quanto faz isto por cabeça?—Isto faz moeda e meia por cabeça.—Quem [é que] grita assim? — É o rapaz do visinho; doem-lhe os dentes.—O rapaz me quebra a cabeça [com os seus gritos] ha já mais de uma hora.—É bonito este livro?—Não acho isso. Não tem nem pés, nem cabeça.—Quem o tem escrito? — Não sei. O que o tem escrito deve ser uma cabeça de vento, como não ha muitas.

135. Centesimo trigesimo quinto.

Provou o meu vinho?—Sim, e tambem provei a sua cerveja. O seu vinho é bom, mas a sua cerveja é melhor.—Acha? Muitas vezes achei a cerveja peior do que o vinho.—Pode ser. O gosto muitas vezes não é o mesmo.—Porque não prova este presunto, o seu amigo? — Porque não tem fome. — Não quer provar um copo desta cerveja?—Agora não, não tenho sede.—Como está o tempo hoje?—Está claro e sereno.—Posso jantar hoje com vm$^{cê.}$? — Sim, conto com vm$^{cê.}$ Jantamos ás tres horas. Pode estar cá a estas horas?—Sim, posso estar cá. — Posso contar com isto? — Sim, venho. — Quando volta o irmão de vm$^{cê.}$ do escriptorio? — Volta ás sette horas. — E que faz elle então? — Então vai á loja de bebidas e bebe algumas garrafas de cerveja. —Algumas garrafas! Seu irmão bebe tanto?—Porque não, não está doente. — Queres comer queijo? — Sim, se for bom. — Mas se não é bom, podes come-lo tu mesmo, ou deita-lo pela janella. — É secco, o seu escriptorio? — Sim, não é humido.—Gosta do meu jardim?—Sim, é muito bonito, mas as arvores ainda são muito pequenas. — Acha? Parecem-me muito altas. — Parecem assim, mas não o são. — Que luz é mais bonita, a do sol ou a da lua? — Isto não se pode dizer. Um lindo dia, uma noite serena são lindos ambos.—Que intenções tem este homem, boas

ou más?—Estou desconfiado. Este homem não pode ter boas intenções: tem uma cara de que não gosto. — Como esteve o tempo hoje pela manhã [esta manhã]?— Teve cara de chuva; mas agora está bonito.

136. Centesimo trigesimo sexto.

Quem quer sahir a cavallo commigo? — Vmcê. tem um cavallo sómente. Ninguem pode sahir a cavallo com vmcê.—Quer sahir em carruagem commigo?—Aonde quer ir em carruagem? — Vou em carruagem para a cidade. Vem commigo? — Não, hontem fui na cidade e não quero ir outra vez em carruagem hoje. Gosto mais de ir a pé. — Seu filho é assiduo? — Sim, trabalha todo o dia e é muito louvado do seu mestre. — Tambem é recompensado por elle?—Sim. Hoje sahe a cavallo com o mestre. A sua lição foi muito difficil, mas elle a aprendeu muito bem.—Para onde me levas-tu?—Levo-te para casa.—Porque [é que] o mestre os reprehende?— Porque não escreverão a sua lição. — Es tu castigado pelo teu mestre? — Não, o mestre não castiga senão os que não trabalhão. Mas eu sou assiduo e gosto de trabalhar.—Quem nos ouve?—Ninguem pode nos ouvir. — O nosso amigo é amado pelos seus mestres? — É amado e louvado por elles, porque é estudioso, applicado e assiduo. Mas os mestres reprehendem o seu irmão, porque não trabalha como o nosso amigo. — Quaes são [os que] são louvados? — Os meninos intelligentes são louvados; mas os ignorantes e os preguiçosos não são louvados. — É preciso ser bom para ser louvado? — É preciso sê-lo. — [Que devemos fazer para ser [sermos] louvados] Que deve-se fazer para ser louvado? — É preciso aprender, porque os que são preguiçosos e máos são aborrecidos. — Que devemos fazer para ser [sermos] recompensados?—Devemos amar os nossos mestres e não aborrecer os nossos amigos. — De que gostas mais do castigo ou da reprehensão? — Gosto mais de ser reprehendido do que de ser castigado.

137. Centesimo trigesimo septimo.

Como vive este homem?—Vive aos dias.—Ha muita gente em Londres, que vive aos dias? — Mais do que cincoenta mil pessoas vivem dia por dia.—É caro viver em Paris?—A vida em Paris é cara e barata. Os que tem muito dinheiro vivem caro; os que tem pouco dinheiro vivem barato.—Sua irmã é tão assidua como a minha? — Não é tão assidua como a sua. — Seu irmão gosta de ir em carruagem? — Sim, sahe em carruagem com o pai todos os dias.—Onde tem estado este outono? — Estive em Londres! Alli a vida é linda! Todos os dias sahi a cavallo ou em carruagem. — Mas faz uma nevoeira [muito grande]?—Isto sim.—E o ar está muito frio?—Tambem isto é verdade.—Quantas vezes sahe a cavallo?—Saio tres vezes por semana.—Gosta de viajar? — Sim, gosto de viajar, mas só no verão, não durante o hinverno. Não me dou bem com o frio.—Tem razão; uma viagem no hinverno não é nada de agradavel; tambem eu gosto mais de viajar no verão. — Gosta de viajar na Hespanha?—Gosto de viajar alli; mas acho os caminhos muito máos.—Tu o tens visto?—Sim, eu o tenho visto, sem querer.—Tens dinheiro ou não?—Estou sem dinheiro.—Teu irmão tem estado cá?—Sim, mas foi-se sem dizer palavra.—Tem fallado com outras pessoas?— Não, tem estado cá sem dizer nada a ninguem. — Como vai o doente?—Está melhor. Hoje pode tomar o ar. — Hoje! com este tempo de borrasca? — Sim, já não está doente. O medico o disse.

138. Centesimo trigesimo oitavo.

Esta carne é boa?—Não, é sem sabor.—Gosta deste pão?—Não, acho-o muito sem sabor.—Qual é o melhor cavallo, o do Inglez ou o do Francez? — O do Inglez sem duvida é o melhor.—Podes ir á casa sem demora? —Posso, mas não quero.—Ha muita gente no jardim?— Sim, o primeiro que veiu, é o nosso visinho, o negociante. Depois veiu o Inglez, então o Francez e agora

vem o negociante turco.—Que tempo faz?—Cahe neve e chuva. — Veiu finalmente? — Quem? meu irmão? — Sim, ha já muito que estou á sua espera. — Que tem feito o criado? — Comeu e agora mata a sede. — Que especie de madeira é esta, é lenha ou madeira de construcção? — É lenha. — Que faz o cuzinheiro? — Corta lenha.—Onde está o criado?—Está na casa de guardar lenha. — Porque o aborrece toda a gente?—De arvore cahida todos fazem lenha. Esta é a causa porque todos o aborrecem agora. — Porque não deitas no fogo esta lenha? — A madeira verde não é boa para accender o fogo. — Que se deve fazer em quanto sopra o vento? — Em quanto sopra o vento deve-se molhar a vela. — Que ouço eu? — É um trovão. Temos uma trovoada. — De quem tem fallado? — Temos fallado de vmcê. — Me tem louvado?—Não o temos louvado, nos o temos reprehendido. —De que tem fallado?—Fallou dos seus cães, dos seus cavallos, do bom tempo e do máo tempo, sem dizer palavra dos seus livros.

139. Centesimo trigesimo nono.

Aonde mora o irmão de vmcê.? — Mora no cabo do mundo. Daqui até á sua casa ha ao menos uma legua. — Porque vens-tu tão tarde? — Não é culpa minha, errei o caminho.—Que fizestes hontem?—Temos estado em casa e temos jogado. Cada um se tem divertido o melhor que pôde.—Gostas deste homem?—Não, sempre se diverte á custa alheia.—Onde o viste?—Vi-o em casa de meu irmão.—O seu amigo se corta as unhas?—Não, não o sabe. Muitas vezes sou eu, que lhas corto. — Choveu muito? — Sim, as grandes chuvas afogarão as sementes.—Ainda tens lenha na casa de guardar lenha? — Não, toda a lenha queimou-se. — Em que se diverte elle? — Diverte-se á custa de seu irmão. Este é o seu unico gosto.—Em que se diverte, quando não tem nada que fazer em casa? — Vou ao theatro e ao concerto. Mas não muitas vezes, porque meu pai gosta de jogar commigo.—Quer aquecer-se?—Quero me aquecer, por-

que tenho muito frio. — Ouviu como vai meu irmão? — Sim, queimou-se; mas hoje já não lhe dõe o dedo.

140. Centesimo quadragesimo.

Que te escreve teu irmão? — Não quero ler a sua carta; ha tantos erros nella.—Já pagaste a teu irmão o cavallo comprado?—Não, não lho pago.—Porque não?—Porque não quero. Eu lhe pagar um cavallo? Está muito enganado. — Estás com somno? — Não, estou com frio.—Porque não te aqueces?—Porque não tenho lenha, nem dinheiro para comprar lenha.—Quando vai-se vmcê.? — Vou-me hoje. Minha irmã arranca-se os cabellos. — Crê-o? Está muito enganado. — Tens muitos filhos? — Tenho bonitas filhas, mas não tenho filhos.—Tenho um filho e uma filha; ambos são muito lindos. — O inimigo tem sido batido? — Sim, está fugindo. Lhe deixamos uma ponte de prata.—Cahiste?—Sim, fugiu-me o pé.—Que navio é este que foge dos meus olhos?—É aquelle com que meu irmão parte para a Inglaterra. — Ainda está na cama? — Sim, e dorme a somno solto. — Ouço uma bulha; que é isto?—É a casa do visinho que cahe. —O teu visinho ainda é o teu inimigo?—Não, agora é meu amigo e posso dizer: Amigo reconciliado, inimigo dobrado.— Porque é que seu rapaz não come o pastel, que lhe dei?—O pateta tem medo de sujar o seu vestido.—Que erro é este, [um] erro de escrita ou erro de contas? — É [um] erro de escrita. Nos todos que vivemos neste mundo, erramos muito todos os dias.—No outro mundo já não commettemos erros. — Porque não? — Porque commettemos tantos neste mundo.

141. Quadragesimo primeiro.

Que estrella é esta [aquella], que brilha no ceo? — É a estrella da alva. Já não se pode ver ao romper da alva. — A que horas vais á cama? — Logo que tenho tomado chá, deito-me a dormir. — Nunca faço isso; porque, quando tenho tomado chá, não posso dormir. —

A que horas se levanta seu irmão? — Ás quatro horas; mas tambem deita-se a dormir já ás oito e meia. — Como está o tempo?—Uma tormenta se tem levantado; já ouço os trovões da trovoada que vem.—Eu não ouço nada, e creio que vmcê. está muito enganado. — A que horas tens chegado? — Tenho chegado ao romper da alva. — Quando sahe o navio? — Sahe ao pôr do sol. — Quando se levanta o vento?—O vento levanta-se ao sahir do sol.—Já tens recebido as tuas cartas?—Sim, eu as tenho recebido ao chegar o correio.—Teu irmão ainda está cá? —Não, ao ouvir as ultimas palavras de meu pai, tomou o seu chapéo e a sua bengala e foi-se. — Ainda está cá o inimigo? — Não, deitou-se a fugir, logo que reparou nos soldados.—O cavallo ainda está cá?—Não, deitou-se a dormir, logo que viu o cão.—Teu filho tem medo de ti?—Não sei; mas deita-se a gritar, logo que me vê.— Ficas em casa hoje?—Não, dou um passeio com minha irmã. — Sahis a pé ou a cavallo? — Nem a pé, nem a cavallo. Sahimos de carruagem. — Tens ido vêr teu pai? — Sim, já não está doente. Elle já se levantou [já levantou-se].—Com quem tens dado um passeio?—Tenho dado um passeio em carruagem com minha irmã.—Com quem passeia a cavallo o filho de vmcê.?—Quer passear a cavallo com o capitão; mas não sei, se este já pode andar a cavallo. Esteve doente muito tempo. — Vais passear muitas vezes com teu pai?—Sim, tres vezes por semana. Meu pai gosta mais de sahir a cavallo commigo do que com seus outros filhos.

142. Contesimo quadragesimo segundo.

Gostas deste vinho?—Dei-me bem com elle.—Tens jantado bem? — Dei-me mal com o jantar. Doe-me a cabeça.—Porque amas-tu [a] este homem?—Eu o amo, porque é o meu bemfeitor. — Porque não amas [a] esta mulher?—Não a amo, porque nos fez mal.—Não fazes o que deve fazer um christão. — Porque não? — Um christão deve amar os que lhe fazem mal e não só os que lhe fazem bem.—É pena, mas tem fugido. Já não

podes vê-lo.—Que tal foi o jantar?—Não foi máo; mas não gosto de ficar á mesa tanto tempo.—Tem elle feito saber a sua chegada a vmcê.?—Não, não fez tal.—Me tens levado as minhas cartas?—Não tenho feito [fiz] tal. —Ha muito sal nesta sopa.—Não ha tal.—Ainda tens o teu criado?—Não, já não o tenho. Não me trabalhou bastante [me tem trabalhado], e a gente gosta de dizer: Tal amo, tal criado. Não tenho vontade nenhuma de ser chamado preguiçoso.—O inimigo tem sido batido?—Isto não. Fugiu, logo que viu vir os soldados. Ninguem esperou por tal.—Já provou a cerveja?—Sim, mas não gosto de cerveja. Gosto mais de vinho.—Já tem ouvido o que tem dito este rapaz?—Sim. Que tal?—Não creio, que tem feito tal.—Tem provado a agua? Que tal?—Não ha bastante açucar.—Que tal acha o tempo? —Tem cara de chuva e o vento abranda. Fico em casa.

143. Centesimo quadragesimo terceiro.

O seu visinho tem muitos inimigos?—Persuade-se que não tem, senão inimigos; mas não tem senão amigos. —Não gosto do meu visinho, o negociante.—Porque não gosta delle?—Persuade-se que sabe mais do que outros, e não sabe tanto como outros.—Onde está seu filho?—Está na Hespanha. Elle quer assentar praça, mas é muito baixo.—Tem visto o meu pai?—Sim, mas acho-o muito velho.—É verdade, elle se fez muito velho.—Quantos filhos tem o negociante?—Tem tres. Dous delles se tem feito muito ricos.—Quem é este senhor?—É um advogado, que se tem feito muito celebre em pouco tempo.—Aonde está o dono desta casa?—Não está cá. Quer lhe fallar?—Sim, quero comprar a sua casa.—Vou lho dizer.—Porque se faz amarello, o advogado?—O impostor faz se amarello, quando descobrem as suas imposturas.—Em que cres-tu?—Sou christão e creio em Deos e em seu unico filho.—Quem tem feito tal?—Eu mesmo o tenho feito.—Crê uma unica palavra a este advogado?—Não, porque tudo o que elle diz é impostura.—Que se tem feito dos meus cavallos?—

O irmão de vmcê. passeia a cavallo, e tem tomado o cavallo de vmcê. — Ha homens que crem em Deoses e Deosas?—Sim, ha muitos que não crem em um só Deos. —Que se tem feito de seu navio?—Não sei. Ha já tres mezes que não [ouço] tenho ouvido fallar delle. — Que se tem feito do seu amigo?—Elle se tem feito advogado. — Que se tem feito de seu primo? — Elle se tem feito soldado. — Se tem feito soldado o filho do visinho de vmcê.?—Não, elle se tem feito negociante.

144. Centesimo quadragesimo quarto.

Chove muito?—Chove sobre o molhado.—Podemos sahir? — Não, chove pedra. — Gostas deste vestido? — Gosto do vestido, mas não da côr. Offende muito os olhos.—Já estás cansado?—Sim, caio de somno.—Faz sol?—Não, chove.—Pensas muito nos negocios de teu primo? — Penso tanto nelles, como na neve que cahiu ha vinte annos.—Porque tomas na mão o teu chapéo?— O sol me dá nos olhos, e não gosto disto. — Ainda faz relampagos? — Não, já não faz relampagos. — Vais á cidade? — Não, chove e neva. O tempo não está ao meu gosto. — Cahe tanta neve este anno, como o anno passado? — Cahiu muita neve o anno passado, mas este anno cahe muito mais. — Está cansado? — Sim, hontem dancei toda a noite e voltei para casa só as quatro horas da manhã e hoje levantei-me já ás sette horas. Dormi só tres horas, e isto não basta. — Comprou o cavallo de que me fallou? — Não tenho dinheiro, de maneira que não pude compra-lo. — Viu o homem de quem recebi uma carta?—Eu não o vi, mas meu irmão. Elle mo disse hontem.—Seu tio viu os livros, dos quaes vmcê. lhe fallou?—Elle os viu.—Quem é o homem, cujo filho trouxe este capote? — É o alfaiate de meu pai. — É este o negociante cujas filhas sahem tantas vezes de carruagem?—Não, não o é [não é elle].—Viste o homem, cujas casas forão vendidas? — Sim, comprei uma das suas casas.—É esta a mulher, cujos filhos tem assentado praça? — Sim, seus sette filhos tem assentado praça. —

Vês o homem, cujos filhos forão castigados? — Não posso vê-lo.—Com quem esteve conversando no theatro? —Fallei com o homem, cujo irmão matou o meu cão.— Viu o menino, cujo pai se fez advogado? — Vi-o. — [A] quem viu vm^cê. no baile? — Vi alli estes homens, cujos cavallos e cuja carruagem vm^cê. comprou.—Tens somno? —Caio de somno. Vou deitar-me [a dormir].

145. Centesimo quadragesimo quinto.

Fallou ao medico, cujos filhos se forão para a Allemanha? — Não, fallei com seu irmão. — Ainda tens a penna, com que escreveste hontem?—Sim, ainda a tenho. —É este o cavallo, de que tem fallado?—Sim, e este é o rapaz de quem tenho fallado. — De quem tens esta escopeta? — Do negociante de quem compro tudo e a quem vendo tantas fazendas. — Aquelle cujo cão foge, quando vê outro cão, tem tambem medo, quando repara noutro homem? — Sim, qual amo, tal criado, qual cão tal amo.—Mas não tem vergonha?—Não, só tem medo, não tem vergonha. — Quem [é que] se foi? — Um dos senhores com os quaes passeio todos os dias.—Até onde vieste? — A casa, até onde vim, é aquella que o meu amigo tem comprado. — Porque [é que] seu irmão tem vergonha?—Não sei. A acção, pela qual querem castiga-lo, é uma boa acção. — Com quem encontrou-se hoje pela manhã? — Fui até á casa, que o amigo de vm^cê. quer vender, e alli encontrei-me com o pai de vm^cê. — É esta a menina [a filha] obediente de quem vm^cê. me fallou?—Sim, mas já não é obediente.—Por conseguinte já não a ama? — Ainda a amo. Mas o amar vai-se [se vai] com a obediencia, de maneira que ha de ser obediente, se devo ama-la.

146. Centesimo quadragesimo sexto.

A qne horas jantarão hoje?—Ás tres horas.—Quem jogará commigo esta noite? — Não jogaremos, mas sahiremos.—Quando virá teu irmão?—Estará cá segunda

feira que vem. — Quando é que tua irmã irá para Inglaterra? — Ficará cá ainda algum tempo. — Já terá vendido o seu cavallo, o negociante? — Quem comprará este cavallo.—Verás meu irmão hoje?—Não, não o verei. —Sahirás hoje ou ficarás em casa?—Ficarei em casa, a semana que vem sahirei.—Os meninos farão elles o que lhes disse? — O que farão não sei. Mas o que vmcê. dirá, sei eu. — Pode mo dizer agora? — Não dir-lho-hei [lho direi] amanhã ou depois de amanhã.—Que me trará elle?—Não lhe trará nada, mas [levará lhe] levar-lhe-ha muito.—Mandará dinheiro a seu irmão?—Não, escrever-lhe-hei [escreverei-lhe], que não posso lhe mandar dinheiro. — Quem estará em casa de vmcê. esta noite? — Não estaremos em casa esta noite, sahiremos. — Aonde estará agora sua irmã, na França ou na Inglaterra? — Ainda estará na Hespanha e ficará alli algum tempo ainda. — O tempo ficará bom? — Não, cahirá chuva ou neve. — Me mandarás a tua carteira ainda hoje? — Não, mandarei-a [mandar-ta-hei] amanhã. — Quando acabarás de escrever?—Ainda não tenho acabado.—Me acabarás [a mim] as minhas botas até amanhã? — Acaba-las-hei [acabarei-as] ainda hoje. — Poderá me mandar a minha carteira?—Mandar-lha-hei [lha mandarei].—Terás dinheiro amanhã?—Terei dinheiro amanhã.—Me farás um par de botas?—Eu te farei um par de çapatos.

147. Centesimo quadragesimo septimo.

O alfaiate fez a minha casaca? — Não a fez, mas a fará a semana que vem. — Quando me mandará vmcê. o dinheiro que me deve?—Mandar lho hei [lho mandarei] em pouco tempo. — Me mandarão os irmãos de vmcê. os livros, que lhes tenho emprestado? — Elles [lhos mandarão] mandar-lhos-hão o mez que vem.—Poderá pagar-me o que me deve? — Não poderei pagar-lhe, porque perdi todo o meu dinheiro.—Poderá escrever uma carta, o Americano? — Não escreverá, como tu queres. — Será preciso mandar vir o medico? — Não será preciso, porque o doente já sahe. — Verá hoje a seu pai? — Não o

verei, mas minha irmã o verá.—Aonde estará?—Estará no seu escriptorio.— Irá ao baile esta noite?—Não irei, porque estou tão doente, que não posso, nem quero sahir. — Seu irmão irá? — Irá, se vmcê. vai. — Aonde irão os nossos visinhos? — Não irão a parte alguma, ficarão em casa.

148. Centesimo quadragesimo oitavo.

Ficarás com o meu cavallo ou não? — Não ficarei com elle, não me convem.—Guardará o cavallo de vmcê. ou não?—Não o guardará, não lhe convem.—Ficaremos com as fazendas, que nos mandarão? — Não ficaremos com ellas, porque não prestão. — A quem pertencem os cavallos que o Inglez quer vender? — Pertencem a meu pai. Elle os comprou de meu tio, mas não lhe convem. Por isso quer vendê-los.—Este dinheiro pertence a vmcê.?—Não, pertence ao capellista.—Aonde tem elle a sua loja de capellista?—Já não tem loja de capellista. Vive de seu dinheiro. — Lhe convirá o chapéo, que lhe mandei hontem? — Lhe convirá. — É seu filho ou o do visinho de vmcê., que se foi para a Hespanha?—É meu filho. — É o seu padeiro ou o do seu amigo, que lhe tem vendido o pão fiado? — É o nosso. — É este o filho de vmcê.? — Não é o meu, é o do meu amigo. — Onde está o de vmcê.? — Está em Paris. — Trouxe-me o livro, que me prometteu? — Esqueci-me de trazê-lo. — Seu tio trouxe a vmcê. a carteira que lhe prometteu?—Esqueceu-se de ma trazer. — Já tem escrito ao seu amigo? — Ainda não tenho tido tempo de lhe escrever.—Esqueceu-se de escrever a sua mãi? — Não me esqueci de lhe escrever. — Gosta deste panno encarnado? — Não gosto delle. Convem-lhe? — Sim, gosto das côres que offendem os olhos.—Quer outro panno?—Sim, se vmcê. tem um bonito panno, quero vê-lo. Quer mo mostrar? — Vou lho mostrar.

149. Centesimo quadragesimo nono.

Que conseguiste agora? — Não consegui nada. — Convem-lhe dar um passeio commigo?—Não me convem porque tenho os meus negocios. — Os çapatos convem a seu irmão? — Não, não lhe convem. Mas convem-me a mim. Posso ficar com elles? — Porque não? Se quer [quizer] paga-los, vendo-lhos. — A quem pertence a escopeta, que está alli neste canto? — É a escopeta de meu pai. Quer-a? — Sim, vou lha limpar, porque está suja.—Que quer, meu senhor?—Quero fallar ao pai de vmcê.; está em casa? — Não, sahiu. Mas voltará. — Este capellista vende a credito? — Não, não vende um só panno fiado.—Este Inglez compra com [por] dinheiro de contado?—Não tem dinheiro de contado e não pode comprar por dinheiro de contado.—Convem-lhe comprar por dinheiro de contado? — Não me convem. — Aonde comprou estas bonitas facas? — Comprei-as na loja do capellista, cuja loja vmcê. viu hontem. — Vendeu-lhas a credito? — Elle mas vendeu por dinheiro á vista. — Compra muitas vezes por dinheiro de contado? — Não tantas vezes como vmcê.—Esqueceu-se cá de um chapéo? — Sim, esqueci-me de leva-lo commigo para casa. Mandarei busca-lo.

150. Centesimo quinquagesimo.

A minha espingarda está limpa? — Ainda não. O criado a limpará [limpa-la-ha] ámanhã. — Ainda não a limpou? — Esqueceu-se disso. — Quando me limparás os meus çapatos? — Nunca, não sou [o] criado de vmcê. — Has de limpar a minha faca em pouco tempo, ou deitar-te-hei [te deitarei] pela janella [fóra]. — Não me deitará fóra, porque vou-me logo. — Pode obriga-lo a limpar estes toneis?—Não posso obriga-lo, mas sei que o fará. —Quantas pessoas pode conter esta sala?—Pode conter duzentas pessoas. — Ha de haver muitas pessoas no theatro? — Ha de haver tres mil pessoas. — Não, a sala não contem tantas. — Quem falla aqui? — Sou eu, que

fallo. — Quem diz isso? — Somos nos, que o dizemos. — Quem me manda este chapéo? — Sou eu, que to tenho mandado.—Quem são as pessoas que achão por bem de me queimar as minhas cartas? — Somos nos, que as queimamos.—Já posso sahir hoje?—Acho por bem ficar em casa hoje ainda. Amanhã podes sahir, quando quizeres. — Cahiu na agua o teu relogio? — Não, ainda está na minha algibeira. Quem guarda, acha. — Tem tenção de comprar alguns livros a seu filho? — Não, o dinheiro que tenho cá, já não é meu. Tenho tenção de pagar as minhas dividas com elle.—Ha algumas pessoas na loja do capellista? — A loja é muito pequena, não pode conter vinte pessoas. — [Conseguirão] estes negociantes conseguirão a vender os seus cavallos? — Não o conseguirão. — Convem a vmcê. aprender de memoria uma lição?—Não me convem, não tenho tempo.—Quanto tempo quer guardar o meu cavallo? — Tenho tenção de guarda-lo ainda algum tempo.

151. Centesimo quinquagesimo primeiro.

Que queres de mim? — Quero, que venhas commigo e leves comtigo teus filhos. — Que quer o pai de vmcê.? —Quer, que escreva tres cartas por dia a meu irmão.— Que quer de ti o teu visinho?—Quer, que lhe empreste a minha espingarda e o meu cavallo e que va com elle a Lisboa. — Que quer o medico? — Quer, que o doente saia todos os dias e que não fique muito tempo no jardim.—Que quer o capellista?—Quer, que lhe mande fazendas, que elle possa vender.—Que quer o negociante? —Quer, que o seu criado va todos os dias ao mercado e veja o que ha. — Que quer o alfaiate? — Quer, que lhe mandem fato e que lhe paguem o seu trabalho. — Que quer o padeiro? — Quer, que lhe paguem o pão, que comprão em casa delle. — Que quer o çapateiro? — Quer, que deitem os velhos çapatós e que mandem fazer novos em casa delle. — Que quer o cuzinheiro? — Quer, que comprem na praça o que elle tem tenção de comprar. — Que quer o Inglez? — Quer, que todos reconheção o

poder do seu paiz. — Que quer o Francez? — Não quer reconhecer o poder da Inglaterra, e quer que o Inglez o saiba. — Que quer o Turco? — Quer, que o deixem quieto e que não lhe tomem o seu paiz. — Que quer a mãi? — Quer, que os meninos durmão e que os rapazes não fação tanta bulha. — Que quer o inimigo? — Não quer que mandem [Quer que não mandem] soldados para a Hespanha e que saião da cidade. — Que querem os Italianos? — Querem, que deixem sahir os seus navios e que venhão em casa delles para comprar as fazendas, que receberão a semana passada.

152. Centesimo quinquagesimo segundo.

Que deseja o irmão de vmcê.? — Deseja, que lhe dês uma espingarda e que vas com elle ao jardim. — Que espere! Ainda tenho uma carta que escrever. — Que quer a minha irmã? — Deseja, que vmcê. saia com ella. — Que fique em casa. — Agora não tenho tempo de sahir. — Quem bate á porta? — É um senhor, que quer entrar. — Que deseja elle? — Deseja que vmcê. o receba. — Que venha! Estou á sua espera. — Quem chama? — Os meninos no jardim chamão. — Que chamem! Agora não tenho tempo de vir. — Que deseja o pintor? — Deseja, que vmcê. venha com elle. — Que va só! Agora quero escrever cartas. — Vens ou não vens? — Que desejas, que eu venha ou não venha? — Que tu venhas ou fiques, isto não me faz nada. — Que deseja meu primo? — Deseja, que o cuzinheiro lhe frija uma gallinha ou um peixe. — Que o cuzinheiro lhe frija um peixe, hoje é sexta-feira, não deve comer carne. — Que quer o alfaiate? — Quer, que tu vistas a casaca, que elle mandou hoje. — Que quer minha mulher? — Deseja que lhe tinjão de azul o vestido branco. — Que ella o mande tingir. — Que queres-tu? — Quero, que ouça e que saiba, como me chamo. — Que quer meu primo? — Quer que ponhas o teu chapéo. — Que quer a mulher de meu primo? — Deseja, que vmcê. lhe mande buscar uma carruagem. — Que a busque ella mesma! Não tenho tempo de buscar carruagens. Isto me falta

ainda! — Que quer o medico? — Deseja, que lhe mandes o livro de que se esqueceu na tua casa. — Que deseja vmcê.? — Desejo, que vmcê. sinta, que não tem feito bem em castigando-o [de castiga-lo]. — Que deve vestir seu filho? — Vista o que quer: não tenho tempo de pensar em taes cousas.

153. Centesimo quinquagesimo terceiro.

Vamos á mesa. Temos hoje um bom jantar? — Desejo, que seja bom. — Vmcê. joga ou não? — Gosto de jogar. Mas desejo, que o meu turno chegue logo. — Porque lhe deu chicotadas? — Porque foi castigado e fugiu. — Disparou um tiro sobre este homem? — Disparei um tiro de pistola sobre elle. — Porque disparou um tiro de pistola sobre elle? — Porque me deu uma facada. — Quantas vezes atirou sobre esta ave? — Atirei duas vezes sobre ella. — Matou-a? — Não a matei, ella fugiu. — Quem vem por detraz da carruagem? — É o primo de minha mulher, o irmão do senhor, que vmcê. viu hontem na minha casa. — Viste o ladrão? — Sim, vi-o, quando fugiu. Ainda fez fogo antes de sahir do jardim. — Ja leste este livro? – Não, só deitei uma vista de olhos nelle. — O irmão de vmcê. conhece este homem? — Conhece-o de vista. — Até aonde alcança a vista de vmcê.? — Até á casa que está detraz do jardim de meu visinho. — Conheceste-o? — Á primeira vista, mas elle não me conheceu a mim. — Que deseja minha mulher? — Deseja, que vmcê. saia com ella a cavallo. — Que saia ella; eu não tenho tempo. — Que quer o criado? — Quer que vmcê. lhe diga que horas são. — Ainda ves a estrella da alva? — Ainda a vejo, ainda não a perdi de vista. — Que deseja vmcê.? — Desejo, que me digão, se meu irmão está em casa ou não.

154. Centesimo quinquagesimo quarto.

Ouviu fallar do navio, que sahiu do porto hontem? — Não pude saber a quem pertence. Mas creio que vai á Hespanha. — Tem noticias de seu filho mais velho? —

Sim, está na França e virá o mez que vem. — Já tem noticias de seu pai?—Ainda não; temo, que esteja doente. —Desejo, que receba noticias delle em pouco tempo.— Não ouviu fallar do homem, que matou um soldado? — Não ouvi fallar delle.—Soube onde estão meus irmãos? — Sim, ambos estão no theatro. — [De quem recebeu noticias seu primo?—] De quem é que seu primo recebeu noticias? — Do tio. Este escreveu que elle viesse. — De quem ouviste fallar? — Ouvi fallar de meu irmão, que esteve cá o anno passado. Voltará. — Há ja muito que não tens noticias de tua irmã? — Deverá haver [ha de haver] seis semanas, que não ouvi fallar della. — Quanto [tempo] ha, que estás na Hespanha? — Não ha muito.—Ha já muito que está em Paris?—Ha trez annos. — Quanto ha que seu irmão está em Londres? — Não sei; ainda não ha muito, porque o anno passado ainda esteve cá.—Quanto ha, que cachimbas?—Um anno pouco mais ou menos. Mas não cachimbarei muito tempo, gosto mais dos charutos. — Quanto ha que aprendes a lingua hespanhola? — Aprendo-a só ha trez mezes. — Porque é que o Inglez não aprende outra lingua? — Porque cre, que toda a gente entende um Inglez.—Tens boas noticias de teu pai? — Não, está doente e não voltará, senão o mez que vem. — Ha já muito que não escreveu?—Escreveu a semana passada e escreverá outra vez ámanhã ou depois de ámanhã.—São boas as noticias que vmcê. recebeu?—Sim, não são más.

155. Centesimo quinquagesimo quinto.

Quanto tempo ha que tem noticias do seu amigo?— Ha só tres dias que tenho recebido delle uma carta. — Ha muito, que o alfaiate trouxe a minha casaca?—Elle a trouxe ante hontem. — A que horas chegou elle? — Chegou ha meia hora.—Quanto tempo ha, que estás no quarto?—Ha uma boa hora.—Quando lhe fallaste?—Ha tres mezes que lhe fallei.—De que vive o capitão inglez? —Vive das suas rendas. — Quanto gasta por dia? — Isto não sei. Gasta vinte libras por mez.—Que lhe escreveu

seu pai? — Deseja, que não gaste o meu tempo em não fazer nada, mas que aprenda a lingua portugueza daqui a pouco. — Que lhe escreve sua mãe? — Quer, que não gaste tanto dinheiro e que lhe escreva, como o gasto.— A quem recorres, a el rei ou ao juiz?—O meu advogado deseja, que recorra logo a el rei; porque mais vale recorrer a Deos do que aos seus santos. — El rei te receberá? — Não sei. Desejo, que me receba. — Que acabas de fazer? — Acabo de escrever uma carta. — Quem está á minha espera? — O alfaiate está á espera de vm^cê. Mas pode esperar ainda, porque acaba de vir. — Que espere! Virei logo.

156. Centesimo quinquagesimo sexto.

Com quem te encontraste? — Encontrei-me com meu pai, que acaba de voltar para casa.—Que deseja o pai? —Deseja, que voltes para casa, que venhas ao seu quarto e que lhe escrevas uma carta.—El rei já jantou?—Não, ainda não quer jantar. Deseja, que lhe mandem as suas cartas. — Já viste a rainha de Hespanha? — Ainda não. Ámanhã sahirá a cavallo. Então a verei.—A que horas sahirá a cavallo?—Ás dez horas da manhã.—Que queres do capellista? — Desejo, que me diga o preço das suas fazendas e que me mande açucar e café.—Que escreveste a teu filho? — Desejo, que va a Paris, veja como se trabalha alli e volte então.—O fará elle?—Não sei, se o fará. Mas que o faça ou não, elle conhece a minha vontade e sabe, que desejo, que elle me fique obediente. — O filho de vm^cê. gasta o seu tempo, como vm^cê. o deseja? — Sim, é muito obediente. Desejo, que seja diligente, que leia e escreva muito e elle o faz tambem. Seu filho é tão obediente, como o meu?—Desejo que o seja, mas não creio, que o é.—Vm^cê. cre uma palavra ao advogado?—Não, não acredito (creio) o que elle diz.— Gastas todos os dias o dinheiro que teu pai te manda? —Não, um dia gasto mais, outro dia menos. — Que lhe disse meu pai? — Deseja que seu filho não seja tão preguiçoso, e lhe escreva mais cartas. — Deseje o que

quer, seu filho não escreverá nem mais, nem menos. — Quem é vmcê. e que quer? — Sou o juiz desta cidade e quero, que ás dez horas toda a gente esteja em casa.

157. Centesimo quinquagesimo septimo.

Quanto ha de Londres a Paris? — Ha perto de cincoenta leguas de Paris a Londres. — Ha muito daqui a Berlin? — Ha muito. — A distancia daqui a Vienna é grande? — Ha perto de duzentas e cincoenta leguas daqui a Vienna. — Ha mais de Paris a Blois, do que de Orleans a Paris? — Ha tanto de Orleans a Paris do que de Paris a Blois. — Quanto ha de Paris a Madrid? — Ha perto de duzentas e trinta leguas de Paris a Madrid. — Tem tenção de ir a Paris em pouco tempo? — Tenho tenção de ir daqui a pouco. — Porque deseja agora ir? — Para comprar alli bons livros e boas luvas e para vêr os meus bons amigos. — Ha muito que esteve alli? — Ha perto de um anno que alli estive. — Quem é o homem que acaba de entrar? — É um Inglez, que gastou toda a sua fortuna em França. — De que paiz é vmcê.? — Eu sou Hespanhol e o meu amigo é Italiano. — Quanto dinheiro gastarão hoje seus filhos? — Gastarão pouco; não gastarão senão um pinto. — Aonde comeu hontem? — Comi em casa do estalajadeiro. — Gastou muito? — Gastei pinto e meio. — Vmcê. o viu? — Eu o vi. — É a primeira vez que vmcê. o viu? — Não é a primeira vez, porque o vi já mais de vinte vezes. — Quantas vezes [é que] vmcê. já viu a rainha? — Mais do que dez vezes. Ella sahe a cavallo todos os dias e posso vê-la da minha janella. Ella é mui bonita pessoa.

158. Centesimo quinquagesimo oitavo.

Tem medo de meu primo? — Não tenho medo delle, porque nunca tem feito mal a alguem. — Não tem razão [nenhuma] de fugir este homem, porque elle é muito bom homem, que nunca tem feito mal a alguem. — De quem é que meu irmão ouviu fallar? — Ouviu fallar de

uma pessoa, a quem aconteceu uma desgraça. — Porque é que os discipulos de vmcê. não fizerão os seus exercicios?—Eu lhe digo, que elles os tem feito, e vmcê. está enganado se cre, que elles não os tem feito. — Que tem feito do livro?—Eu asseguro-lhe, que não o tenho visto. —Seu filho tem tido as minhas facas?—Elle me assegura, que não as tem tido.—Seu tio já chegou?—Ainda não chegou.—Ouviu o que lhe aconteceu?—Não, não ouvi nada. — El rei chegou? — Dizem que chegou. — Que aconteceu a vmcê.?—Aconteceu-me uma desgraça muito grande.—Que desgraça?—Encontrei o meu maior inimigo, que com uma bengala me deu um golpe [uma pancada]. —Então feriu a vmcê.?—Não, cahi e elle fugiu.—Porque tem compaixão deste homem?—Tenho compaixão delle porque torcerão o pescoço á sua mulher.—Ha já muito que este criado está no serviço de vmcê.?—Sim. Entrou no meu serviço ha dous annos.—Ainda tem o seu criado, que lhe tenho mandado? — Não, deixou o meu serviço tres dias depois da sua chegada e entrou no serviço do meu visinho, que lhe prometteu mais dinheiro. — Lho deu tambem?—Não, agora ha já mais de um anno que elle está no seu serviço e ainda não lhe pagou nem um real. — A que lhe servia então de deixar o serviço de vmcê.?—Não lhe serviu de nada. Tenho compaixão delle, porque elle é bom rapaz; mas a culpa é sua. Porque deixou o meu serviço?

159. Centesimo quinquagesimo nono.

Em que paiz remoto mora o irmão de vmcê.? — Mora na America.—Aonde mora vmcê.?—Moro aopé de vmcê.—Quanto tempo ha que vmcê. esteve cá?—Ha perto de dous annos.—Aonde mora o irmão de vmcê.?—Mora aqui perto.—Aonde mora o çapateiro de vmcê.?—Mora aqui muito perto. — Tem uma grande fortuna? — Não, elle é [um] extravagante. Gastou toda a sua fortuna.— Quanto tempo ha que estás em Lisboa? — Um anno pouco mais ou menos.—De que paiz es tu?—Sou Allemão. — E de que paiz é o teu amigo?—É Francez.—

Serás amado, se de ti só tens cuidado? — Tenho sido amado até hoje, mas não tenho tido cuidado de mim sómente.—Está elle doente de cuidado?—Não, elle não está muito doente.—Que diz o cocheiro?—Elle diz que a gente tenha cuidado com os cavallos. — Quer ter cuidado das minhas gallinhas?—Cuidarei dellas.—Que nos dará hoje o caseiro? — O caseiro não está cá, mas o estalajadeiro nos dará um bom jantar. — Já mandaste para casa a minha roupa suja? — Não, mandarei-a para casa ámanhã. — Quem é o dono desta casa? — O dono desta casa tambem é o amo deste criado. — O meu criado me trouxe roupa limpa? — Sim, trouxe roupa de mesa e roupa de cama.—Que te offereceu o dono desta casa?—Offereceu-me a sua casa, mas não a tomei, porque é muito pequena. — Lhe confiaste um segredo? — Não, mas confiou-me o seu segredo.—Sabe elle calar-se? — Não, nunca cala a bocca. Isto me retem e por isso nunca lhe confio um segredo. — Que quer de mim? — Supplico a vmcê., peço-lhe o especial favor, que não mande mais dinheiro a meu filho.

160. Centesimo sexagesimo.

Como está o irmão de vmcê.? — Está bom. — Gosta deste vestido? — Assenta muito bem a vmcê. Quem é o seu alfaiate? — Mora na rua aopé da praça. Não sei o nome delle.—Porque [é que] esta menina torce os olhos? —Está doente. Não reparou vmcê., torce tambem a bocca. —Aonde está o cuzinheiro?—Está na cuzinha e torce o pescoço a meia duzia de gallinhas. — Quem estragou as minhas flores? — Os meninos do visinho. Entrarão no jardim, em quanto vmcê. esteve na cidade e estragarão tudo. — Porque não atiraste com pedras sobre elles? — Teve compaixão delles.—Não tiverão compaixão com as minhas flores, não terei compaixão com elles. — Quem tocou os meus papeis?—Ninguem se atreveu a toca-los. — Quem se assentou sobre o meu chapéo? — Eu não, meu irmão. — Torces a verdade. Eu o vi, quando te assentaste sobre elle. — Como vai o irmão de vmcê.? —

Não poderá sahir cinco ou seis semanas, torceu o pé. — Conhece este caminho? — Muitas vezes o tenho feito. Não ha perigo. — Vmcê. o diz. Mas por desgraça meu pai cahiu hontem neste caminho e torceu o pé. — O teu amigo ainda cá está? Tenho dinheiro para elle. — Oh! não, foi-se. Assim o quiz a desgraça. — Vais ou ficas cá? — Vou. — Oh! então vamos, porque não quero ficar cá muito tempo. — Tens razão. Fugir o perigo é uma vergonha. — Para que serve esta faca? — Não o vês? — Serve para cortar pão.

161. Centesimo sexagesimo primeiro.

Queres comprar uma rebeca? — Não, não sei tocar rebeca. Que devo fazer de uma rebeca? — Podes da-la a teu irmão. Sei, que toca rebeca. — Estás muito enganado, toca piano. — Não gostas de dançar? — Sim, gosto de dançar, mas não, quando tocão piano. — Teremos um baile esta noite? — Teremos um baile. — A que horas? — Ás onze menos um quarto. — Que horas são agora? — Não falta muito para as onze, e a gente virá logo. — Que instrumento tocará vmcê.? — Tocarei rebeca. — Se vmcê. tocar rebeca, tocarei piano. — Haverá muita gente no nosso baile? — Sim, haverá provavelmente muita. — Dançará vmcê.? — Dançarei. — Seus filhos dançarão? — Não dançarão muito. — Em que se diverte seu primo? — Toca rebeca todo o dia. — Isto deve ser um gosto para os visinhos? — Dizem, que todas as gallinhas fogem a casa delle. — Vmcê. se diverte bem? — Asseguro-lhe, que nos divertimos muito bem. — De quem tem compaixão? — Tenho compaixão do amigo de vmcê. — Porque tem compaixão delle? — Porque torceu o pé e por isso não pode sahir. — Que desejas-tu, que teu filho aprenda, a rebeca ou o piano? — Desejo que meu filho aprenda a flauta. Ha agora rebequistas e pianistas, mais que a gente quer; por isso meu filho deve tocar flauta. — Eu não desejo, que o meu toque flauta. — Porque não? — Porque quem toca flauta torce a bocca. Gostas disso? — Não, mas quem toca rebeca ordinariamente torce os

olhos, e quem toca piano os dedos. Meu filho ha de tocar flauta.

162. Centesimo sexagesimo segundo.

Que ouço eu? — Toca a recolher. O soldados vão para casa.—Onde é o quartel delles?—Junto ao porto.—Aonde vamos?—Queremos recolher-nos para o mato.—Que me offerece? — Offereço-lhe o meu jardim. Pode entrar á sua vontade. Os passeios estão ao seu serviço.—A quem offereceste os teus cavallos? — Offereci-os ao capitão inglez. Mas não quiz toma-los. — Offereces-tu o teu bonito cãosinho a estes meninos?—Offereço-o a elles, mas não o dou, porque não sabem o que devem fazer delle.—Porque deu um soco a estes meninos?—Porque não me deixarão dormir. — Que fazem os marujos? — Recolhem a vela.—Que fazem os saloios?—Recolhem o trigo nos celleiros.—Já é tempo de recolher o trigo nos celleiros? — Não, mas os saloios estão com medo, que a chuva lhes estrague o trigo.—Que deseja o pianista?—Deseja, que o deixem quieto. Está muito cansado e já não quer tocar.—Queres que dancem?—Não, quero que o pianista se assente ao piano. — Quando pode vir teu irmão? — Não pode tardar muito. — Porque tarda elle tanto? — Tem medo, que não o recebão bem. — Irá até ao porto? — Sim, e voltará até ás tres horas. — Em que pensa, minha senhora? — Lembro-me dos lindos dias do verão passado.

163. Centesimo sexagesimo terceiro.

Te lembras-tu das flores, que te tenho mandado? — Sim, lembro-me dellas.—Lembra-se dos livros, que temos lido ha tres annos?—Já não me lembro destes livros.—Quer assentar-se?—Já estou assentado.—Te lembras da desgraça que tem acontecido ao nosso amigo o anno passado?—Já não me lembro disso.—Ainda te lembrão os lindos dias, quando moramos na mesma casa, comemos e bebemos juntos, e dormimos no mesmo quarto?—

Não me lembres os tempos que já [não são] se forão.— Queres me confiar o teu segredo?—Não, nunca calaste a bocca, não te confiarei o segredo.—Queres me emprestar dinheiro?—Não, não te empresto dinheiro.—Porque tens vergonha? — Porque dizem que o meu trabalho é um trabalho de preguiçoso. — Não tenhas vergonha. Vi o teu trabalho: elle é muito bom. — Não batas mais este menino; elle não te fez nada. — Conheces este homem? — Sim, conheço-o muito bem. Não te deixes enganar por elle. Já enganou mais do que um.—Conheces esta mulher?—Sim. Mas não lhe digas que a conheço. Não quero fallar com ella. — Te lembras deste homem? — Sim, mas já não quero lembrar-me delle, porque não posso atura-lo.—Vais commigo?—Depois de termos acabado o nosso trabalho podemos ir para casa.—Ficas em casa?— —Sim e tu ficas commigo.

164. Centesimo sexagesimo quarto.

Quem sabe correr mais de pressa, tu ou eu?—Não gosto de correr de pressa. — Sabes andar de pressa? — Sei andar de pressa, mas agora não tenho pressa. — Queres vir commigo? — Sim, não vas com tanta pressa, então venho comtigo. Não gosto de correr com tanta pressa.—Eu pelo contrario não posso ir devagar.—Pode nos entender?—É preciso que vm^cê^ falle mais alto, então posso o entender.—Que é preciso fazermos?—É preciso estudarmos muito para aprender uma lingua muito depressa. Quem estuda aprende, quem não estuda fica pateta.—Não queres beber ainda, antes de irdes á casa? — Não, mas antes de irmos, queremos comer ainda. — Não queres, antes de acabares este negocio, ler uma vez ainda as cartas, nas quaes se falla delle?—Não, já as li. — Já tendes jantado? — Não, mas antes de jantarmos, será bom beber um copo de vinho. — Quanto tempo estiveste na Hespanha? — Durante o hinverno estive na Hespanha, durante o verão em Portugal. — Gostas de mel? — Sim, mas não posso achar. — É verdade. Para bocca de pateta não ha mel.—Meu senhor, não gosto de

taes cumprimentos. Calará ou lhe dou um bofetão. — Depois de me ter calado, offerecer-me-has ainda um bofetão? — Não, não te offereço bofetões, senão quando fallas, como acabas de fallar. — Quando tens comido? — Antes de termos sahido, jantamos.—Quando queres sahir a cavallo commigo?—Depois de termos escrito, meu pai e eu, as cartas, que partem ainda hoje.

165. Centesimo sexagesimo quinto.

De que gostão mais, de vinho ou de cerveja? — Gostamos mais dum bom vinho, os outros gostão mais dum copo de boa cerveja. — A que serve isto? — Não presta para nada. — Porque não tem limpado a minha mala? — Tinha medo de sujar os dedos. — Quer servir-se do meu cavallo? — Com muito gosto. — Que tem dito o professor do meu trabalho? — Não disse nada. — Quem [é que] passou hoje aopé da casa de vm^cê.? — Não vi pessoa nenhuma. — Aonde passou seu filho? — Passou aopé do theatro. — Vm^cê. passará aopé do castello? — Passarei alli. — O criado de meu irmão limpou as escopetas do seu dono?—Limpou-as. — Não teve medo, de sujar-se os dedos? — Não teve medo de suja-los, porque nunca estão limpos. — Vm^cê. se serve dos livros que lhe mandei? — Sirvo-me delles. — Posso servir-me da sua faca?—Podes servir-te della, mas não te cortes!—Meus irmãos podem servir-se das espingardas de vm^cê.? Podem servir-se dellas, mas que não se firão. — Posso servir-me da sua escopeta? — Pode servir-se della, mas não a suje! — Que se tem feito da minha lenha? — O visinho serviu-se della para aquecer-se. — Seu primo serviu-se do meu cavallo? — Sim, serviu-se delle porque o seu está doente. — Os nossos vizinhos se tem servido dos nossos vestidos?—Não se tem servido delles, porque o tempo se levantou.—Para onde olhas-tu?—Olho para o meu lindo jardim.—Para onde olha a senhora de vm^cê.? —Olha para o mar.—Aonde parará este negocio?—Eu não sei aonde parará.

166. Centesimo sexagesimo sexto.

Quer emprestar-me este livro, quero o ler. — Não o leia, meu senhor, porque não presta. — Que ensina o mestre de escola?—Pode-se aprender delle a arithmetica. — O meu mestre de cuzinha tambem a sabe; por cada gallinha, que custa um pinto, elle me faz pagar dous pintos.—Com effeito o mestre de cuzinha de vm^ce. aprendeu a arithmetica do mestre de escola. — A que cheira aqui?—Cheira a fumo.—Conhece este homem?—Sim, cheira a chamusco. — Quantas vezes por semana [te] fazes-tu a barba? — Faço-me a barba todos os dias. — Quantas vezes por dia se veste esta senhora? — Tres vezes por dia, pela manhã, ás quatro horas, quando ella vai á mesa, e de noite, quando vai ao theatro. — Que disse? Disse: Comamos e bebamos! Quem sabe, se eu ámanhã estiver cá. — Já vendeste os teus generos avariados? — Ainda não. A maior parte do açucar, que tenho recebido, se tem desfeito na agua. Quem me comprará esta mistura de agua do mar e de açucar. — Sempre teus uma desculpa, se não vendes os teus generos. — Isto tu o sabes melhor. Tu te desfazes em cumprimentos e fallas tanto com a gente até que comprem os teus generos. Isto eu não sei. — Quando acordas pela manhã? — Hoje a trovoada me despertou já ás quatro horas da manhã.—Vale a pena levantar-se?—Não, chove. Mais vale que tu fiques na cama. — Já não quero ficar na cama. Ha bastante tempo que não sahi, hoje quero sahir, queres não queiras. — Tu não te comportas bem commigo. Tu não sabes, que não quero senão o que é bom? — Que merece este discipulo, não trouxe a sua lição?—Eu o castigarei, como o mereceu.—Me queres mal por causa da pena, que tiveste? — Nunca te quero mal, tu sabes isto. — A sua senhora quer mal á minha por causa do chapéo, que não lhe mandou? — Não, minha mulher não quer mal á sua. Está enganado, meu senhor.

167. Centesimo sexagesimo septimo.

Quando chegou seu filho? — Hoje ás tres horas da manhã. Parece muito mudado. — Vmcê. o reconheceu logo? — Não o reconheci, mas elle me reconheceu ao momento. — Que é que os senhores dizem de seu filho? — Louvão-no muito e dizem-no a todos que o querem ouvir. — Que aconteceu? — Os ladrões furtarão um sacco e deitarão-no na agua. — Porque não põe o seu chapéo? — Tiro-o, porque vejo o meu velho mestre, que vem. — Vmcê. põe outro chapéo [muda de chapéo], quando vai á praça? — Não ponho outro, quando vou á praça, mas antes, quando vou ao concerto. — Quando haverá concerto? — Depois de ámanhã. — Porque é que se vai? Não se diverte aqui? — Está enganado, se diz que não me divirto, porque asseguro-lhe, que me divirto muito em fallar com a irmã de vmcê., mas vou-me, porque estarão á espera de mim no baile de meu parente. — Prometteu ir lá? — Prometti ir lá. — Mudou de casaca para ir á casa do capitão inglez? — Mudei de casaca, mas não mudei nem de çapatos, nem de camisa. — Quantas vezes por dia mudas de roupa? — Mudo, quando vou jantar ou quando quero ir ao theatro. — Porque não mudas mais vezes? — Parece-me, que mudo bastante vezes. Tres vezes por dia é tudo o que se pode exigir de um homem, que tem os seus negocios.

168. Centesimo sexagesimo oitavo.

Porque se mette com esta gente? — Metto me com elles para saber o que dizem de mim. — Que será de vmcê., se se mette sempre com soldados? — Não sei o que será de mim; mas asseguro-lhe, que aquelles não me farão mal, porque não fazem mal a ninguem. — O soldado reconheceu seu pai, quando o viu? — Reconheceu-o ao momento. — Reconhecer-nos hemos quando vêr-nos-hemos outra vez no outro mundo? — Isto não sei. Estes segredos são de Deos. Ninguem communica-los-ha, porque ninguem volta do outro mundo. — Os máos não

reconhecerão os máos, mas os bons reconhecerão os bons. Assim Deos castigará uns e recompensará outros. Não o cres tambem?—Sobre isto não posso dizer nada, porque nunca pensei nisto. Espero que Deos o fará bem comnosco, melhor do que o merecemos.—Quando tempo ha que vmcê. tem esta casaca? — Ainda não ha muito. Recebi-a o anno passado, mas ainda parece nova, porque mandei a limpar a semana passada.—Quer me dar um copo de cerveja?—Não precisa beber cerveja, porque ha mais vinho do que se precisa. — Devo-eu vender a minha espingarda para comprar um novo chapéo? — Não o faça. Para que serve um novo chapéo? Seu velho ainda está bom. Tambem não precisa vender a sua escopeta, porque tem mais dinheiro do que ambos podemos gastar num anno.—Parece-me, que não sabe o que diz.

169. Centesimo sexagesimo nono.

Porque é que o advogado muda de côr, quando falla? — Porque o birbante sempre parece outro do que o homem que não mente.—Que se tem feito do salteador? — Enforcarão-no numa arvore.—Sabe porque seu irmão não come nada? — Provavelmente não tem fome, mas talvez que esteja doente.—O birbante mudou de vida?—Sim mudou de máo em bom.—Tu não lhe queres escrever a elle, ou elle não te quer escrever a ti?—Não lhe quero mal, antes elle [me quer mal] a mim. — Como quizerão-no? — Quizerão-no assim, mas nos quizemo-lo [assim] desta maneira.—Os saloios pagarão o seu vinho? — Pagarão-no. — Os meninos já tomarão o seu chá? — Já tomarão-no. — Os negociantes ja receberão as suas cartas?—Receberão-nas.—Os criados já levarão as minhas malas?—Já levarão-nas.—As pessoas recebem as minhas cartas todos os dias?—Recebem-nas todos os dias.—Os cuzinheiros pagão as suas fazendas todos os mezes? — Pagão-nas todos os mezes.—Os meninos querem os seus livros?—Querem-nos e acharão-nos.—Os marujos tem as suas cordas? — Ainda não as tem, mas tel-as-hão. —

Qual é o sujeito, [a materia] da sua conversação? — Fallamos de paizes, nos quaes o sol nunca se põe durante seis mezes.

170. Centesimo septuagesimo.

Conhece o sujeito da conversação entre meu pai e seu? — Sim, fallarão de mim e de vm$^{cê.}$ — Está prompto para sahir? — Ainda não estou prompto. Faltão-me ainda as minhas botas, que o criado ainda não tem limpado. — Sabes aonde estamos? — Sim, a casa aonde estamos pertence a um homem cujo pai foi enforcado ha dous annos.—Não falles mais sobre esta materia, porque em casa de enforcado não se falla em corda.—Ainda ha muitos salteadores em Portugal?—Sim, todos os mezes alguns são sentenciados.—Não tem medo dos salteadores, em quanto está viajando? — Não, nunca levo muito dinheiro commigo, por isso não me podem roubar senão sommas pouco importantes.—Está prompto a tocar piano? — Não, tu sabes que não o sei. — Porque não queres almoçar commigo? — Porque o teu almoço não está prompto.—Quer vir commigo? — Estou prompto a sahir com vm$^{cê.}$, mas minha mulher ainda não está prompta.— De que materia é feita esta corda? — É uma corda de seda.—O ladrão já tem sido enforcado?—Não, a corda, que deve mata-lo, ainda não está prompta, porque elle fugiu. — De que tem fallado? — Fallou do mar e dos navios e extendeu-se muito sobre esta materia.

171. Centesimo septuagesimo primeiro.

Queres um poucochinho de pão? — Não, quero um pedaço de pão, porque tenho fome como um leão. — Como vai teu irmãosinho, ainda está doente? — Não, já não esta doente, mas minha irmãsinha teve a mesma doença, que meu irmãosinho tem tido. — Quanto ha de Mafra a Lisboa?—Mafra é a uma jornadinha de Lisboa. —Está melhorsinho?—Sim, estou melhorsinho.—Porque é que seu pequeno grita tanto?—Doem-lhe os beiçinhos.

Tem comido a sua sopa, em quanto estava muito doente e se tem queimado os beiçinhos.—Como vai seu pai?— Assim assim.—Como está o seu doente?—Está melhorsinho hoje do que hontem. — Ha muito, que tem visto seus irmãos?—Ha dous dias, que os tenho visto.—Como vais-tu? — Vou menos mal. — Quanto ha que seu primo aprende a tocar piano?—Ha só tres mezes que o aprende. —Tem estado muito tempo em Vienna?—Tenho estado alli, só quinze dias. — Quanto tempo é que seu primo ficou em Paris? — Ficou em Paris um mez sómente. — Gosta de fallar com meu tio?—Gosto de fallar com elle, mas não gosto [de vêr], que elle se ria de mim. — Porque se ri de vmcê.? — Elle se ri de mim, porque fallo mal.—Porque [é que] seu irmão não tem amigos?—Não tem, porque os critica todos. — Porque [é que] se ri deste homem? — Não tenho tenção de me rir delle. — Peço-lhe o favor, que não o faça porque é meu amigo.

172. Centesimo septuagesimo segundo.

Duvida do que lhe tem dito este homem?—Duvido, porque já muitas vezes tem dito immensas mentiras. — Comprou finalmente o cavallo, que quiz comprar o mez passado?—Não o comprei, porque não tenho dinheiro.— Seu tio finalmente tem comprado o jardim?—Não o tem comprado, porque não pôde ajustar o preço.—Finalmente ajustarão o preço do quadro? — Ainda não. O preço, que pede, é tão alto, que não quero, nem posso paga-lo. —Ajustou com os seus socios?—Ajustei-me com elles.— Consente em pagar a vmcê. o preço do navio?—Consente em mo pagar.—Consente em ir á Hespanha?—Consinto. — Tornou a vêr o seu amigo? — Tornei a vê-lo. — Reconheceu-o?—Apenas pôde reconhecê-lo, porque contra o seu costume não traz barbas. – Como passou elle? — Não passou muito bem. — Que tem elle? — Tem dôres de cabeça. — Tem um bom medico? — Não, não vale a pena mandar vir um medico.

173. Centesimo septuagesimo terceiro.

Divertiu-se hontem?—Sim, ri até não poder mais.—Ouviu o que se tem dito?—Sim, não obstante ter rido, todavia ouvi o que a gente tem dito. — Tens jantado muito?—Tenho jantado como de costume sopa, vacca e arroz. — Aonde estão os socios de seu pai?—Estão no escriptorio. Quer lhes fallar?—Sim, tenho alcançado o que querem.—De que se lamenta sua filha?—Lamenta-se de que não pode aprender as suas lições.—Ella não aprende cousa alguma.—Tens medo que elle não venha?—Pelo contrario, tenho medo que venha. — Tem medo, que seu irmão não volte?—Tenho medo, que não volte.—Gostas, que va comtigo?—Não gosto, que vá commigo.—O medico gosta, que o doente fique em casa?—Não, quer que saia.—Duvidas, que elle venha?—Duvido, que venha. — Desejas, que va comtigo? — Não, desejo, que fiques cá. — Quanto pagaste por este vestido? — Paguei mais do que vale. — Tem medo que lhe furtem a sua mala?—Sim, o anno passado furtarão-lha.—Queres, que te mande roupa?—Não, ainda tenho roupa até á semana que vem.—Que pedes-tu?—Peço-te, que vas commigo á casa do medico, porque estou doente.

174. Centesimo septuagesimo quarto.

Seu primo já lhe tem escrito?—Ainda não, mas hoje receberei delle uma carta.—Que tem feito hontem, o pai de vm^{cê}.?—Depois de ter voltado do theatro, jantou. —Levantou-se cedo hoje?—Levantei-me ao romper do dia. — Onde está seu primo? — Está na cuzinha. — Sua cuzinheira ja poz a sopa na mesa? — Ha já muito que está na mesa.—Onde está sua mãe?—Está na igreja.—Sua irmã tem ido á escola?—Ficou em casa hoje.—Sua mãe vai muitas vezes á igreja?—Vai todas as manhãs e todas as noites.—A que horas vai á igreja pela manhã?—Vai logo que se tem levantado.—A que horas levanta-se?—Levanta-se ao romper do dia.—Vais á escola hoje?—Vou. — Que aprendes na escola? — Aprendo a ler, a

escrever e a contar. — Onde está sua tia? — Foi-se para a Inglaterra. — Onde está a irmã de vmcê.? — Está no jardim.—Vai á opera esta noite?—Não, fico em casa.

175. Centesimo septuagesimo quinto.

Aonde está sua visinha? — Foi-se á praça. — Quando voltará?—Amanhã as tres hosas da noite. — Aonde está sua prima? — Está em casa. Deseja que vmcê. lhe leve o livro, que lhe prometteu ha tanto tempo e que nunca lhe trouxe. —Que deseja o senhor barão? — Deseja, que o criado lhe traga as botas que pediu ha tanto tempo.— A rapariga, a quem dei um chapéo o anno passado, ainda está cá? — Não, ha muito já, que não está cá. — Seu pai foi-se á caça?—Não pôde ir á caça, porque está constipado. — Gosta de ir á caça? — Gosto mais de ir pescar do que de ir caçar. — Seu pai ainda está no campo? — Sim, minha senhora, ainda está. — Caçou no campo?—Caçei todo o dia.—Quanto tempo ficou em casa de minha mãe? — Fiquei todo o dia em casa della. — Ha muito que esteve no castello?—A ultima vez estive no castello com vmcê. e com o barão. Hei dé lhe lembrar isto. Foi um domingo. Sahimos da igreja e vmcê. propoz o passeio. Fomos vêr o velho capitão, bebemos um garrafa de cerveja com elle e fumamos um charuto com elle. Fallou de seus filhos, que assentarão praça o anno passado. Um ainda está cá, o outro foi-se ha alguns mezes para a Africa. — A quem pertencem estas ovelhas?—Pertencem ao rico saloio cuja casa está aopé do jardim de vmcê. — Aonde mora a duqueza? — Mora em casa da avó do duque, na mesma casa em que mora a baroneza.

176. Çentesimo sexagesimo sexto.

Quer alguma fruta?—Sim, gosto de pecegos, se tem alguns, eu os comerei com muito gosto.—Que trouxe a cuzinheira? — Trouxe a torta de pecegos que está na mesa.—De que gosta mais, de cerejas ou de morangos?

—Cerejas são boa fruta, mas gosto mais de morangos.— A que cheira aqui? — Cheira a fruta.—Quando colhe os pecegos no seu jardim? — Ainda não. — Espero até que sejão maiores para colhê-los. — Que tens tu? — Apanhei uma constipação terrivel.—Te constipaste?—É possivel. Hontem, quando sahi, estava tão frio, que voltei logo á casa.—Quem dirige a educação dos meninos da baroneza? — É uma aia, que conhece a familia ha já muito. — Confessaste todos os teus peccados? — Não. Cumpri a minha promessa e não confessei senão o que tinho promettido de confessar. Todos os outros segredos calei-os.

177. Centesimo septuagesimo septimo.

Eras amado, quando estavas em Dresda? — Não era aborrecido. — Seu irmão era estimado quando estava em Londres?—Era amado e estimado.—Quando estava na Hespanha? — Estava alli, quando vmcê. estava. — Quem foi amado?—Os que forão bons, trabalhadores e obedientes forão amados, e os que forão máos, preguiçosos e desobedientes forão aborrecidos e menosprezados. — Vmcê. estava em Madrid, quando a rainha alli estava?— Eu estava em Madrid, em quanto el rei estava alli. Mas neste tempo a rainha estava em França. — Onde estava hontem, todo o dia, em quanto nós estudamos?— Eu estava a caçar com meu pai.—Onde estava seu pai, em quanto estava em Vienna? — Estava em Paris. — A que horas almoçava, quando estava em França? — Almoçava, quando meu tio almoçava. — Ia muitas vezes vêr os seus amigos em quanto estava em Vienna? — Ia muitas vezes vê-los. — Ia algumas vezes aos campos elysios, em quanto estava em Paris?—Ia lá muitas vezes. —Com quem costumava ir á caça?—Algumas vezes com meu pai, outras vezes com meu tio.

178. Centesimo septuagesimo oitavo.

Que fazia, em quanto estava no campo? — Quando moravamos alli, iamos pescar muitas vezes. — Não ia

passear?—Ia passear algumas vezes.—Levanta-se cedo? — Não tão cedo como vmcê. Mas quando morava em casa de meu tio, levantava-me mais cedo do que agora. — Ficou na cama algumas vezes, quando morava em casa de seu tio? — Em quanto estava doente, estava de cama todo o dia.—Ha muita fruta este anno?—Não sei; mas o verão passado, quando estava no campo, havia muita fruta.—Como [é que] o seu amigo ganhou aquelle dinheiro?—Ganhou-o trabalhando.—Como ganhava a sua vida, quando estava na Inglaterra?—Ganhava-a escrevendo. — Seu primo ganhou a sua vida escrevendo? — Elle a ganhou trabalhando. — Jamais viu tal pessoa? — Nunca vi tal. — Já viu a nossa igreja? — Ainda não a vi. — Aonde está ella? — Está fora da cidade. Se vmcê. quer vê-la, vou com vmcê. para lha mostrar. — De que vivem os homens, que morão na visinhança do mar? — Vivem do que o mar lhes dá.—Porque já não quer ir á caça?— Já é muito tarde para caçar. — Que mataste? — Matei uma passarola, mas que não conheço. Vou lha mostrar. — Porque não come? — Porque não tenho appetite. — O appetite não falta a seu irmão, porque come por sette.

179. Centesimo septuagesimo nono.

[A] quem procura?—Procuro [a] meu irmãosinho.— Se quizer acha-lo, ha de ir ao jardim, porque elle alli está.—O jardim é grande, não poderei acha-lo, se vmcê. não me diz, em que parte do jardim elle está. — Está assentado debaixo da grande arvore, debaixo da qual estavamos assentados hontem. — Agora o acharei. — Porque não me trouxe os meus vestidos? — Ainda não estavão promptos, de maneira que não pôde trazê-los, mas ámanhã lhos trago. — Aprendeu a sua lição, porque é que sua irmã não aprendeu a della?—Não teve tempo. —Quer mandar-me a sua carruagem e os seus cavallos? —Com muito gosto, meu senhor. — Quando corrigirá os meus exercicios?—Corrigi-los-hei esta noite. — Quer me trazer os exercicios de sua irmã? — Vmcê. cre, que ella tenha commettido erros nelles?—Não o sei.—Se ella tem

commettido erros nelles, então não tem estudado a sua lição; porque é preciso estudar bem as lições para não commetter erros nos exercicios. — É o mesmo, se ella não corrigir hoje os erros, amanhã castiga-la-hei. — Não deve commetter erros nos seus exercicios, porque tem tudo o que necessita, para não commetter erros.

180. Centesimo octogesimo.

Que cuidavas-tu? — Cuidava que viria me vêr. — Cres tu, que elle me mandará um livro? — Cria, que te mandaria um livro. Mas não o faz. Isto vejo. — Alguem pode dizer, se eu farei alguma cousa boa ou não? — Em quanto não a faz, ninguem pode dizê-lo. Mas se a tiver feito, então se pode dizer, que a teria feito. — Porque não tem cumprido a sua promessa? — Não me lembro do que lhe tenho promettido. — Quer jantar hoje comnosco? — Com muito gosto. Que tem para comer? — Temos boa sopa, carne fresca e salgada e alguns pratos doces. — Quaes são os alimentos, que custão menos? — Sal, pão e arroz. Se vmᶜᵉ· bebe agua com isso, não gastará muito dinheiro.—Que jantou hoje, o viajante? — Comeu pouco, porque estava muito cansado. — Como passa seu irmão, que, ha um anno, fez uma viagem comnosco? — Recebi delle uma carta; mas cuidava, que ia melhor, do que vai.—Que disse o medico hontem, quando viu o doente?—Disse que voltaria hoje. Mas até agora não voltou ainda.—Conhece o professor, que hontem fez um discurso, de que ninguem entendeu uma palavra?—Não o conheço, mas dizem-me, que gosta muito mostrar a sua sabedoria. — Assim parece. Este senhor fallou das tres ás sette horas, e quando acabou, toda a gente ficou admirada. — Repete muitas vezes as suas lições? — Eu as repetiria muitas vezes, mas não tenho tempo. — Promette muitas vezes levar seus filhos ao theatro?—Eu o faria muitas vezes, mas sempre falta-me ou o tempo ou o dinheiro.

181. Centesimo octogesimo primeiro.

Como o farias-tu para estudar a chymica? — Isto é muito simples. Compraria um bom livro e estudaria. — Então ficarias todavia pateta, porque a chymica não se pode aprender de memoria, como qualquer lição se aprende de memoria. — Em que gostarias mais de te occupar?—Em pescar e caçar, em ir a cavallo e sahir de carruagem. Esta vida seria ao meu gosto.—Tambem ao meu gosto, mas é preciso ter dinheiro para poder leva-la. — Tem muitos rouxinões no seu jardim? — Não, daria tres libras esterlinas para alguns desses passaros. Mas não gostão de meu jardim, tem medo delle. — Fez algumas perguntas a seu filho? — Sim, mas a resposta não foi, como o quiz. — Porque não? — Porque tres senhores perguntarão ao mesmo tempo. — Houve baile? — Não, o que vm^cê. disse verificou-se. O dono da casa cahiu doente e não houve baile. — Com quem te encontraste, com meu pai ou com meu irmão? — Nem com um, nem com outro. Já não estavão em casa, quando vim vê-los e sahir com elles. — Sirva-se vm^cê. dizer-me, se elle está em casa ou não? — Não está em casa. Ordinariamente pode encontra-lo, quando janta, as cinco horas. — Sirva-se vm^cê. dizer-lhe, que virei a estas horas por causa de um negocio, que lhe importa muito.—Porque es tu tão tenro com elle?—Porque gosto delle.—Em que pensa vm^cê.?—Á sabedoria do creador, que é o pai de todos os homens. — Tem feito uma excursão? — Sim, estive alguns dias na Hespanha. Mas o tempo já não é favoravel. O calor é muito grande. —Faria commigo uma viagem o outono que vem?—Sim, aonde iria? — Gostaria de ir á Allemanha. Ordinariamente os outonos são frescos alli e não gosto nada do toda a sabedoria calor. — Qual é o principio de toda sabedoria? — O temor de Deos é o principio de toda a sabedoria.

182. Centesimo octogesimo segundo.

Ainda gastarás muito dinheiro? — Não gastarei mais uma libra, antes que tenha [antes de ter] recebido o dinheiro, que tu me deves. — Queres comprar o meu boi? — Já não comprarei bois, antes de ter vendido [antes que tenha vendido] todos aquelles, que tenho ainda. — Queres mandar dinheiro a teu primo? — Lhe mandarei dinheiro, afim que elle não te tenha pedido debalde de mo dizer. — Que temes? — Temo, que não tenha dito a meu pai, que virei. — Que teme seu pai? — Teme, que os seus socios não tenhão recebido as cartas, que lhes tem mandado ha quinze dias. — Tem medo deste homem? — Tenho medo, que tenha sido pagado [pago] para matar o meu cão. Mas temo tambem, que o meu cão não seja disposto a se deixar matar. — Porque [é que] seu irmão não veiu ao baile hontem? — Temo, que se tenhão esquecido de lhe dizer, que ha baile. — Queres vir commigo? Vim para ir comtigo. — Afim que não tenhas vindo debalde, irei comtigo, mas antes quereria ficar em casa. — Seu pai já lhe tem escrito? — Ainda não. Tenho medo, que o dinheiro, que lhe tenho mandado, tenha sido furtado. — Porque é que crê isso? — Porque não recebo resposta.

183. Centesimo octogesimo terceiro.

Vês esta poeira nas ruas? — Sim. São as carruagens del rei, que a levantão. — Seus parentes irão ao campo amanhã? — Não irão, porque ha muita poeira. — Faremos hoje uma excursão? — Não, porque as ruas estão molhadas. — Vê o castello del rei? — Sim, vejo-o. Podemos entrar? — Não, quando o rei está lá, ninguem pode entrar. — Quer entrar neste quarto? — Não entrarei, porque ha fumo. — Não quer sahir a cavallo commigo? — Não, porque ha muita lama nas ruas. — Não quer entrar? — Não quer assentar-se? — Vou me assentar nesta grande cadeira. — Quer me dizer o que se tem feito deste senhor? — Lho direi. — Aonde está sua irmã? — Não a vê? Está

assentada no banco.—Seu pai está assentado no banco? —Não, está assentado na cadeira.—Gastaste todo o teu dinheiro? — Gastei a metade. — Quanto tens ainda? — Ainda tenho dez libras. — Seu pai lhe tem enchido a bolsa, quando elle partiu? — Sim, elle me tem deixado bastante dinheiro.

184. Centesimo octogesimo quarto.

Queres subir aquella montanha commigo? — Sim, podemos ir a cavallo até a este logar, que está aopé da montanha. — Gostas mais de subir a montanha do que de desce-la? — Gosto mais de subir, porque, quando desço, ordinariamente estou muito cansado.—Que tem o saloio? — Tem um sacco cheio de trigo. — Que traz o burro?—Traz um sacco cheio de dinheiro.—Onde está situada Lisboa, rio abaixo ou rio acima daqui? — Rio acima, meu senhor, porque as aguas do Tejo vem de Lisboa. — Isto pode ser; mas a agua do rio corre tão mansa, que não posso vêr, se corre á esquerda ou á direita. — Não quer comer mais um boccadinho desta torta?—Não, não gosto de comer mais do que ordinariamente. — Seu irmão finalmente voltou da Inglaterra? — Sim, meu senhor, finalmente voltou e trouxe um lindo cavallo inglez. — Quer sahir de carruagem hoje com minha mãe? — Não, senhor, quero sahir a cavallo. — Não o faça hoje, minha senhora. Ha tanta lama nas ruas, que vale mais, que Vossa Excellencia saia de carruagem. — Quando é que sua irmã se embarcou? — Esta noite ás sette horas, quando o vento se levantou.— Como são as margens do rio?—São magnificas. Quando se sobe o rio, a margem á esquerda se torna sempre mais linda. —Seu rapaz sempre come tanto? — Enche a barriga de tal maneira de carne, que adoecerá se continua a comer tanto.

185. Centesimo octogesimo quinto.

Que desejava meu pai? — Desejava, que lhe tivesses escrito, porque não vieste. — Que farias, se tivesses uma grande fortuna? — Accudiria a aquelles, que não podem trabalhar. — A quem mandaria este dinheiro, se o tivesse? — Manda-lo-ia a meu pai. — Vmcê. me teria mandado um livro, se tivesse sabido, que tenho lido os ultimos livros? — Eu lhe teria mandado os livros, que tem pedido, se os tivesse tido. — O saloio teria vendido o seu cavallo, se tivesse sabido, que não é [sempre] doente? — Elle o teria vendido. — Vmcê. se teria embarcado, se tivesse sabido, que uma tormenta se levantaria? — Nunca me teria embarcado. — O capitão teria dado dinheiro aos marujos, se tivesse sabido, que não se embarcarião? — De certo [que], não lhes teria dado dinheiro. — Que teria dito, se lhe tivesse furtado um sacco cheio de dinheiro? — Nunca mais lhe teria fallado. — Que terião dito seu pai e sua mãe, se tivessem visto, como trabalhava? — Me terião louvado. — Que teria feito, se tivesse notado, quão preguiçoso este rapaz é? — Eu o teria castigado, se o tivesse visto.

186. Centesimo octogesimo sexto.

Que razão teria tido de me querer mal, se tivesse sabido, que escrevi todos os dias uma carta a vmcê.? — Se tivesse recebido as suas cartas, tambem lhe teria mandado cartas. — Porque não me deste noticias de teu pai? — Se tivesse sabido, que o desejavas, te teria escrito. — Vmcê. teria recebido dinheiro, se seu pai estivesse cá? — Teria recebido muito dinheiro, se elle estivesse cá. — Me teria dado dinheiro, se lho tivesse pedido? — Eu lho teria dado. — Teria louvado os [aos] meus discipulos, se tivesse sabido, que elles são diligentes? — De certo não os teria castigado. — Receberiamos fructa, se escrevessemos a seu irmão? — Receberia agora pecegos, se lhe escrevesse. — Aprenderia a lingua hespanhola, se estivesse na Hespanha? — Gostaria de aprendê-la já agora, para

sabê-la, se fosse um dia para a Hespanha. — Meu filho não teria sido castigado, se tivesse feito os seus exercicios? — Não teria sido castigado, se os tivesse feito. — Minha irmã teria sido louvada, se tivesse sabido o que sei agora?—Não, vmcê. de certo não a teria louvado.

187. Centesimo octogesimo septimo.

Que teria feito, se lhe tivessem queimado todas as suas cartas? — Eu as escreveria outra vez. — Que faria, se estivesse na igreja?—Rezaria por aquelles, que gostão de mim. — Eu ainda faria mais, rezaria tambem por aquelles, que me aborrecem. — A que empregaria o seu dinheiro, se tivesse tanto como eu?—Compraria casas e da-las-ia aos pobres. — Pórque não mandaste a minha casaca ao alfaiate? — Porque não tinha tempo. — Eis a razão unica? — Eis a unica razão porque não o fiz. — Me daria um cavallo, se lhe promettesse de ir a cavallo todos os dias?—Dar-lhe-ia dous cavallos, se vmcê. quizesse andar a cavallo todos os dias. Mas conheço a vmcê., promette muito e faz pouco. — Teria escrito a sua irmã, se eu tivesse ido a Paris? — Não, não o teria feito, porque não lhe confio uma carta. Dei-lhe uma ha tres annos, ha de lhe lembrar, e vmcê. se esqueceu de dá-la á pessoa, a quem era dirigida. — Fallaria se alguem o escutasse? — De certo, meu senhor. — Terias acabado o teu trabalho, se tivesses trabalhado todo o dia? — Não, ainda não teria acabado. — Que tens feito hoje durante todo o dia? — Trabalhei. — Escreveste cartas? — Sim, respondi a todas as cartas, que tinha recebido durante a semana.

188. Centesimo octogesimo oitavo.

Ralharia commigo, se soubesse que tenho preferido hoje jantar na casa de pasta?—Não, não ralharia. Tambem aqui teria achado um bom jantar.—Que te mandou el rei? — Mandou, buscasse seu filho. — Que te mandou o teu amo?—Mandou-me, levasse esta carta ao correio.—

Que te pediu o criado?—Pediu-me, mandasse seu filho á escola. — Que lhe pediu a gente? — Pediu, que lhe desse quanto dinheiro precisa.—O negociante é honrado pelos seus socios?—Não, ninguem o honra, porque não está sempre prompto a dizer a verdade. — Não me furtaste dinheiro?—De certo que não. Estou certo que o perdeu.—Porque fecha a porta todas as vezes, quando [que] sahe? — Tenho medo dos ladroes. — Porque abre as janellas? — Porque está muito calor nos quartos. — Esta janella se abre facilmente?—Não se abre facilmente. — Esta porta se abre facilmente? — Ella se abre e se fecha facilmente.—Que afflige tanto seu irmão?—A morte de um amigo o afflige.—Estas fazendas se vendem bem? —Sim, vendem-se bem.—Quando recebeu o seu dinheiro, que fez delle?—Nos o gastamos em comprar bons livros. Vmcê. gastou tambem o seu em comprar bons livros?— Não, nos o gastamos [gastamo-lo] em soccorer [a] os pobres.—Devo-eu dar o meu dinheiro a este homem ou não?—Não o faça, é um extravagante, que gastará todo o dinheiro, que vmcê. emprestar-lhe-há.

189. Centesimo octogesimo nono.

Um dos moços da camara de Luiz quatorze pediu a este principe, em quanto ia deitar-se [Indo deitar-se Luiz quatorze um dos moços da camara lhe pediu], recommendasse ao senhor presidente uma demanda, que tinha com seu sogro, e insistindo, lhe disse: „Vossa Magestade não tem, senão dizer um palavra.“—„Então,“ disse Luiz quatorze, „isto seria cousa facil; mas podes me dizer: se tu estivesses no logar de teu sogro e elle no teu, que dirias-tu, se eu dizesse esta palavra?“—Se os homens viessem, seria preciso dar lhes um copo de vinho. — Se pudesse fazer isto, de certo que elle faria aquillo. — Cuidava sempre, querido irmão meu, que gostas tanto de mim, como eu de ti; mas agora vejo que me enganei. — Gostaria de saber, porque o senhor foi passear sem mim? — Ouvi, querida irmã minha, que estás zangada commigo, porque fui passear sem ti. Podes ficar certa,

que, se tivesse sabido, que não estás doente, teria vindo ter comtigo. Mas perguntei ao medico a respeito de tua saude, e disse-me, que tens estado de cama oito dias.

190. Centesimo nonagesimo.

[Um official francez, que tinha chegado á corte de Vienna] Tendo chegado á corte de Vienna um official francez, a imperatriz Theresa lhe perguntou, se cria, que a princeza de N., a quem elle tinha visto a vespera, com effeito era a mulher mais linda do mundo, como dizião. „Vossa Magestade,“ respondeu o official, „hontem o cuidava.“ — Gosta desta carne? — Gosto muito della. — Tomarei a liberdade de lhe pedir um pouco desta carne? — Se vmᶜᵉ· quizer dar-me o seu prato, lhe darei della. — Quereria ter a bondade de me deitar vinho? — Com muito gosto. — Vendo Cicero [a] seu filho, que era muito baixinho, com uma espada muito comprida ao lado, disse: „Quem é que atou meu filho á sua espada?“

191. Centesimo nonagesimo primeiro.

Quando viu o castello de meu pai? — Vi-o, quando viajava o anno passado. É um castello muito lindo e se pode vêr de longe. — Quer levantar-se cedo amanhã? — Isto dependerá das circumstancias. Se me vou á cama cedo, levantar-me-hei tarde. — Amará meus filhos? — Ama-los-hei, se estiverem diligentes. — Jantará amanhã comnosco? — Se vmᶜᵉ· deixar preparar os pratos, de que gosto, jantarei com vmᶜᵉ· — Já tem lido a carta que tem recebido esta manhã? — Ainda não a tenho aberto. — Quando a lerá? — Eu a lerei esta tarde. — Para que serve isto? — Não serve para nada. — Porque o levantou? — Levantei-o para lho mostrar. — Pode me dizer o que é? — Não lho posso dizer, porque não o sei; mas vou perguntar a meu irmão; este lho dirá. — Aonde o achou? Achei-o na rua nas visinhanças do mato. — Reparou-nisso de longe? — Não precisava reparar-nisso de longe, porque ia ao longo da rua. — Jamais viu tal cousa? — Nunca. —

Porque não devo fazer isto?—Deves dar o bom exemplo a teu irmãosinho.—Porque devo-eu escrever mais do que ler? — Porque ha já muito que sabes ler, mas escreves mal.—Conheces este pobre diabo?—Sim, é o çapateiro que remenda velhas botas e velhos çapatos.—Onde vais passear ordinariamente?—Vou ordinariamente ao longo da margem do rio.—Gosto tanto deste caminho, porque as arvores de ambos os lados são tão altas e tão bonitas.

192. Centesimo nonagesimo segundo.

Encher-lhe-hei o copo, meu senhor?—Não, meu senhor, já não quero beber. — De que prato lhe offerecerei alguma cousa?—Adoecerei, meu senhor, se como mais. —Permitta-me, que lhe deite deste vinho. — Que vinho é?—É vinho da Hungria.—Quer me passar um pouco de presunto? — Com muito gosto. — Que deseja o imperador? — Deseja, que a corte passe o verão no campo. — A imperatriz irá com a corte ao campo? — O imperador deseja, que a imperatriz va com a corte.— Que deseja o meu socio? — Deseja, que vmcê. insista, que as fazendas sejão vendidas.—A quem pertence esta espada? — Pertence ao official hespanhol, que jantou comnosco. — Qual é o maior de todos os bens? — É a saude.—Queres ter commigo?—Sim, vou ter comtigo.— Tem estado no theatro?—Não, mas irei ao theatro com meu irmão; elle me tem promettido de ter commigo. — Ha uma differença entre a palavra e a acção, minha senhora. Temo que Vossa Excellencia não for para o theatro. — Quem é este senhor? — É meu sogro e a senhora, que vai com elle, é minha sogra. — Que deseja o senhor presidente do conselho?—Deseja, que ganhe a demanda. — Porque tem intentado uma demanda ao advogado?—Cuidava ganhar o processo e agora vê que uma má composição teria valido mais.

193. Centesimo nonagesimo terceiro,

Faço uma viagem para a Inglaterra. Pode me dar uma carta de recommendação a seu sogro?—Com muito gosto, meu senhor.—De que fallão estes dous senhores? —Fallão de processos.—Seria melhor, que fallassem de composição, porque gasta-se muito dinheiro com os processos. — Quem procuras? — Procuro teu sogro. — Que procuras?—Procuro a minha mala, que se perdeu. —Estás certo que virá?—Duvido que venha. Mas não me impòrto com isso, porque posso acabar o negocio tambem sem elle. — Cres, que el rei venha ainda hoje? —Que Sua Magestade venha ou não venha, os quartos estão promptos. — Que te prometteu? — Me prometteu, que me recommandaria a seus amigos.—Que te perguntou elle? — Perguntou-me, se ainda tinha o cavallo. — Que lhe disseste-tu? — Disse-lhe, que, se ainda o tivesse, já não o venderia.—Quantas linguas fallava Carlos-Quinto? — O imperador fallava todas as linguas dos povos de seu reino, mas não fallava todas com a mesma facilidade.

194. Centesimo nonagesimo quarto.

Carlos Quinto, que fallava diversas linguas europeas com facilidade, dizia, que se devia fallar a lingua hespanhola com os Deoses, a italiana com a sua amiga, a franceza com o seu amigo, a allemã com os soldados, a ingleza com os gansos, a hungara com os cavallos e a bohemia com o diabo.—De que doença morreu a sua irmã?—Morreu de febre.—Como está seu irmão?—Meu irmão já não vive.—Quando morreu?—Morreu no campo ha tres annos. — De que morreu? — Morreu de febre amarella. Esteve doente só seis horas. — Muitas vezes tem ataques de febre?—Este anno não.—Como se acha a mãe do seu amigo?—Não está boa; ante hontem teve um ataque de sezões, e esta manhã teve outra vez febre, de maneira que creio, que não são sezões, mas terçãns. — Que se tem feito da mulher, que vi em casa da mãi de vmcê.?—Morreu esta manhã de um ataque de apoplexia.

— Os seus discipulos aprendem de memoria as suas lições?—Não querem aprender de memoria, porque são muito preguiçosos. — Que é que este homem quer? — Quer, que lhe pague a roupa, que tem comprado no seu armazem. — Que va ao diabo [á fava]! Agora não tenho dinheiro.

195. Centesimo nonagesimo quinto.

Ainda vive o velho ecclesiastico, que ha tres annos encontrava todas as noites em casa de vmcê.? — Não, morreu.—De que doença morreu?—Morreu de um ataque de apoplexia.—Sinto muito, que não o tenha visto mais. Gostava muito delle.—Era com effeito um homem muito amavel. Os pobres sentirão muito a sua morte. — Tem noticias de seu irmão? — Sim, mas estas noticias me surprenderão muito.—Porque?—Escrevem-me, que meu irmão está doente, mas não sabem a que medico elle se tem dirigido, e como elle é estrangeiro, não sabe, quem é o melhor medico da cidade. — Quer destas maçãs? — Não, são acidas e doem-me os dentes a mim. — Está enganado, meu senhor, estas maçãs são muito doces. — Então, faz-me o favor de me dar algumas. Leva-las-hei a meus filhos, que gostão muito de maçãs. — A quem favorece este ecclesiastico? — Favorece os discipulos diligentes e castiga os preguiçosos. — Quanto derão os visinhos?—Não sei. Eu por minha parte, dei uma libra. Quem dá aos pobres, não ficará pobre por isso.—Quem sujou o meu vestido? — Meu irmão, deitou no chão o tinteiro, de maneira que todos, que estavão assentados á mesa, forão sujados. — A quem pertence esta fita amarella?—Pertence á tia.—Procurou o negociante, que vende as fitas? — Sim, mora na rua de S. João, á esquerda, aopé do grande armazem do negociante inglez, em casa de quem vmcê. compra ordinariamente o seu algodão.

196. Centesimo nonagesimo sexto.

Quem quer comprar pastelinhos doces? — Ninguem quer comprar pastelinhos doces. — Faz favor de me passar o vinho.—De que vinho quer, deste ou daquelle? —Faça-me o favor de me dar ambas as garrafas. Beberei de ambos os vinhos. — Que tal acha este vinho? — É muito doce.—Gosta dos vinhos doces?—Os vinhos acidos matão a sede melhor do que os doces.—Alguem bate á porta, posso deixa-lo entrar?—Não, ninguem pode entrar, seja quem for. — De quem é que sua irmã fez escarneo hontem?—Fez escarneo de um senhor, que deixou cahir no chão um copo, de maneira que quebrou. — Tens os meios para poder comprar uma carruagem e cavallos?— Se tivesse tanto dinheiro, ha muito que teria uma cavalhariça cheia de cavallos. — Seu irmão tem muitas arvores no seu jardim? — Não tem nem uma só arvore no seu jardim.—Sua irmã guardou o segredo, que eu lhe disse?—Não tem dito nada, que não fosse conhecido ha muito. — As maçãs nesta mala são boas?—Não ha nem uma só, que fosse madura. — Que tem escrito? — Não tenho escrito nada, que não fosse á sua honra. — Podemos dizer, que os ricos são sempre felizes? — Não, porque os felizes não são sempre ricos.

197. Centesimo nonagesimo septimo.

Que disseste?—Disse, que deverias mandar-me uma mala cheia de maçãs, então serias muito amavel. — Que tens tu?—Tenho dôres de cabeça.—Tambem tens febre? — Não tenho febre. — Quem é favorecido por vm^cê.? — O filho do visinho. — Porque o favorece? — Porque elle é [um] rapaz muito diligente, que trabalha da manhã á tarde.—Porque [é que] favorece estes discipulos e castiga aquelles? — Favorecemos estes porque são diligentes, e castigamos aquelles, porque são preguiçosos. — Estou admirado [de vêr], que aquelles discipulos não fação nada, porque, quando estavão na minha escola, aprendião muito bem. Estava sempre contente. — Que tens tu?

Estás doente? — Não, estou muito admirado de ouvir esta pergunta. Porque não me falta nada. — Ainda sempre tens a tenção de voltar para Portugal com tua mulher? — Eu por minha parte irei, mas minha mulher ficará cá, até que eu volte. — Há muitos doentes nesta terra?—Sim, temos muitas febres este anno; os medicos dizem, que nunca tem tido tantos doentes. Temem, que a febre amarella venha nesta terra. — Então partirei, e não esperarei muito, até que tenhas concluido os teus negocios. — Que tal achas esta cerveja? — Acho-a acida, e não a beberei. Mas não a deiterei, mas manda-la-hei á criada, afim que lave os vestidos de algodão na cerveja. Dizem que ficão muito bonitos.

198. Centesimo nonagesimo oitavo.

Porque trata com esta gente? — Trato com elles, porque me são uteis a mim.—Se vm$^{cê.}$ continua a tratar com elles, enredar-se-ha em máos negocios, porque tem muitos inimigos.—Quantos passaros cahirão na sua rede? —Não cahirão senão poucos passaros na minha rede. — Que farias, se teu inimigo cahisse na rede daquelles, que lhe querem mal? — Eu lhe acudiria. — Já ouviste fallar da desgraça que aconteceu ao nosso visinho? — Sim, chegou ao meu conhecimento, que tem perdido toda a sua fortuna. Sinto muito, que elle esteja neste triste estado, mas não posso acudir-lhe.—Estás desejoso de acudir ao teu visinho? — Eu lhe acudiria com muito gosto, mas faltão-me os meios. — Já chegou ao seu conhecimento, que a rainha morreu? — Ainda não. De que doença morreu? — Morreu de febre amarella. — Os soldados já voltarão? — Não, retirarão-se sómente, para enganar ao inimigo. Agora já estão perto do campo do inimigo. Todos estão desejosos de não deixar ponte de ouro aos seus adversarios, mas de expelli-los fora do paiz.—Que fizerão os soldados, quando o inimigo chegou? — Retirarão-se. O inimigo que julgava que tivessem medo, os deixou fugir. Então reunirão-se outra vez, chegarão-se a elle e o baterão.—Seu pai se parece com

vm^cê.?—Sim, parece-se commigo.—Que se imagina o tio de vm^cê.? — Imagina-se que goza d'uma saude perfeita, mas não é assim. Quasi sempre está doente e os olhos doem-lhe muito.—Que faz aquelle rapaz?—Faz caretas. — Que disse o negociante, quando lhe confessaste, que não podes pagar as tuas dividas?—Ficou com um palmo de cara.—Que dissestes, quando não recebestes o dinheiro, que esperastes? — Ficamos com um palmo de cara. — Com quem é que seu irmão se parece mais, comtigo ou com tua irmã? — Elle se parece mais commigo do que com minha irmã.—Que cara tem elle?—Tem cara triste.

199. Centesimo nonagesimo nono.

Que tem teu irmão? Faz uma cara, como se estivesse doente.—Não está doente. Mas tem perdido muito dinheiro hoje, por isso fica com um palmo de cara. — Isto não é muito agradavel. Mas porque joga? O pateta, elle sabe que perde todas as vezes que toca nas cartas.—Como é seu irmão para com a mãe de vm^cê.?—É muito carinhoso para com ella.—Que cara tem o tio de vm^cê.? — Parece muito alegre, porque está muito contente com os seus filhos. — Os seus amigos tem tão bom parecer como elle?—Pelo contrario, parecem muito tristes, porque estão descontentes.—Houve um individuo, que gostava muito de vinho, mas achou-lhe duas más qualidades. „Se o mexo com agua", disse elle, „eu o boto [a elle], e se não o mexo com agua, elle me bota a mim. — Suas irmãs se parecem uma com outra? — Não se parecem, porque a mais velha é preguiçosa e má, e a mais moça é diligente e carinhosa para com todos. —Como está a tia de vm^cê.?—Está muito boa.—A mãe de vm^cê. goza de uma boa saude? — Ella imagina, que goza de uma boa saude; mas creio, que está enganada; porque ha seis mezes ella teve uma tosse muito má, da qual não se pode curar.—Este homem está zangado com vm^cê.?—Creio, que está zangado commigo, porque nunca vou vê-lo, mas não gosto de ir á sua casa, porque quando vou vê-lo, elle me mostra má cara em vez de me receber

com gosto. — Não o creia vmcê. Não está zangado com vmcê., porque elle não é tão máo, como parece. É o melhor homem do mundo, mas é preciso conhecê-lo, para aprecia-lo. — Ha uma grande differença entre vmcê. e elle; vmcê. estima tudo, elle aprecia somente o bem.

200. Duzentesimo.

Porque não bebe? — Não sei [o que devo] que beber, porque gosto de bom vinho e o seu é como vinagre. — Se quizer outro, irei á adega para lhe buscar outro. — Ha muito que vmcê. conhece meu pai? — Ha muito que o conheço, porque tomei conhecimento com elle, quando eu estava [ainda] na escola. Muitas vezes temos trabalhado um para o outro e nos amavamos como irmãos. — Eu o creio, porque se parecem um com outro. — Apreciaste este homem? — Não, não o conheço bastante para poder aprecia-lo. — Porque é que seu pai manda buscar o medico? — Está doente, e como o medico não vem, elle manda busca-lo. — Mas, meu Deos! porque chora tanto? — Os meus anneis de ouro, os meus melhores vestidos e todo o meu dinheiro me tem sido roubado; [eis a razão] é esta a razão, porque choro. — Não faça tanta bulha, porque somos nos, que lhas temos tirado todas, para lhe aprender, a guardar melhor as suas cousas e a fechar a porta do seu quarto, quando sahe. — Porque parece tão triste? — Acontecerão-me muitas desgraças. Depois de ter [tendo] perdido todo o meu dinheiro, cahi nas mãos de uns individuos de muito má traça, que me tirarão quanto tinha. — Cedeste á necessidade? — Cedi para maior desgraça minha. Porque se não o tivesse feito, teria ganhado outra vez o meu dinheiro, que perdi hontem.

201. Duzentesimo primeiro.

Pode livrar-se deste homem? — Não posso livrar-me delle de maneira nenhuma [é absolutamente impossivel que me livre delle], porque me segue, sem que o queira.

—Não perdeu o juizo?—Pode ser, que o tenha perdido. — Que pede a vmcê. ? — Quer me vender um cavallo, de que não preciso.—Seguirá o caminho da virtude?— Não, pois é muito difficil seguir o caminho da virtude. Por isso ha tantos, que seguem a estra da real do vicio. —Que não devo fazer?—Não sigas o conselho dos máos, porque os conselhos delles não te salvarão. — Devo-lhe muitas obrigações, mas não seguirei nem o conselho de vmcê., nem o dos máos. — Quem é que salvou a vmcê. das mãos destes ladrões?—Tenho sido salvo pelo auxilio destes dous soldados. Por isso devo-lhes tantas obrigações, porque sem o auxilio destes dous soldados teria sido matado [morto]. — O ecclesiastico acudiu-te? — Quantas obrigações não devo-eu a este homem! Sem a sua assistencia não estaria aonde estou agora. Os seus conselhos me tem levado ao bom caminho, que nunca mais tenho abandonado.—Qual é o homem de quem vmcê. se queixa?—É aquelle que traz uma cravata encarnada. —Uma cravata encarnada! Isto indica a corda com a qual elle será enforcado. — Sim, é verdade. Mas não enforcão os ladrões antes de te-los. — Um saloio russo, que nunca tinha visto burros, vendo uns na França, disse: „Meu Deos, que grandes lebres ha aqui!“

202. Duzentesimo segundo.

„Que differença ha entre um relogio e mim?“ perguntou uma senhora a um joven official. — „Minha senhora,“ respondeu este, um relogio indica as horas e [na visinhança] aopé de V. Exc. nos esquecemos dellas. —Quem salvou a vmcê. das mãos destes ladrões?—Quem salvou a vida ao filho de vmcê., quando cahiu no mar?— Um marujo lhe salvou a vida. Deitou-lhe uma corda.— Como tomaste conhecimento com este fidalgo? — De uma maneira muito extraordinaria. Fui passear um dia no mato, quando de repente ouvi uma voz, que gritou, que acudissem. Corri logo para o logar, donde vinha a voz, e reparei num homem, que fugia e a quem outros tres seguião. Sem perguntar de qual lado estava

o direito, corri a acudir a aquelle, que fugia. Os outros tres pararão e, vendo, que tomava na mão a minha espada, voltarão as costas é fugirão. O homem, a quem [que] tinha salvado e o fidalgo, de que vmcê. falla, são a mesma pessoa. — Aonde gosta mais de estar no mato ou no campo?—O mato tem as suas bellezas, como o campo. Quando está muito calor, gosto mais do mato, mas quando o tempo não está bonito, gosto mais do campo. — Vmcê. irá hoje á casa do senhor Torstenson? — Talvez. — E suas irmãs irão tambem? — Irão talvez. — Divertiu-se muito hontem no concerto? — Não me diverti porque houve tanta gente, que apenas se podia entrar. — Que mato tão lindo! Não acha? — Não, não acho este mato nada menos do que lindo. Podemos contar as arvores, que são verdadeiramente [com effeito] lindas. Todas as outras são muito pequenas.—O mato não é feio por isso que as arvores ainda não são muito crescidas [altas]. —

203. Duzentesimo terceiro.

Que diz vmcê.? O paiz gastará dez mil libras esterlinas! Tanto dinheiro!—Não tenha medo, minha senhora. Este dinheiro vai ser gastado em fortificar o nosso paiz. —Então o paiz está em perigo?—Pois sim, está em perigo. V. Exc. não tem lido nos jornaes as palavras: „Catilina bate ás portas de Roma?“ Então, Roma somos nós, os Portuguezes.—E Catilina quem é?—Catilina são elles, os nossos inimigos.—Pois temos inimigos, nos que a ninguem fizemos mal?—É por essa razão. Porque não fazemos mal, querem fazê-lo a nos. Todavia V. Exc. pede, que lhe conte a cousa, vou fazê-lo. V. Exc. não sabe que se vão levantar castellos, afim que possamos nos defendermos? Teremos guerra, grande guerra! Cincoenta mil homens assentarão praçá. Veja que cincoenta mil homens é um exercito, capaz de assustar toda a Russia. A conquista será muito facil, se este exercito se juntar aos cabos de policia e aos bombeiros. —E tudo isto já começou?—Porque não, minha senhora. Já mandarão para o Norte vinte e cinco cavallos para

conter o primeiro ataque dos barbaros. — Mas cá no Porto ainda não se falla nisso.—Já o farão.

204. Duzentesimo quarto.

Eu lhe trouxe alguma cousa, que vm$^{cê.}$ deseja ha muito. Quer vê-lo?—Sim, porque não mo mostrou logo? —É uma cravata de seda. Sei, que a sua velha está rota, por isso offereço-lhe uma nova. — Aceito-a com muito gosto e agradeço-lhe muito a sua bondade.—Como está vestida a irmã de vm$^{cê.}$? Naõ a reconheci no baile. —Está vestida de preto. Seu tio morreu ha tres semanas.—Que altura tem a casa do visinho?—É muito mais alta do que a minha.—Que profundidade tem o poço?—Tem sessenta varas de profundidade.—Que comprimento tem esta corda?—Tem duzentas varas de comprimento. —Que largura tem a estrada real de Lisboa a Cintra?—Tem dez varas de largura.—Que altura tem o irmão de vm$^{cê.}$?—Tem seis pés cinco pollegadas de altura.—Isto é uma bonita altura. O irmão de vm$^{cê.}$ deve ser um homem magnifico.—É verdade, que seu tio chegou?—Eu lhe asseguro, que chegou.—É verdade que el rei lhe tem promettido a sua assistencia?—Asseguro lhe, que é verdade. — É verdade, que os seis mil homens, que tem chegado, conseguirão tomar a cidade?—É verdade, conseguirão toma-la. Mas perderão muitos homens, porque o ataque durou tres dias e tres noites. Mas depois de ter tomado a cidade, saquearão-na. Cada soldado recebeu dez libras esterlinas.—Sobre que é que se disputão meu tio e o pai de vm$^{cê.}$?—Sobre umas noticias, que o tio de vm$^{cê.}$ tem lido num periodico.

205. Duzentesimo quinto.

Que succedeu? — Succedeu uma grande desgraça. Minha casa queimou enteiramente.—Não sabia absolutamente nada. — Porque é que os meus amigos partirão sem mim? — Estiverão á sua espera até ao meio dia, e vendo que vm$^{cê.}$ não vinha, partirão.—„Ha muitos sabios

em Roma, não é [assim] verdade?" perguntou Milton a um Romano.—„Não ha tantos como então [no tempo] quando V. S. estava alli", respondeu o Romano. — Podes-tu dizer-me a razão, porque ficaste cá? — Fiquei cá, porque chovia e que não o esperava.—Que é que faz o ladrão? — Dizem ordinariamente, que a occasião faz o ladrão. Mas o meu parecer é outro. A sua má natureza faz o ladrão. Porque um homem probo não furtará, nem roubará, mesmo quando a occasião for favõravel. — Como passas tu agora depois de todas as miserias, que experimentaste?—Agora passo bem. Ha tres mezes que estive pela ultima vez num estado miseravel. Não tinha senão duas libras e devia viver com isto um mez. Matei a minha sede com agua, a minha fome com pão. Todas as outras cousas erão caras demais para mim. Então aprendi como se vive aos dias.—Que razão tens de não mandar mais dinheiro a teu filho? — Não merece, que lhe mande dinheiro, porque está surdo a todos os meus rogos. Se lhe escrevo, que trabalhe mais, elle me responde sempre, que não quer trabalhar. O melhor pai não lhe mandaria mais dinheiro [estaria farto de lhe mandar dinheiro].

206. Duzentesimo sexto.

O preço do trigo sempre está o mesmo? — Não, a miseria dos saloios dobrou o preço do trigo. — Que negociante é o melhor? — Aquelle que sabe que a oportunidade dobra o valor das cousas.—Este pobre diabo é cego de nascença?—Não, o cõitado perdeu um olho na guerra contra a Hespanha. — Pois é cego de um olho somente? — Sim, vê muito bem com o outro. — Todos dizem que este homem é tão sabio. Eu não posso acha-lo!—Em terra de cegos o que tem um olho é rei. — O negociante te respondeu, quando lhe fizeste perguntas?—Não, estava surdo a todas as perguntas.—Pagaste todas as tuas dividas?—Paguei as todas, menos aquellas que não pôde pagar, porque não tenho dinheiro.—Entendo muito bem o que tu queres dizer. Não pagaste dividas

nenhumas.—Sim, paguei umas a rogo de meu pai. Mas não reparei nas supplicas dos meus credores. — Então teu pai te mandou dinheiro? — Sim, deixou-se vencer pelas minhas supplicas, e me mandou mesmo mais do que lhe pedi.—Quanto dinheiro teu pai já te mandou!— Por isso estimo-me muito ter tal pai.—Sua irmã faz progressos? — Faria progressos, se fosse mais diligente. — Fallou-lhe muito tempo? — Sim, mas a chegada de um amigo nos interrompeu. — Então, que tal acha a nova peça?—É muito bonita.—Quanto custa a vara deste panno de seda? Quero comprar um vestido, mas o preço não deve ser alto. — Então este vestido não lhe convirá, porque sahe muito caro.—Não pode rebater-me nada?— Não, não vendemos com rebate. Já temos baixado o preço para V. Exc. Não podemos fazer mais.

207. Duzentesimo septimo.

Dous rapazes de çapateiro dormião juntos na mesma cama. O mestre costumava dar uma bofetada a aquelle que dormia adiante, para que acordasse. O mais velho dos dous rapazes tendo recebido durante algumas semanas as bofetadas, pediu um dia ao outro que lhe desse o seu logar e que tomasse o primeiro logar. Este consentiu. Mas no mesmo dia o mestre disse comsigo: Ha já muito quedou [dei] bofetadas a um delles, vou mudar uma vez. O dia seguinte pela manhã chegou-se á cama e deu uma bofetada a aquelle que dormia atraz do primeiro. Este acordou e disse chorando: „Ninguem pode escapar á sua sorte.“

Queres fazer uma visita commigo?—Sim, mas peço-te, que me apresentes á gente, a quem fazes a visita.—Tens um emprego? — Sim, mas não me rende quasi nada.— Estás iniciado nos segredos do commercio? — Não, mas algumas lições iniciar-me-hão em pouco tempo. — Queres jogar uma partida çommigo?—Não, não tenho tempo.

208. Duzentesimo oitavo.

Que conselho abraçarás, o meu ou o de meu pai?— Abandonar-me-hei ao conselho de teu pai; elle me quer bem, sei-o. — Queres jogar commigo? — Uma partida de bilhar, sim, mas uma partida de xadrez, não. — Podes dizer-me, porque não sei fallar tão bem, como tu? — Vou to dizer. Fallarias tão bem, como eu, se não estivesses tão timido. — Venho desejar-lhe os bons dias. — Muito agradecido.—Pode me fazer um favor?—Sabe que faço tudo para lhe fazer um serviço [render [um] serviço]. — Preciso de dous mil libras esterlinas e peço-lhe, que mas empreste. Daqui a tres mezes render-lhos-hei. Vm$^{cê.}$ me faria um grande favor, se quizesse fazer-me este serviço.—Eu o faria com muito gosto, se podesse, mas como tenho perdido todo o meu dinheiro, é impossivel, que lhe faça este serviço.— Seu irmão está contente do dinheiro, que lhe tenho mandado?—Quanto a meu irmão, elle está contente, mas eu não estou tal; porque, como tenho naufragado, preciso do dinheiro, que vm$^{cê.}$ me deve. —Mandou servir a sopa? — Tem sido servida ha alguns minutos. — Então ha de estar fria, e não gosto senão de sopa quente. — Manda-la-hei aquecer para vm$^{cê.}$ — Vm$^{cê.}$ me fara um favor. — Posso lhe servir um pouco deste assado? — Agradeço-lhe muito, já não quero comer. — Quer deste vinho? É uma boa pinga. — Agradeço-lho muito, o medico não quer, que eu beba vinho. —

209. Duzentesimo nono.

Quando parte o correio? — Hoje mesmo, já é muito tarde; hoje já não pode mandar as suas cartas ao correio. — Que quer comprar? — Quero comprar guardanapos; quer ir commigo?—Não, não tenho tempo.— Tem feito a minha commissão?—Eu a tenho feito.—Seu irmão tem feito a commissão, que lhe tenho dado? — Elle a tem feito. — Faria uma commissão para mim? — Com muito gosto. Devo lhe tantas obrigações, que sempre executarei todas as suas commissões; pode contar commigo.—

Quando é que seu irmão se fez á vela para a America? Fez-se á vela o dia 10 do mez passado. — Quando partirá vmcê.?—Partirei o dia 20 deste mez.—Me promette de fallar com seu irmão?—Eu lho prometto; pode contar commigo. — O baile já começou? — Ainda não, ainda chegas a tempo. — O rapaz escapou ao castigo? — Não escapará, porque será punido ou seja de um modo ou do outro.—Quer vender-me este vestido por duas libras? —Não, ha de ajuntar mais uma libra.—Viste o rapaz!— Elle te fugiu a ti. — Não é preciso que fuja, estou em paz com todos os homens.—Quem quer vir commigo ao escriptorio?—Nós ambos não podemos.—Um ou outro ha de vir.—Que fruta prefere, maçãs ou peras?—Gosto mais de pecegos, porque gosto muito de fruta de caroço. — A sobre-mesa já está servida? — Ainda não, faltão ainda a fruta e o açucar.

210. Duzentesimo decimo.

Quer comprar para mim alguns covados de panno?— Não, não posso fazê-lo, não tenho bastante dinheiro. — Onde tem estado?—Tenho estado no hospital.—Quem estava alli?—O meu amigo, o medico.—Quer continuar ou não com a sua narração?—Hoje não continuarei mais. —Interromperão a sua narração?—Não uma, mas muitas vezes. — Que devo fazer para vmcê.? — O que quizer. Tirará a limpo os seus exercicios, fará outros tres, e estudará a lição seguinte.—Como faz vmcê. para ter fazendas sem dinheiro?—Compro fazendas fiadas.—Como faz sua irmã para aprender a lingua franceza sem diccionario?—Ella o faz assim.—Ella me parece muito habil. Mas como faz seu irmão? — Elle não sabe como fazer para fazê-lo. Lê e busca as palavras no diccionario. — Desta maneira pode aprender vinte annos, sem saber, como deve construir uma unica proposição. — Porque é que sua irmã abaixa os olhos?—Ella os abaixa, porque tem vergonha de não ter feito a sua lição.—Almoçaremos hoje no jardim?—O tempo está tão bonito que devemos aproveita-lo.—Que tal acha o café?—Acho-o muito bom.

— Faremos uma excursão? — Podemos aproveitar o dia de hoje ou o de amanhã. O de hontem estava bonito, por conseguinte os outros estarão tambem taes. — Teremos chuva? — Não, o tempo ficará sereno. — Porque se escondem suas irmãs? — Não se esconderião, se não tivessem medo da aia.

211. Duzentesimo undecimo.

Seu filho tem muito geito? — Tem geito para tudo; mas trabalha pouco, por isso nada lhe succede bem. — Os conselheiros já derão a sua opinião a respeito da nova casa do mestre de escola?—Ainda não, o numero dos conselheiros não é pequeno, e tantas cabeças, tantas sentenças. — Mas todos são muito expertos nas materias deste genero. — Não são inexpertos, mas todos não são do mesmo parecer. — Porque é que este homem não dá nada aos pobres?—É muito avaro, não quer abrir a sua bolsa com temor de perder o seu dinheiro.—Que tempo temos hoje? — Está muito calor, ha já muito que não tivemos chuva, parece-me que teremos uma trovoada.— Pode ser; já troveja, ouve-o?—Ouço-o, mas a trovoada ainda está muito longe.—Não tão longe, come lhe parece. Veja lá, como faz relampagos?—Meu Deos, que pancada de agua! Entremos naquella cabana! Alli teremos um abrigo contra o vento e a chuva. Não ha de chover muito tempo.—Aonde devemos agora ir com vmcê., que caminho devemos tomar?—O mais curto será o melhor. — Quem é o homem que está assentado debaixo da arvore?—Não o conheço.—Parece que quer [estar] ficar sósinho, porque se finge adormecido. — Elle faz, como a irmã de vmcê. Elle entende a lingua franceza muito bem, mas, logo que começo a lhe fallar, finge que não me entende a mim.—Fallou ao capitão?—Não o fiz, porque não o vi.

212. Duzentesimo duodecimo.

Aonde foi depois de ter acabado o seu trabalho? — Fui ao jardim e fumei um charuto. — Que disse seu pai, quando tinha acabado os seus negocios? — Não disse nada, mas sahiu do escriptorio. — Que fizeste, quando o tinhas visto? — Fui para casa. — Quem escrevia as cartas, em quanto estavas em Londres com teu irmão? — Todas as vezes que não tinha tempo, meu irmão as escrevia, e todas as vezes que elle não tinha tempo, eu as escrevia. — Porque é que os rapazes forão recompensados? — Forão recompensados, porque tinhão feito os seus trabalhos. — Porque é que as raparigas forão castigadas? — Forão castigadas, porque não tinhão aprendido de memoria a sua lição. — Queres continuar a tua narração? — Não, não a continuarei, porque sempre me interrompeis. — Te promettemos de não mais interromper-te. — Bem. Com esta condição continuarei. — Que papel faz a senhora? — Faz o papel de uma senhora, que interrompe o seu marido todas as vezes qne quer fallar. — Seu irmão já tinha visto muitas terras antes de vir a Portugal? — Sim, ja tinha visto a America. — Já tinha almoçado, quando vinha a sua casa? — Não, não sabe que o tinha convidado a almoçar commigo, que vmcê. se tinha esquecido disso, e que já tinha almoçado em casa? — É verdade. Eu me tinha esquecido de tudo isto. — Seu irmão já tinha comprado um cavallo, quando o meu lhe foi mostrado? — Não, ainda não tinha comprado cavallo, mas já tinha visto o seu e nunca tinha tido a tenção de compra-lo. — Que querias fazer, quando vieste á minha casa? — Antes de vir á tua casa, queria ir vêr minha mãe. Mas ja tinha sahido, quando vim á sua casa. — Porque não quiz comprar o jardim? — Porque já tinha comprado outro, muito mais bonito.

213. Duzentesimo decimo terceiro.

Um saloio, vendo que os velhos se servem de oculos para ler, foi-se á loja de um oculista e pediu um par. O oculista lhos deu, e lhe deu um livro, para que visse,

se os oculos lhe conviriāo. O saloio o tomou e, tendo aberto o livro, disse: „Os oculos não me convem, não são bons, quero outros.“ O oculista lhe deu um segundo par, dos melhores que tinha na loja. O nosso saloio os poz sobre o nariz. Mas, ainda não podendo ler, o [negociante] oculista lhe disse: „O! homem! parece-me, que vmcê. não sabe ler de modo nenhum?“—„Se eu soubesse ler“, replicou o saloio, „então não compraria oculos.“ —

Henrique-Quarto, encontrando-se um dia no seu palacio com um homem, que não conhecia, perguntou-lhe a quem pertencia. „Eu pertenço a mim“, disse o homem. — „Querido amigo“, respondeu el rei, „vmcê. tem um amo muito pateta.“ — Não quer contar-nos o que lhe succedeu ha pouco?—Com muito gosto, mas com a condição, que me escuteis, sem interromper-me.—Não interrompê-lo-hemos; pode contar com isso.—Estive no theatro e vi *A pintura fallante* e *A mulher chorona*. Como estas peças não me divertião muito, fui [me] ao concerto, aonde a musica era tão forte, que agora ainda tenho dôres de cabeça. Quando vi que nada me succedia bem esta noite, fui-me á cama [fui deitar-me]. — Que se tem feito de seu primo? — O pobre homem perdeu o juizo, está no hospital dos doudos. — Sinto muito não poder ir vê-lo.—Porque não pode?—Estive um dia num hospital de doudos e prometti, que nunca mais iria vêr um hospital deste genero. Porque, quando entrei, alguns doudos chegarão-se a mim, saltando e ululando.

214. Duzentesimo decimo quarto.

Que noticias traz o jornal? — As noticias que traz não são boas. As grandes chuvas afogarão as sementes e os saloios estão na maior miseria. Tem medo de morrer de fome. — Porque é que o negociante está tão melancolico?—Ninguem sabe porque. Dizem que perdeu uma grande parte da sua fortuna. Não entende nada de negocios, e assim é possivel, que se afogou em pouca agua.—Estiveste na igreja?—Podes dizer-me o que disse o ecclesiastico? — Não, não o posso. O pobre homem

cahiu doente e as palavras afogarão-se-lhe na bocca. — O meu amigo te contou a morte de seu pai? — Sim, a dôr afogou-lhe a voz. Desejo muito que se esqueça alguma cousa da sua dôr. — Porque estás rindo? — Não queres vir á janella para ver porque rio? O macaco do nosso visinho deita todo o dinheiro pela janella fóra ao velho avaro. — Afogo de rir. — Ha muita gente para apanhar o dinheiro?—Sim, até se deitão na agua, porque o macaco deita o dinheiro no rio que corre detraz do jardim.—Que dirá o avaro?—Não estará nada contente; talvez que mate o macaco.—

215. Duzentesimo decimo quinto.

Porque estás tão melancolico?—Aprendi agora mesmo [acabo de aprender], que uma das minhas melhores amigas se afogou. — Aonde se afogou ella? — Afogou-se no rio, que corre por detraz da sua casa. Hontem ás quatro horas ella levantou-se, sem dizer palavra a ninguem, saltou pela janella, que dá para o jardim, arrojou-se ao rio e afogou-se. — Tenho muita vontade de me banhar hoje.—Sabes nadar?—Sim, dei algumas lições na escola de nadadura o anno passado.—Quem estava na tua casa, quando vim [á tua casa]? — Já não o sei, ha já tanto tempo. — Quem tem contribuido mais á sua elevação ao throno? — Os soldados, e não obstante, forão elles, que trabalharão com o maior ardor a precipita-lo do throno. —Que disse Cesar, quando tinha passado o Rubicon?— Disse: „Já não tenho tempo de deliberar. Hei de vencer ou de morrer.“ — Que disse o negociante antes de se embarcar?—Disse: „Ou Cesar, ou nada. Ou voltarei rico ou nunca voltarei. Antes de voltar pobre quero morrer na terra estrangeira.—Porque não dás vinho a teu filho? —Todas as vezer que lhe dou vinho bebe demais. Por isso não lhe dou vinho hoje.—Conheces este pintor? — Sim, não trabalha muito; todas as vezes que vê uma garrafa, tem sede. — Que devo fazer para aprender depressa a lingua portugueza?—Vou lho dizer. É preciso fallar muitas vezes: mesmo se lhe custasse no principio,

continue sempre. Verá, no fim fallará portuguez com tanta facilidade como qualquer outro. — Pode me dar a certeza, que assim será? — Meu querido senhor, não posso senão assegurar-lhe que me darei toda a pena possivel para dirigi-lo.—Não julgue porque não seja julgado.—Porque vê o argueiro no olho alheio e não vê a trave no seu proprio olho?—Que é o negocio? — O negocio é a riqueza do paiz.—Has de tomar sentido de não deitar o tinteiro no papel. — Porque?—Porque has de copiar então a carta, e isto é um trabalho, de que não gostas muito.

216. Lição duzentesima decima sexta.

O conselho.

Uma viuva queria casar-se com o seu criado, chamado João, e sobre isto demandava conselho ao cura do logar.
„Eu estou ainda em idade de casar-me? lhe disse ella.
„Casai-vos“, repondeu o ecclesiastico.
„Mas dirão, que o meu futuro é muito mais moço do que eu?“
„Não vos caseis.“
„Elle me ajudará a augmentar a minha fazenda.“
„Casai-vos.“
„Mas tenho medo, que me despreze um dia!“
„Não vos caseis.“
„Mas por outro lado, desprezão tambem, e enganão por toda a maneira uma pobre viuva, que está sem apoio.“ —
„Casai-vos.“
„Eu temo sómente, que beba demais.“
„Não vos caseis.“
A pobre velha, mais incerta com estas respostas, do que de antes estava, queixou-se dellas novamente ao cura, que para decidir este caso melindroso, lhe pediu, que escutasse o que lhe dirião os sinos, que ião tocar. Ella julgou entender que lhe dizião: „Casa-te com o teu criado João“, o que ella fez immediatamente. Tendo logar de arrepender-se, se queixou outra vez ao cura,

que a tinha dirigido ao oraculo impostor dos sinos. „Vos entendestes mal“, lhe disse o bom ecclesiastico. „Escutai-os outra vez.“—Como fallão bem agora“, respondeu ella. Tem razão agora. Que não tivesse eu os ouvidos tão promptos, quando fallarão a primeira vez, e que tivesse esperado até ao dia de hoje, porque agora dizem: „Nunca vos caseis com o vosso criado João.“

O mesmo acontece a todos que buscão conselho. Só ouvem o conselho, que convem á sua inclinação e desprezão o que muitas vezes vale mais, se tem uma aversão [a] contra [tudo] o que se lhes recommenda.

217. Duzentesimo decimo septimo.

Um imperador, irritado contra o seu astrologo, lhe perguntou: „Miseravel! de que [especie] genero de morte crês tu, que morrerás?“—„Morrerei de febre“, respondeu o astrologo.—„Mentes“, disse o imperador, „morrerás de morte violenta neste momento.“—Quando ião prendê-lo, elle disse ao imperador: „Senhor, mandai, que me tomem o pulso, e acharão que estou com febre.“—Esta palavra espirituosa lhe salvou a vida.

Tenha paciencia, meu amigo, e não esteja tão triste; porque a tristeza não serve para nada e a impaciencia torna o mal em peior. Não tenha medo dos seus credores; esteja persuadido, que não lhe farão mal. Esperarão, se vm^cê. ainda não pode pagar. — Quando me pagará o que me deve?—Logo que tiver dinheiro pagar-lhe-hei tudo o que me emprestou. — Quiz pedir uma somma emprestada ao teu irmão, mas não ma deu. — Porque não?—Porque não tem dinheiro; porque se tivesse dinheiro, de certo que te tivesse emprestado a somma, que lhe tens pedido. — Que debuxa a irmã de vm^cê.? — Desenha paisagens. — Que devo fazer para ficar o seu amigo?—Faça o que quizer, nunca ficará amigo meu.— Como é que nos tornamos a vida amarga? — De muitas maneiras; o abuso dos prazeres principalmente torna a vida amarga.—Quem é infeliz?—O avaro, porque sempre pede o que nem pode, nem deve ter. — Que devemos

considerar?—Considerai o que a providencia vos deu.— Com que devemos começar, quando queremos aprender o desenho?—Não comeceis com paisagens, mas debuxeis figuras, linhas bem determinadas, como: cabeças, mãos, etc.

218. Duzentesimo decimo oitavo.

Quanto tempo ha que já está ausente? —Já ha tres annos.—Conhece a meu irmão?—Sim, conheço-o muito bem. — Porque não escreveu nem uma vez a sua irmã, em quauto vmcê. esteve na Inglaterra?—Porque?—Gosto muito desta pergunta. Escreverei a minha irmã, se de seis cartas que escrevo nenhuma tem resposta! — Mas porque não escreveste tambem nem uma vez a teu irmão? —Porque tambem elle não respondeu ás minhas cartas. Não conheço cousa mais fastidiosa do que escrever sempre cartas, sem receber jamais resposta. Uma conversação em que não falla senão um, em quanto o outro se cala obstinadamente é fastidiosa.

Qual é o titulo, que se dá a um rei?—El rei tem o titulo de Magestade.—Qual é o titulo, que tem os seus ministros?—Os ministros tem o titulo de Excellencia.— Conhece o titulo deste livro? — Não, não o conheço. — Qual é a insignia de um criado? — O receber é titulo de criado, o dar é titulo de senhor.—Os bons já são recompensados neste mundo? — Não, o agora dos bons é muito differente do depois delles, assim como o depois dos máos será differente do agora delles.—Ha um agora e um depois para Deos?—Não, para elle o antes, o agora e o depois são uma unica cousa. — Que differença ha entre um homem avaro e um economico?—O economico gasta [tanto] quanto é preciso [gastar], o avaro menos, do que é preciso; mas o extravagante gasta mais do que é preciso. — Quem preferes, um avaro ou um extravagante?—Prefiro o extravagante ao avaro. Porque aquelle deixa de ser extravagante, quando a sua fortuna está gastada, mas este nunca deixa de ser avaro. — Conheces pessoalmente este homem? — Não, não o con-

heço; eis a razão porque não quero viajar com elle. Porem a sua conducta é boa.

219. Duzentesimo decimo nono.

Porque [é que] seu pai se enfadou com vmcê.?—Não quer mandar-me mais dinheiro, porque sou extravagante. Francamente fallando, não posso gastar menos do que gasto agora. Não obstante isso tomarei a liberdade de lhe pedir, que me mande dinheiro.—Peço perdão, mas elle não o fará. Á despedida ainda me disse: Já não brindo meu filho com dinheiro. — Então meu pai perdoar-me-ha, mas não ha outro remedio senão assentar praça. Porque por mais que eu faça, é preciso que tenha dinheiro para viver. — Meu querido senhor, dar-lhe-hei um bom conselho. Não assente praça, mas procure chegar-se a seu pai de qualquer modo. Escrever-lhe-hei, ou melhor ainda, escreva-lhe vmcê. Perdoar-lhe-ha. Creia-me a mim. Será melhor do que carregar sette annos com a espingarda e ficar quasi escravo.

Não peça o que não pode ter, mas esteja contente como que a Providencia lhe tem dado, e considere, que ha muitos homens que não tem o que vmcê. tem.—Que devo fazer? —Debuxe este paisagem e depois va passear.—A vida sendo tão curta, façamo-la [tão agradavel que for possivel] a mais agradavel possivel. Mas consideremos tambem, que o abuso dos prazeres a torna desagradavel. — Está muito calor, e estou muito cansado: assentemos nos na sombra desta arvore.—Que devemos fazer para ser felizes?—Amai e praticai sempre a virtude e sereis felizes nesta vida e na outra.—Que devo fazer para ser amado? — Para ser amado has de ser trabalhador e diligente. Dizem, que tens sido preguiçoso até hoje. Emendar-te-has.

220.. Duzentesimo vigesimo.

Quanto custa este vestido, tres libras?—Não chega, custa ao menos quatro libras.—Posso entrar, meu senhor? —Entre, deponha o seu chapéo e faça como se estivesse

em casa aqui. — Permitta-me, que escreva, em quanto vmcê. lê? — Faça vmcê., como se eu não estivesse cá.— A quem pertence esta bonita rapariga? — Pertence ao nosso visinho.—Quantos annos pode ter, quatro annos?— Não chega. Tem ao menos seis annos. — Quantas varas de panno preciso?—Tres varas não chegão, porque vmcê. é muito alto. — Ha de comprar ao menos quatro varas. —Quem me protegerá?—Eu protega-lo-hei contra todos os seus inimigos. Não tenha medo.—Gosta de café?— Não, gosto mais de presunto. — Que são para o doente, o medico e o abbade? — O medico e o abbade não são nada para o doente; porque nem um, nem outro aprendem a verdade.—Porque é que a menina chora? — A coitada! Perdeu sua mãe e agora já não tem ninguem que a proteja. — A sua reflexão é muito judiciosa, com tudo não a creio verdadeira, porque sei o contrario do que dizes.

221. Duzentesimo vigesimo primeiro.

Dialogo entre um alfaiate e seu official.

Carlos, vmcê. trouxe as calças ao conde de Narisi?—Sim, senhor, eu lhas trouxe.—Que disse elle?—Não disse nada, senão que tinha muita vontade de me dar bofetadas, porque não lhas trouxe mais cedo.—Que lhe respondeu vmcê.? — „Meu senhor“, disse eu, „não sou para taes brincos. Pague-me o que me deve, e se não o faz logo, tomarei outras medidas.“ Apenas o tinha dito, que elle pegou na espada; e eu tomei as de Villa-Diogo.

222. Duzentesimo vigesimo segundo.

Que horas são? — São uma e meia. — Vmcê. diz que são uma e meia, e no meu relogio são somente meio dia e meia hora.—Está a dar duas horas; o seu relogio está atrazado.—Não, o seu está adiantado, o meu regula bem.— Veremos; asseguro-lhe, que o meu relogio regula muito bem.—Quando volta para casa?—Ao meio dia em ponto. —Então pode ir, porque está para dar horas.—Que horas são, meu relogio não regula bem. — São tres horas. —

Não pode ser; o seu relogio parou.—Tem razão; hontem esqueci-me de lhe dar corda. — Acertaste o relogio na sala? — Quiz acerta-lo, mas já não é possivel, porque ambos os ponteiros quebrarão-se quando toquei nelles.— Que fizeste hoje?—Fiz visitas de ceremonia.—Meu Deos! Na sua sociedade o tempo passa depressa!—Meu senhor, faz um comprimento, que não mereço. Por isso não lhe respondo com outro comprimento.

223. Duzentesimo vigesimo terceiro.

Porque é que esta menina casou com este velho?— Casou com elle por causa do seu dinheiro. A coitada! Não sabe o que fez. — Os teus condiscipulos trabalhão mais do que tu? — Não, trabalhão tanto, como eu. — Porque é que o official francez matou o inglez?—Porque lhe tinha assentado uma bofetada na cara. — Porque é que seu irmão deixou a rua em que habitava antes? —Deixou-a por causa da má visinhança.—Porque é que a sopa ainda não está na mesa?— Meu senhor, a culpa não é minha, se a sopa ainda não esta na mesa. — A cuzinheira a deixou cahir no chão. — A culpa é tua, tu a deixaste cahir, não foi a cuzinheira. Mas tomarei outras medidas, para que tu tomes sentido.—Prenderão o ladrão?—Não, quando quizerão pegar nelle, elle tomou as de Villa-Diogo.—De que te admiras?—Admiro-me de o vêr ainda em Lisboa. Ha um mez elle me diz que partiria.—Elle diz sempre: A Deos, á vista! e comtudo sempre torna a ficar cá.—A culpa, que elle não vai, não é minha. Desejo de todo o meu coração, que elle deixe Lisboa.

224. Duzentesimo vigesimo quarto.

Porque é que o postilhão deixou a estrada real? — Conformou-se á vontade do Senhor Conde, que estava assentado na carruagem.—Que farás tu?—Conformar-me-hei á vontade de meu pai e não á de meu tio.—Que te disse elle?—Veiu para dizer-me que meu irmão não viria. — Traga-me papel, pennas e tinta. Traga-me tambem

areia de escrever ou mataborrão e uma vela accesa. Não se esqueça do lacre. Va e diga a minha irmã, que não esteja á minha espera, e volte vmᶜᵉ· ás dez horas, para levar as minhas cartas ao correio. — Eu o farei, minha senhora. — Meu senhor, tomarei a liberdade de lhe perguntar aonde mora o conde de Lacerda? — Mora aopé do castello do outro lado do rio. — Porque é que o postilhão toma por aquella rua? — Porque esta é muito estreita; tem medo que a carruagem não possa passar. — Quer informar-se, se o beco é bastante largo para que a minha carruagem possa passar? — Já perguntei. O beco é bastante largo, mas duas carruagens não podem passar no mesmo tempo! — Então tomemos antes por aquella rua e passemos junto ao arco. — Vmᶜᵉ· tem razão, será o melhor que podemos fazer.

225. Duzentesimo vigesimo quinto.

Aonde mora o irmão de vmᶜᵉ·? — Mora aopé do arsenal, no primeiro beco á esquerda. — Aonde queres ir? — Vou subir a rua. — Então bons dias, á vista! descerei a rua. — Aonde estamos? — Chegámos á cruzilhada; vmᶜᵉ· toma pela esquerda e eu pela direita. — Adeos! — Esta casa tem muitas sahidas? — Não, tem só uma sahida. — Te tens informado, quanto ha daqui a Lisboa? — Sim, duas legoas e meia. — Muito agradecido. — Não ha de que. — O senhor conde de Ericeira está em casa? — Sim, senhor. Perguntarei, se elle o pode receber. — Tenha a bondade de annunciar o Senhor Fonseca, pintor. — Vossa Senhoria não quer esperar um pouco? Voltarei logo. — Porqne é que sua mãe está inquieta? — Está inquieta, porque não tem noticias de seu irmão que está no exercito. — Por isso não deve estar inquieta, porque o exercito chegará cá daqui a tres dias. — Anoitece; o caminho não presta para nada. Não queremos ficar cá? — Temo, que nos mettamos no atoleiro. — Não, não ficaremos cá. Temo, que nos tiremos da lama e nos mettamos no atoleiro. — Vem commigo á quinta? — Quanto ha até alli? — Ao mais duas legoas. — Meu senhor, está

enganado. Ha ao menos quatro legoas daqui á quinta. — Que lhe tem dito elle? — Elle nos tem ensinado o caminho. Quem sabe se cá estariamos, se elle não nos tivesse ensinado o caminho.

226. Duzentesimo vigesimo sexto.

Um candidato pedia um emprego a el rei da Prussia. Este principe lhe perguntou, aonde tinha nascido. „Nasci em Berlim", respondeu elle. —„ Va vmcê.!" disse o monarca, „todos os filhos de Berlim não prestão para nada." — „Peço perdão a Vossa Magestade", replicou o candidato, „ha alguns bons e eu conheço dous."—„Quem são estes dous?" perguntou el rei. — „O primeiro", replicou o candidato, „é Vossa Magestade, e eu sou o segundo." — El rei não pode deixar de rir com esta resposta e concedeu [o que se lhe tinha pedido] o requerimento. Então aonde passou a noite? — Na barraca de um saloio. Alli tive occasião de ver, quão habil seu irmão é. Uns bancos e um feixe de palha lhe servirão para fazer uma boa cama, fez um candieiro com uma garrafa; as nossas bolsas de caçadores nos servião de almofadas e as nossas cravatas de barretes de dormir. Quando acordamos o dia seguinte pela manhã, estavamos tão sãos e salvos, como se tivessemos dormido na melhor cama. — Um ladrão foi-se á uma hospedaria e furtou tres capotes. Sahindo encontrou-se com um pensionario, que tinha um linda capote bordado. Este vendo tantos capotes, perguntou ao homem, aonde os tinha tomado. O ladrão respondeu com muito socego, que pertencião a tres senhores da casa, que lhos tinhão dado, para que os lavasse. „Então lave tambem o meu, pois precisa lavado", disse o pensionario; „mas", ajuntou elle, „ha de mo trazer de volta ás trez horas." — „Não faltarei", respondeu o ladrão, levando os tres capotes, que ainda não aparecerão.

227. Duzentesimo vigesimo septimo.

Como [se] tratão os principes? — Dão lhes o titulo [tratão-nos por]: Alteza real e aos seus ministros: Vossa Excellencia. — Como tratão as senhoras em Portugal?— Tratão-nas ordinariamente por Vossa Excellencia.—Que tal acha este assado? — Acho-o muito saboroso e todos são do meu parecer. — Não coma laranjas! O medico não lhe deu licença.—Quem me impedirá de comer laranjas?—Vm^cê. é o medico de meu irmão?—Não. Elle tem um medico portuguez. — Cada qual ao seu gôsto, disse um pateta, e deitou vinho na cerveja. — Conhece este cortezão?—Sim, é um grande fallador, alem disso é homem de bem.—Podemos obter delle dinheiro? Não se pode obter delle dinheiro.—É absolutamente impossivel de o fazer pagar.—Supponho que não tem dinheiro.—Sim, tem dinheiro, mas infelizmente gosta muito de jogar e é infeliz no jogo. Quem lhe dá dinheiro sempre se expõe ao perigo de perdê-lo.—Ha já muito que supponho tal.—Quando parte vm^cê.?—Logo que a peça fôr acabada.—Elle fica com muito dinheiro? — Pagadas as dividas, já não terá muito. — Quando voltou o medico?—Passados alguns dias, voltou. —Quando partirão os negociantes?—Chegados os navios, os negociantes forão a bordo e fallarão com os capitães.

228. Duzentesimo vigesimo octavo.

Uma cidade muito pobre fez gastos consideraveis em festas e illuminações, quando o seu principe passou. Este admirou-se disto.—„Não fez mais, do que se deve a Vossa Magestade“, disse um cortezão. — „É verdade“, replicou outro, „mas deve tudo o que fez.“ — Os Biscainhos são excellentes jogadores de pellota.—Os dous jogadores de xadrez erão muito destros.—Conhece um flaulista ou um rebequista?—Conheço um bom flautista, mas não conheço rebequista. Com que intento pergunta vm^cê.? — Porque tenho tenção de arranjar [organisar] um pequeno serão musical.—Com quem toca piano?—Com minha irmã. Meu irmão, que toca rebeca, nos acompanha. — Aonde tocão

vm^{cês} ? — Tocamos algumas vezes na grande sala do castello, outras no meu quarto, e muitas vezes no de minha irmã.—Sua irmã não toca tambem outros instrumentos? — Ella sabe acompanhar com a harpa. — Os Biscainhos são homens orgulhosos?—Uns sim, outros não. — O negociaute tem muitos gastos miudos? — Os seus gastos geralmente não consistem senão em gastos miudos. Porque não paga os outros gastos. — Teremos illuminação esta noite? — Não sei, fallou-se de uma representação, talvez que haja tambem uma illuminação para celebrar a chegada del rei.

229. Duzentesimo vigesimo nono.

Vm^{cê} fez a sua composição hespanhola?— [Eu a fiz] Fi-la. — O seu mestre esteve contente?—Não esteve tal. Debalde eu o faço tão bem como posso, não posso fazer nada ao seu gosto.—Pode emprestar sem incommodar-se trezentas libras para mim?—Como vm^{cê} me tem sempre bem tratado [tendo-me sempre bem tratado] eu trata-lo-hei da mesma maneira. Emprestar-lhe-hei o dinheiro, de que precisa, mas com a condição, que vm^{cê} render-mo-ha a semana que vem. — Pode contar com isso. — Que lhe communicou meu filho!—Deu-me parte da chegada de um navio inglez. — Já está commodamente na sua nova casa?—Ainda não estou commodamente estabelecido. — Gosta da conducta de meu filho? — Sim e estará tambem contente de mim: a minha conducta não é senão o echo da sua.—Porque differiste este negocio? — Não sei porque, pois agora vejo: Differindo nada se ganha.—Vais para casa?—Sim. Darei a teu pai os bons dias da tua parte? — Sim, encommenda-me ao pai. — É obrigação saudar el rei?—Sim, o subdito deve saudar el rei.—Quanto tempo é que se demorou na Inglaterra?— Tanto tempo que as minhas occupações mo permittião. Então voltei.—Nada o deteve alli?—Quem devia reter-me alli?—Não tenho amigos na Inglaterra.

230. Duzentesimo trigesimo.

Quer ter commigo de passagem? — Não, tenho um negocio urgente: não posso demorar-me. O meu correio ainda não está despachado. Até ás tres horas cada minuto é precioso para mim. — Seu pai morreu? — Sim, a sua morte é uma perda irreparavel para toda a sua familia. — Já tens noticias de teu irmão? — Não, estou á sua espera com [impaciencia] ancia. A sua chegada e para mim da maior importancia, porque quero acabar com elle um negocio muito importante. — Em que consiste elle? — Isto não se diz a cada pateta na rua. — Quando voltará seu pai? — O anno que vem elle deve voltar. — Já tem noticias delle? — Sim, já escreveu uma vez. — Como acha esta composição? — Não é má, mas podia ser melhor. Quer almoçar commigo? — Não, meu senhor. Não se incommode, já almoçei.

231. Duzentesimo trigesimo primeiro.

Porque tem pregado uma peça a este homem? — Porque acha que censurar em quanto vê. — Que quer dizer isto, meu senhor? — Quer dizer, meu senhor, que não quero tratar com vmcê., porque vmcê. é muito estranho. — Admiro-me [de ver], que seu irmão não tem feito a sua lição. — Era difficil demais. Trabalhou toda a noite e não pode fazer a lição, porque não a alcançou com as suas forças. — Logo que o tio de vmcê. me vê, começa a fallar a lingua ingleza, para exercer-se, e me prodiga comprimentos, de maneira que muitas vezes não sei o que lhe devo responder. Seu irmão faz o mesmo. Não obstante isso é gente muito boa. Não sómente são ricos, mas tambem amaveis e por conseguinte nunca direi cousa alguma em prejuizo delles. Ainda gostaria mais delles, se não fizessem tantas ceremonias. Mas todos tem os seus defeitos e meu defeito é que não posso aturar as ceremonias.

232. Duzentesimo trigesimo segundo.

Como se aprende a viver?—Considerando o passado, reparando no presente e não se importando com o futuro. — Ai de mim! se isto é verdade nunca aprenderei a viver, porque o futuro muitas vezes me dá [faz] muitos cuidados.—Os inimigos renderão-se?—Não se renderão, porque não preferirão a vida á morte. Muito tempo não tinhão nem pão, nem carne, nem agua, nem armas, nem dinheiro; com tudo determinarão-se a morrer antes que render-se. — Porque não queres communicar com este homem? — Porque me tem pregado uma peça, de que nunca esquecer-me-hei. —Isto é estranho, não alcanço a entendê-lo; porque nunca me tem pregado peça a mim. Julgava que era homem de curtos alcances.—Não o creia vmcê.! Elle não é homem de curtos alcances.—O negociante é sincero? — Este é o seu maior defeito: não é sincero. É caritativo, generoso, de uma cortezia de que vmcê. não se faz ideia, mas tudo isto em prejuizo daquelles, que lhe comprão as suas fazendas. Não gosto das muitas ceremonias; são os socios inseparaveis de um homem vil.—Pudeste dormir esta noite?—Não, estive acordado toda a noite. — Porque velaste? — Porque tive dôres de cabeça.

233. Duzentesimo trigesimo terceiro.

Dizem: O contento mais vale do que as riquezas. Pois estejamos sempre contentes.—Conhece o emblema da innocencia?—Sim, é o lirio no campo. É ao mesmo tempo o emblema da brandura.—Vejão, minhas senhoras' as lindas flores com as suas côres frescas e brilhantes' O lirio branco tem a côr da innocencia, a violeta indica a brandura; pode vêr isto nos olhos de Amelia. A orelha de rato tem a côr do ceo, a nossa [domicilio] morada futura, e a rosa, a rainha das flores, é o emblema da belleza e do prazer. Vem tudo isso personificado na linda Luiza. Quão lindo é o fresco verdor! É agradavel aos olhos e tem a côr da esperança a nossa mais

fiel amiga, que não nos deixa nunca, nem no momento da morte.—O vinho alegra o coração do homem.

234. Duzentesimo trigesimo quarto.

Sua irmã sahiu hoje?—Sahiu para comprar diversas cousas.—Que comprou ella?—Comprou um vestido de seda, um barrete de velludo e um veo de renda.—Que tem feito do meu pichel de prata?—Está na mesa com a azeiteira, a leiteira, a mostardeira e o moinho de café. — Quer uma garrafa para vinho? — Não, quero uma garrafa de vinho e não uma garrafa para vinho. — Se vmcê. tivesse a bondade de me dar a chave da adega, iria a buscar vinho.—Que quer de mim este homem?—Não pede [exige] nada, mas aceitará o que lhe der, porque tem falta de tudo. — Dir-lhe-hei, que não o quero, porque a sua conducta me determinou a suspeita-lo. Tudo quanto diz e faz é exagerado. — Faz mal de ter tão má opinião delle, pois elle lhe tem servido de pai.—Sei o que digo. — Elle me tem enganado de todas as maneiras e todas as vezes que vem vêr-me, elle me pede alguma cousa. Desta maneira elle me pediu emprestado tudo, a minha cana, a minha nassa, o meu anzol. — Que deseja vmcê.? Quando vou a uma hospedaria, não desejo, mas exijo. Traga-me um pichel de vinho e volte logo. — Queres me dar [trocar] a tua espingarda pela minha?—Isto seria dar bilha de azeite por bilha de leite.

235. Duzentesimo trigesimo quinto.

Tem visto a sobrinha de vmcê.?—Sim; é uma rapariga diligente, que escreve muito bem a lingua hespanhola e ainda a falla melhor. Por isso todos amão-na e honrão-na.—E o irmão delle, que está fazendo?—Não me falle deste rapaz preguiçoso. Elle é grande amigo de golodices, mas não de livros. As vezes vai á cama no meio do dia e faz, como se estivesse doente; mas quando nos assentamos á mesa ordinariamente vai melhor. Deve estudar a chimica, mas não tem nem a menor vontade.

Quasi sempre falla dos seus cães, dos quaes está apaixonado. Seu pai o sente muito. O tontinho disse ha pouco a sua irmã: Assentarei praça, logo que a paz for publicada. — Meus parentes tem jantado hontem com alguns amigos na hospedaria do rei da Hespanha. — Porque falla sempre allemão e nunca portuguez?—Porque estou muito timido.—Vmcê. zomba, um Allemão nunca é timido.— Dou lhe a minha palavra de honra, que assim é. — Aonde tens-tu o teu relogio? — Eu o tenho empenhado.—Como se chama esta hospedaria?—Tem por taboleta uma tulipa.— Qual é a tua opinião a respeito da guerra entre a Hespanha e o Marocco?—Os Hespanhões vencerão.—Que tem o teu rapaz?—Está atormentado de dôres de dentes. Não pôde fechar os olhos toda a noite. — Coitado!

236. Duzentesimo trigesimo sexto.

Quer contar alguma cousa?—Que quer que lhe conte? —Uma pequena anecdota, faz favor.—Um menino estava assentado uma vez á mesa e pediu um pouco de carne. Seu pai lhe disse, que não era conveniente [cortez], que pedisse alguma cousa e que devia esperar, até que lho dessem. O pobre menino, vendo que todos comião e que não lhe davão nada, disse a seu pai: „Querido paisinho, faz favor de me dar um pouco de sal.“ — „Que queres-tu fazer com o sal?“ perguntou o pai. — „Vou deita-lo na carne, que me der“, respondeu o menino. — Todos admirarão o juizo do rapazinho, e seu pai, vendo que não tinha nada, lhe deu carne, sem que elle pedisse tal. — Diga ao criado, que ponha a sopa na mesa. — Já quer pôr-se á mesa?—Sim, meus irmãos já estão a jantar.—Mandei-lhe as suas cartas ao correio com as minhas. — Sou lhe muito obrigado. — Quer que lhe conte ainda uma anecdota?—Vmcê. obrigar-me-ha muito.—Algum tendo comprado algumas fazendas a um tendeiro lhe disse: „Vmcê. pede demais, não devia vender-me a mim tão caro como a outro, pois sou um amigo.“ — O tendeiro

replicou: „Senhor, devemos ganhar com os nossos amigos, pois os nossos inimigos nunca virão na loja.“

237. Duzentesimo trigesimo septimo.

Um joven principe, que ainda não tinha sette annos, foi admirado [por] de todos por causa da sua intelligencia. Vendo-se um dia na companhia de um velho official, este observou, fallando do joven principe, que todas as vezes que os meninos patenteavão tanta intelligencia nos seus tenros annos, ordinariamente se apatetavão, quando chegavão á idade madura.—„Se isto [por ascaso] acontecer“, disse o joven principe, que o tinha ouvido „então vos deveis ter sido muito notavel pela vossa intelligencia, quando erais pequeno.

Um Inglez encontrou na sua primeira viagem para a França nas ruas de Calais a um pequenino, que fallava correntemente e com elegancia a lingua franceza.—„Santo Deos!“ exclamou elle, „é possivel que até os pequeninos alli fallem puramente a lingua franceza.

Solicitemos a amizade dos bons e evitemos a companhia dos máos, pois a má companhia corrompe os bons costumes.— Que tempo faz hoje? — Neva continuamente como nevou hontem, e segundo todas as apparencias nevará tambem amanhã. — Que neve! Gostaria de vêr que nevasse mais ainda; porque então poderia ficar em casa. — Em que consiste o bom uso das riquezas? —Não lho posso dizer, não tenho riquezas. Pergunte vm^cê. ao seu visinho, elle o saberá.

238. Duzentesimo trigesimo octavo.

Mr. de Turenne nunca quiz comprar cousa alguma fiada dos capellistas, com temor, disse elle, que perdessem uma grande parte, se acontecesse, que fosse morto. Todos os operarios, que estavão occupados na sua casa, tinhão ordem de apresentar as suas contas, antes que elle sahisse á campanha e forão pagos todos.—Nunca será estimado, se não deixa a má companhia, que tem.—Não pode aca-

bar o seu trabalho esta noite, a menos que lhe acuda. Explicar-lhe-hei todas as difficuldades, para que não se desanime.—Supponhamos, que perca os seus amigos, que seria de vm$^{cê.}$? Caso que [tiver precisão] precisar de meu soccorro, chame por mim, acudir-lhe-hei.— Quantos operarios emprega seu tio?—Emprega mais operarios do que vm$^{cê.}$—Traga este dinheiro ao senhor Fonseca, afim que possa pagar as suas dividas. — Quer emprestar-me este dinheiro?—Não emprestar-lho-hei, a menos que me prometta de mo render, logo que poder. — Chegou o general? — Sim, estava muito cansado, quando chegou; mas chegou ainda a tempo e logo deu as suas ordens que começassem o combate, ainda que não tivesse todas as suas tropas. — Suas irmãs são felizes? — Não o são, posto que sejão ricas, porque não são contentes.— Quer emprestar-me a sua rebeca?—Emprestar-lha-hei, com tal que me a renda esta noite.—Sua mãe virá á minha casa? —Virá, se vm$^{cê.}$ lhe prometter de a levar ao concerto.— Não deixarei de importuna-la, até que me tenha perdoado. — Dê-me aquelle canivete. — Dar-lho-hei, com tal que não faça máo uso delle. — Vm$^{cê.}$ irá a Londres? — Irei, se vm$^{cê.}$ me acompanhar, e escreverei outra vez ao irmão de vm$^{cê.}$, caso que elle não tivesse recebido a minha carta.

239. Duzentesimo trigesimo nono.

Aonde estava vm$^{cê.}$ durante a acção? — Estava na cama, para que curassem as minhas feridas. Oxalá, que tivesse estado alli! Teria vencido ou teria sido morto.— Evitamos o combate, temendo que fossemos presos, por serem as forças delles iguaes ás nossas.—Deos não permitta, que não esteja contente da conducta de vm$^{cê.}$; mas os seus negocios nunca serão feitos, como convem, se vm$^{cê.}$ não os fizer em propria pessoa [se vm$^{cê.}$ mesmo não os fizer]. — Sahirá logo? — Não sahirei, antes que tenha [antes de ter] comido.—Porque me tem dito, que meu pai tem chegado, posto que vm$^{cê.}$ soubesse o contrario?—Vm$^{cê.}$ é tão violento que logo se encoleriza [se

zanga], por pouco que o contradição. Se seu pai hoje não vier e que vmcê. tiver precisão de dinheiro emprestar-lhe-hei duas libras.—[Agradeço-lhe muito.] Muito agradecido.—Acabou o seu trabalho?—Não enteiramento. Se tivesse tido o tempo e se não tivesse sido tão inquieto por causa da chegada de meu pai, eu o teria acabado.—Se vmcê. estudar e for attento, asseguro-lhe, que aprenderá a lingua hespanhola daqui a pouco.—Quem quizer ensinar uma arte, deve sabê-la a fundo; dará della só as regras mais claras e mais comprehensivas e as infundirá pouco a pouco na mente dos seus discipulos, e ante todas as cousas, não sobrecarregará, nem opprimirá a memoria delles com regras futeis e inuteis.—Porque é que sua irmã não falla?—Fallaria, se não fosse quasi sempre distrahida.—Eu gosto das bonitas anecdotas; sazonão a conversação e entretem todos. Faça-me o favor de me procurar um dos numeros do Espectador e achará muitas.

240. Duzentesimo quarentesimo.

É preciso, que desempenhemos o promettido? — É preciso, que o desempenhem. Pois que diria a gente, se vmcê. não o desempenhasse?—Oxalá que a gente não fosse tão instruida de quanto faço e prometto.—Não creia, minha senhora, que eu tenha tido os seus leques. — Quem lhe diz que o creio? — Quem tem a minha caixa de rapé?—A sua caixa de prata? Oxalá que não a tenha perdido. — Estás contente? — O jantar é bom, mas em quanto ao mais não posso senão queixar-me. Se quizesse criticar tudo, não acabaria até amanhã. — Tem muitos leques? — Tenho um por cada dia do anno. — Ha uma differença entre os poderosos e os vis? — Os poderosos desejão-no, mas a morte os faz todos iguaes. Pois os poderosos morrem o mesmo que os vis.—Este homem é rico?—Por mais rico que seja, não me obrigará a entrar no numero dos seus aduladores. — Este homem parece muito pateta, e será tal com effeito?—Por mais pateta que pareça, com tudo faz bem os seus negocios.—O seu amigo

é muito instruido? — Por mais instruido que seja, comtudo ha pessoas que ainda são muito mais instruidas do que elle.—A morte faz uma differença entre as pessoas? — Não, ninguem escapa á morte, seja quem for. — Em que se occupa vmcê. ? — Não posso dizê-lo. — Seja qual for a tua occupação, se cumpres com o teu dever, basta. —Vmcê. crê isto? — Sim, porque honro um çapateiro, se é fiel ao seu dever.

241. Duzentesimo quarentesimo primeiro.

Qual deve ser o sentimento de um bom subdito? — Deve cumprir os seus deveres para com el rei, mas nunca deve adular; porque isto não convem ao homem, cujos pensamentos são nobres, e não dá gosto a el rei, que honra os seus subditos. — Succeda o que succeda, cumprirei com o meu dever.—Tens muitos inimigos?—Sejão quaes forem, não tenho medo delles.—Que tal lhe parece a nova lei? — Ainda não a conheço. Porem seja qual for, cumprirei com ella exactamente.—O criminoso tem sido senténciado? — Sim, tem sido sentenciado á morte. O pobre diabo já não tem tempo de emendar-se.—Isto é a razão ordinaria, que allegão contra os juizes, quando sentencião á morte um criminoso. Mas os criminosos são culpaveis e por conseguinte hão de ser castigados, sejão quaes forem as razões, que se allegão contra. E por si mesmo um criminoso não pode ser escusado. — O juiz eterno pensa differentemente; elle não quer a morte do criminoso, mas quer, que viva e que se emende.— Mas porque ha tanta gente então, que murmura contra a Providencia, que, qualquer cousa que lhes succeda, dizem logo: „É a Providencia, que nos manda este mal.“ —Meu senhor, se houvesse de defender todas as loucuras dos homens, nunca acabaria. Basta-me ter dito a minha opinião. Quanto ao mais, que cada qual defenda a sua opinião!—Que lhe escreve o seu socio?—Leia vmcê.: Sahirá [daqui a] [dentro de pouco] com brevidade o navio: Providencia, capitão: Barros. — Dentro de tres dias irá á praça uma casa, situada na rua de S. João

No. 30, com jardim, cavalhariça e seis cavallos. Quem quizer compra-la dirija-se ao Senhor Santos, que lhe dirá as condições, e dar-lhe-ha todas as noticias, que quizer.

242. Duzentesimo quadragesimo segundo.

Aonde gostaria mais de viver [morar], nas Antilhas ou na Europa?—Cada terra tem os seus amigos. Tenho tenção de ir ás Antilhas este hinverno; quando voltar, dir-lhe-hei, de que terra gosto mais. Até agora não lhe posso dizer nada. — Que vento temos, Leste ou vento de Oeste?—Nem um nem outro. O vento vem do Norte. – Aonde está mais calor, aopé do polo do Norte ou aopé do polo do Sul?—Não sei. Uns dizem que o maior frio se encontra ao Norte da Islanda; outros pretendem o contrario. Quem terá razão? — Quando é que seu irmão partirá? — Já partiu. Não se despediu de vm^cê. antes disto? — Não, não o fez. — Então esqueceu-se de fazê-lo. Porque antes [que partisse] de partir, ainda me disse: Vou despedir-me do Senhor Pinto Bastos. Devo-lhe muitas obrigações, porque estava sempre muito amavel a meu respeito.—Como se chamão os paizes ao Este da Europa?—Polonia e Russia.—Quaes são as maiores montanhas da Europa? — Os Alpes e os Pyrineos. — Quaes são as qualidades mais apreciaveis de uma rapariga?—A modestia e o candor; sem ellas todas as outras qualidades não prestão para nada. São a coroa de uma rapariga e ao mesmo tempo o melhor dote.

243. Duzentesimo quadragesimo terceiro.

O temor da morte e o amor da vida sendo naturaes aos homens, deverião sempre evitar o vicio e seguir a virtude.—Não obstante que o uso do vinho seja prohibido aos Turcos, com tudo não deixão de bebê-lo.—Seu irmão comeu alguma cousa hoje pela manhã?—Comeu muito. Ainda que tivesse dito, que não tivesse vontade de comer, com tudo não deixou de engulir toda a carne, todo o pão e todas as hortaliças, e de chupar todo o vinho e

toda a cerveja. — Os ovos são caros agora? — Vendem-se a doze vintens a duzia.—Gosta de uvas?—Não gosto sómente de uvas, mas tambem de ameixas, de amendoas, de nozes e de todas as especies de fruta. — Vmcê. bebe um copinho de vinho?—Com muito gosto; o caso é se é bom.—Venha commigo ao jardim de minha mãe; alli acharemos boa companhia. — Muito bem, mas o caso é, se aquella companhia me quizer admittir.—Vmcê. é bem recebido em toda parte.—Não quer mais um copinho de vinho?—Não, conheço a minha constituição. Seria aturdido.—Já pareces um cadaver.

244. Duzentesimo quadragesimo quarto.

De que paiz é vmcê.? — Sou Americano. — Falla tão bem a lingua portugueza, que o tomei por um Portuguez de nação. — Vmcê. está zombando. — Peço perdão, não estou zombando. — Quanto tempo esteve em Portugal? — Só alguns dias. — De veras? — Duvida talvez, porque fallo portuguez. Já o soube antes de ir a Portugal. — Como é que o aprendeu tão bem? — Fi-lo como o estorninho sagaz. — Diga-me porque vmcê. está sempre em discordia com a sua mulher e porque se mette em máos negocios? Custa tanto ter uma boa posição, e vmcê. tem uma boa posicão e a neglige. Não pensa no futuro?—Permitta me, que eu de minha parte lhe falle. Tudo o que vmcê. tem dito parece razoavel, mas a culpa não é minha, se tenho perdido a minha [boa] reputação; a culpa é de minha mulher. Ella vendeu todos os meus melhores vestidos, os meus anneis e o meu relogio de ouro. Tenho dividas em grande quantitade e não sei que fazer. — Não quero desculpar a sua mulher, mas sei que vmcê. tambem contribuiu á sua ruina. As mulheres geralmente são boas, se as deixamos ser taes. Mas ordinariamente são os homens que as zangão.

245. Duzentesimo quadragesimo quinto.

Dialogo.

O mestre. Se houvesse de lhe fazer qualquer pergunta do genero daquellas que lhe fiz ao principio des-

tas lições, por exemplo: Tenho eu fome? Tem elle a arvore do jardim de meu irmão? etc.— que responderia?

O discipulo. Nos vemos obrigados a confessar, que ao principio achavamos ridiculas estas perguntas; mas confiados no seu methodo, respondiamos a ellas tão bem, como a pequena quantidade de palavras e de regras, que então possuiamos, nolo permittia. Mas não durou muito, descubrimos, que estas perguntas estavão calculadas para nos inculcar as regras e para nos exercer na conversação por meio das respostas, que estavamos obrigados a dar. Mas agora que quasi podemos manter uma conversação na linda lingua que vmcê. nos ensina, responderiamos: que nos é impossivel saber, se vmcê. tem fome ou não. Quanto á segunda pergunta, diriamos: Não houve mais do que uma arvore no jardim de seu irmão? — Mas se vmcê. nos perguntasse: Vmcê. tem o chapéo, que meu irmão tem? responderiamos: Esta expressão não nos parece logicamente correcta, porque duas pessoas não podem ter uma mesma e unica cousa. Em todo caso seriamos ingratos, se deixassemos escapar uma tal occasião para lhe expressar a nossa mais viva gratidão pela pena, que tomou. Pela ordem das combinações nós nos temos inculcado quasi imperceptivelmente as regras e nos temos exercido na conversação da lingua, que ao principio nos offereceu difficuldades quasi insuperaveis.

246. Duzentesimo quadragesimo sexto.

É permittido convidar á dança sua irmã?—Pode convida-la, mas não o permitto ao irmão de vmcê. — Vmcê. está convidado a almoçar commigo.—Tem o meu prato favorito, feijões pretos?—Va á fava com o prato favorito! Isto é bom para a tripulação de um navio.— Asseguro-lhe, para mim não ha nada melhor do que feijões pretos. —Por mim, não ha nada como um copo de vinho. Por um copo de vinho peregrinaria daqui até á minha adega. — Vmcê. está zombando. Va á fava com as suas fatuidades.—Já tem lido nos periodicos a relação sobre a ultima tormenta?—Não, estou na maior ignorancia a este

respeito. Que aconteceu?—Meu irmão naufragou na viagem para a America. Estando no alto mar uma tempestade se levantou. Um raio cahiu sobre o barco e o incendiou. A tripulação saltou [arrojou-se] ao mar, afim de salvar-se a nado. Meu irmão não sabia que fazer, porque nunca tinha aprendido a nadar. Debalde estava reflectindo; via que não achava meio para salvar a sua vida. Ficou espantado, quando via, que o fogo ia-se extendindo por todos os lados. Então não hesitou mais e arrojou-se ao mar. Desta maneira salvou-se; porque um navio inglez o recebeu a bordo.

247. Duzentesimo quadragesimo septimo.

Que esquadra cruza no mar mediterraneo? — A esquadra ingleza, que volta do mar caspio. — Tens visto como este cavalleiro deixou as redeas ao cavallo?—Sim, e estive muito admirado, porque o cavallo não parece ser para brincos. — Que lhe annuncia seu irmão? — Elle me escreve, que está para casar com uma joven senhora, que lhe traz cem mil libras esterlinas.—Então ha de ser muito feia?—Pelo contrario, é linda como um anjo, e um primor de arte da natureza. A sua physionomia é sympathica e cheia de expressão, o seu talhe esbelto e cheio de graça, as suas mãos [finas] delgadas, as suas maneiras femininas, inspira respeito a todos que a conhecem. —Diga-me pois, de que terra é ella? — É Americana. — Já a tens visto?—Ainda não; porque me perguntas isto? —Porque a tua narração era tão ardente.—Que vento assopra hoje, o vento do Norte ou o vento do Sul? — Sinto o assopro ardente do vento do Sul. — Quem é que o senado da cidade cumprimenta hoje? — Comprimenta os deputados del rei. — Gostaria de ouvir o discurso do presidente. Ha de ser um primor de arte.

248. Duzentesimo quadragesimo oitavo.

É proprio dos homens grandes serem parcos e mui temperados nas comidas: o homem que faz do seu ventre o seu Deos vive só para si e para o luxo; e o homem sobrio vive com seus similhantes e de bom grado lhes consagra o que comsigo economisa; tendo alem disso a grande vantagem de conservar vigorosas as suas forças, e podê-las empregar com môr proveito no desempenho do ministerio a que é consagrado.

Nuno Alvares Pereira sendo tão valente, tão soldado, era comtudo pouco acautelado nas suas comidas: quando andava nas campanhas do Alemtejo, como o paiz estivesse todo devastado, chegou a haver grande escassez de quasi tudo o necessario, mas elle era quem menos o sentia, e se era necessario até se privava do pão para o dar ao soldado que via mais necessitado. Estando elle um dia para jantar com os da sua comitativa, chegarão cinco officiaes inglezes, que com as suas companhias erão aventureiros em Portugal, e como se queixassem da falta que havia de mantimentos, convideu-os logo o condestavel para comerem com elle: elles escusarão-se: não tinha então o condestavel mais de seis pães, obrigou-os a toma-los, o que elles fizerão, comendo-os logo, mesmo de pé pela grande pressa que levavão; e o condestavel não comeu senão algumas viandas mal cosinhadas sem pão, e disse com satisfação: „Nunca comi guizado mais do meu gosto.“

249. Duzentesimo quadragesimo nono.

Havendo alguns annos que a imperatriz D. Leonor, filha de el rei D. Duarte de Portugal, era casada com o imperador Frederico III sem ter delle filhos, aconselharão-lhe os medicos que usasse de vinho, para lograr a desejada fecundidade. Ao que ella respondeu com graciosa modestia: „Oh! que parecerá beber sendo eu mulher e portugueza, não bebendo o imperador sendo homem e allemão!

D. Fr. Bartholomeu dos Martyres era tão amigo de temperança na comida que o maior desgosto que se lhe podia dar era porem-lhe na mesa muitas iguarias, affrontava-se, gemia, não comia; e pelo contrario entrando em parte, onde acertava achar falta, ou aperto, alli comia de boa vontade, e notavelmente se lhe enxergava achar gosto e sabor no que lhe davão.

Indo um dia em visita não se achou um pão de trigo para a sua mesa, havendo abandancia de tudo o mais, pediu que lhe trouxessem uma boroa, assim chamão por aquellas partes um pão de milho, e não só comeu della, mas serviu-lhe de salsa e apetite para comer bem do mais, confessando que só nella achára gosto, por ser mantimento de pobres, grosseiro e não mimoso.

250. Duzentesimo quinquagesimo.

O imperador Antonino Pio, primeiro do nome, amou sua mulher Faustina com tanta fé e lealdade os dias de sua vida, que, depois de sua morte, não esquecido do antigo, a quiz honrar, fazendo-lhe muitas honras na sepultura em que jazia; e, para justificar seu verdadeiro amor, levantou-lhe estatuas e imagens de sua figura, em que dispendeu grande somma de dinheiro.

Em môr gráu sublimou el rei D. Pedro o Cru os quilates de amor, fé e lealdade, que teve a D. Ignez de Castro, morta cruelmente por el rei D. Affonso IV, por dizerem ser amiga do infante D. Pedro, o qual a amou em tanto extremo, que por nôjo de sua crua morte cuidarão perdesse o siso. E logo qu, por morte dél rei D. Affonso seu pai, tomou posse do reino, procurou vingar [como vingou] sua morte nos que nella erão culpados: e a formosa D. Ignez, quatro annos depois de reinar, confessou publicamente ser sua mulher, e os filhos, que della tinha, legitimos e mandou que por taes fossem tidos e havidos, e ella venerada como rainha, cujos ossos fez trasladar do mosteiro de Sancta Clara de Coimbra ao rêal de Alcobaça, com o maior apparato e pompa, que em similhante caso se viu.

Os quaes mandou levar por entre muitos mil homens, que em caminho de dezasete legoas estavão com tochas e cirios accesos, de uma e de outra parte, nas mãos, e lhe fez muitas honras, com que foi sepultada em um grande e sumptuosissimo monumento de alabastro, com o vulto e figura de D. Ignez de Castro, da mesma pedra artificiosamente lavrada, com sua corôa na cabeça como rainha, que elle mandou fazer, qual Antonino Pio, porque todos soubessem, que elle o fôra: juncto da qual foi sepultado depois el rei D. Pedro em outro similhante monumento, que alli mandou fazer.

251. Duzentesimo quinquagesimo primeiro.

Sahindo um dia de seu palacio o imperador Octavio Augusto, estava-o esperando um poeta grego, e lhe offereceu um epigramma em seu louvor. Pareceu-lhe ao Cesar — que bastava pagar versos com versos e assim mandou-lhe no seguinte dia outro epigramma. Louvou o Grego com a voz e com o gesto a musa Augusta, e logo mettendo a mão no seu pobre bolsinho, lhe deu com grande submissão uma moeda de pouco valor, dizendo: Não dou, o Cesar, conforme a vossa grande fortuna, senão conforme minha curta possibilidade. — Como o quinau foi tão claro e publico, celebrou-se com riso dos circumstantes. E o Cesar dissimulando a desconfiança, e parecendo-lhe que ainda era tempo de fazer papel de imperador, como o fizera de poeta, chamou o seu thesoureiro, e lhe ordenou, dêsse ao Grego cem mil sestercios, recompensando na dadiva o tardio com o grandioso.

252. Duzentesimo quinquagesimo segundo.

Luiz XIV, rei de França, prepassando por uma humilde casa dos suburbios d'uma cidade, ouviu um homem estar dando uma descompostura tremenda a certa mulher. Beautru, que acompanhava o rei, julgou lisongea-lo muito interrompendo o mesquinho e talvez bacchante orador e

lhe disse: „Que preço tem os burros na sua terra?“ — O tal orador fixou Beautru e respondeu-lhe: „Os da sua casta custão dez escudos“ — e logo atou o fio quebrado da arenga tediosa.—Henriques IV, esse rei que em suas expressões, tão bem revelava a virtude e a bondade da sua alma, tinha mui energica razão de dizer: „Tomão-se mais moscas com uma colher de mel, que com vinte toneis de vinagre.

253. Duzentesimo quinquagesimo terceiro.

Fôra um domingo pregar o arcebispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, como costumava, a um logar do termo, e vinha-se recolhendo para o convento: encontrou pelo caminho muitos pobres, que o esperavão em paradas. Depois que dispendeu o que trazia, não o largava uma pobre mulher, amontoando lastimas, e dizendo que tinha concertada para casar uma filha orphã, e que á mingua de uma pobre camazinha deixava de estar amparada: que por amor de Deos lhe desse ajuda para ella, e, se lha dava, fizesse conta que elle a casava. Pouco bastava para mover o arcebispo a similhantes obras: mas tomava-o em tempo, que nem era senhor de dinheiro bastante para esmola crescida como esta, nem o esperava tão cedo. Foi cuidando, que poderia fazer para não perder o lanço de remediar a orphã, e consolar a mãe, que não cessava de o importunar e amesquinhar-se. Em fim mandou-lhe que á bocca da noite se achasse aopé da janella da sua cella, que alguma peça lhe buscaria para ajuda do enxoval; e informou-a bem do logar, aonde havia de ir, para se não errarem. Tanto que forão ditas vesperas e completas, recolheu-se na cella a dar ordem ao comprimento do concerto. Fechou-se por dentro, dobrou a cama inteira, em que dormia, e sem deixar peça de fóra liou-a apertadamente. Anoiteceu, poz-se em vigia esperando pela sua Thysbe ou Hero, por cujos amores se apercebião settenta annos, para dormir aquella noite sobre uma tabóa nua, e para lograr tal mimo, andava naquelles furtos e cautellas. Não foi

descuidada a boa velha, que de longe e muito antes da hora aprazada, estava com olhos de lince na janella: tanto que reconheceu o arcebispo nella, e viu o tempo accomodado para o negocio ter o segredo encommendado, chegou-se aopé da janella, e, feito signal, recebeu a trouxa, que o arcebispo lhe lançou. Levou a pobre mais do que esperava, deu o arcebispo tudo o que possuia, ella foi rica, elle ficou sem ter com que se cobrir.

Druck von G. W. Leske in Darmstadt.





